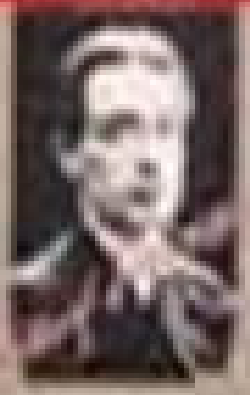
Steiner



As manifestações do carma

As Manifestações Do Carma

Rudolf Steiner

Os aspectos decisivos do destino humano

16 de maio de 1910

Natureza e significado do carma

Este ciclo de conferências versará sobre questões do âmbito da Ciência Espiritual profundamente incisivas na vida. Das diversas exposições feitas no passado, já sabemos que a Ciência Espiritual não deve constituir uma teoria abstrata, uma mera doutrina ou ensinamento, e sim um manancial para a vida e o desempenho nela — só cumprindo sua tarefa quando, mediante os conhecimentos que propicia, flui para nossas almas algo capaz de tornar nossa vida mais rica e mais compreensível e nossas almas diligentes e ativas. Ora, se quem aderir a esta nossa cosmovisão mantiver diante de si esse ideal que acabamos de caracterizar em poucas palavras, procurando verificar o quanto écapaz de realizar nesta vida o que lhe aflui da Antroposofia1, talvez sua impressão venha a ser bem pouco satisfatória; pois ao considerarmos despreconcebidamente tudo o que hoje o mundo acredita 'saber' e que impele os homens atuais a determinados sentimentos ou atos, poderíamos dizer que tudo isso é infinitamente distante das idéias e dos ideais antroposóficos, e que o antropósofo não tem possibilidade alguma de intervir diretamente na vida com o conteúdo haurido das fontes da Ciência Espiritual. Contudo, essa seria uma consideração bem superficial— superficial porque, em tal consideração, não teria sido levado em conta algo que temos de extrair de nossa própria cosmovisão, de forma a dizer o seguinte: se realmente as forças que assimilamos por meio da Antroposofia forem suficientemente vigorosas, tam-bém elas encontrarão a possibilidade de intervir no mundo; caso, porém, nada se fizesse para intensificá-las cada vez mais, sua intervenção no mundo seria impossível.

Contudo, existe ainda outra coisa que, por assim dizer, pode trazer-nos consolo mesmo que fiquemos desconsolados por tal observação: trata-se justamente do que nos resultará das considerações efetuadas neste ciclo de conferências — considerações sobre o chamado carma humano e sobre o carma em geral; pois a cada hora que aqui passarmos, mais claro nos ficará que nunca será suficiente o

[1] Nesse ano de 1910, o Autor ainda se referia à Ciência Espiritual como 'Teosofia'. Nesta tradução, o termo 'Teosofia' é sempre substituído por 'Antroposofia', conforme empregado por ele nos anos posteriores. (N.T.)

Acervo Virtual Espírita

nosso empenho em criar oportunidades para intervirmos na vida com forças antroposóficas; e veremos que, acreditando e persistindo seriamente no carma, teremos de presumir que cedo ou tarde o próprio carma nos fará enfrentar situações que apelem a essas forças. Se viermos a supor ainda não sermos capazes de empregar as forças obtidas de nossa cosmovisão, será porque ainda não as teremos fortalecido o bastante para permitirem que o carma nos possibilite intervir com elas no mundo. Portanto, estas palestras não deverão conter apenas uma soma de conhecimentos sobre o carma; cada uma delas deverá despertar mais confiança nele, ou seja, a certeza de que, no momento oportuno — amanhã, depois de amanhã ou dentro de muitos anos —, nosso carma nos trará tarefas na medida em que tivermos de executá-las como adeptos de nossa cosmovisão. O carma se nos apresentará como uma doutrina não apenas nos dizendo como certos fatos se comportam no mundo, mas também qual satisfação e elevação da vida ela própria nos pode trazer simultaneamente aos esclarecimentos proporcionados.

Contudo, se ao carma cabe cumprir tal tarefa, a lei que lhe é implícita deve ser examinada mais profundamente em sua, por assim dizer, abrangência universal. Para tanto é necessário algo que, em verdade, não costumo fazer em minhas considerações espirituais: dar uma definição, uma explicação vocabular. Não costumo fazer isto, pois, via de regra, explicações vocabulares não resolvem muito. Em nossas considerações, geralmente iniciamos descrevendo fatos; e, estando estes corretamente agrupados e ordenados, surgem espontaneamente os conceitos e representações mentais. Se, para as questões mais abrangentes que teremos de discutir nos próximos dias, quiséssemos seguir um caminho semelhante, deveríamos dispor de muito mais tempo do que nos éoferecido. Daí ser necessário darmos, para melhor compreensão, se não uma definição, ao menos uma espécie de descrição do conceito que nos ocupará por mais tempo. Definições só têm por objetivo a compreensão do sentido inerente a este ou aquele termo que se emite ou exprime. Nesta linha, darei uma caracterização do conceito ‘carma’ para sabermos do que estaremos falando quando, nestas conferências, a expressão ‘carma’ for utilizada.

A partir de todo tipo de considerações, certamente cada um de nós já formou um conceito de carma. Uma noção bastante abstrata de carma consiste em considerá-lo como ‘lei espiritual de causalidade’, lei segundo a qual certas causas situadas na vida espiritual seriam seguidas de certos efeitos. Contudo, este é um conceito por demais abstrato de carma, por ser em parte muito estreito e, em parte, demasiadamente amplo. Se quisermos considerar o carma uma lei de causalidade, equiparemo-lo ao que, no mundo, chamamos normalmente de lei da causalidade ou lei de causa e efeito. Entendamo-nos um pouco acerca do que normalmente compreendemos por lei causal no âmbito genérico, quando ainda não falamos em fatos e acontecimentos espirituais.

Acervo Virtual Espírita

Atualmente se insiste em afirmar, com bastante freqüência, que o verdadeiro significado da ciência exterior reside no fato de esta se basear na ampla lei da causalidade, reconduzindo, em qualquer área, efeitos a causas correspondentes. A respeito de como ocorre essa recondução de efeitos a causas , os homens têm idéias bem menos claras — pois ainda hoje é certamente possível encontrar, em livros que se crêem eruditos e pensam estar expondo conceitos de forma claramente filosófica, afirmações como esta: "Um efeito é aquilo que decorre de uma causa." Contudo, ao se afirmar que um efeito decorre de uma causa, fala-se com desconhecimento total dos fatos. Se, por exemplo, considerarmos o raio solar que incide sobre uma chapa de metal e a faz esquentar, falaremos então de causa e efeito no mundo exterior; mas acaso poderemos dizer alguma vez que o efeito — o aquecimento da chapa metálica — tem como causa o quente raio solar? Se o raio solar já tivesse em si tal efeito, não existiria o fato, já que o raio não aquece uma chapa de metal sem encontrá-la em seu caminho. No mundo dos fenômenos inorgânicos ao nosso redor, para um efeito se seguir a uma causa é sempre necessário que algo venha ao encontro desta; se isso não ocorrer, nunca se poderá dizer que um efeito se segue a uma causa. Não é supérfluo partirmos de tal observação, aparentemente bastante filosófica e abstrata; pois se quisermos progredir frutiferamente no campo da Antroposofia, teremos de acostumar-nos a conceber conceitos bem definidos, e não da maneira negligente como, às vezes, eles são concebidos nas outras ciências.

Entretanto, ninguém poderia falar em carma no caso de um efeito simples como o aquecimento de uma chapa de metal por um raio de sol. Aí existe realmente a causalidade, a relação entre causa e efeito, mas nunca chegaríamos a um conceito conveniente de carma falando de carma somente nessa área. Não podemos, pois, falar de carma quando existe uma mera relação de causa e efeito.

Agora podemos prosseguir e formar um conceito mais elevado da relação entre causa e efeito. Se, por exemplo, tivermos um arco, esticarmos este arco e, com ele, arremetermos uma flecha, a ação de esticá-lo produzirá um efeito. Esse efeito da flecha arremetida, em relação à sua causa, tampouco poderá ser denominada com a expressão 'carma', como no caso anterior. Entretanto, se considerarmos outro aspecto desse processo já estaremos, de certa forma, aproximando-nos do carma, embora ainda não com um entendimento de seu conceito: basta imaginarmos que o arco, tendo sido esticado muitas vezes, torna-se frouxo; então ao que o arco faz, ao que acontece com ele, segue-se não-apenas um efeito dirigido para fora, mas um efeito que retroage sobre o próprio arco. Pelo tensionamento contínuo do arco, algo acontece ao próprio arco — algo resultante do tensionamento recai, por assim dizer, sobre o próprio arco; portanto, é alcançado um efeito que recai sobre o objeto causador desse efeito.

Bem, isto já faz parte do conceito de carma. Sem ser produzido um efeito que recaia sobre o objeto ou ente causador desse efeito, sem essa propriedade da

Acervo Virtual Espírita

retroação do efeito sobre o ente causador, não se pode conceber o conceito de carma. Portanto, já nos acercamos mais do conceito de carma à medida que compreendemos o fato de o efeito causado por um objeto ou ente retroagir sobre o próprio objeto ou ente. Mas mesmo assim o afrouxamento do arco, decorrente de seu contínuo tensionamento, não pode ser chamado de carma do arco, e pelo seguinte motivo: se esticarmos com bastante freqüência o arco durante três ou quatro semanas e ele se tornar frouxo, teremos nele algo totalmente diferente do arco bem tenso de quatro semanas atrás; o arco veio a ser outro, deixou de ser o mesmo. Portanto, se o efeito retroativo altera totalmente o objeto ou ente, fazendo do objeto ou ente algo completamente diverso, não podemos ainda falar em carma. Só podemos falar em carma quando a retroação atingiu o mesmo ser e quando ele, ao menos em certo sentido, permaneceu o mesmo.

Com isto nos acercamos um pouco mais do conceito de carma; mas, no fundo, teremos uma idéia bem abstrata de carma se quisermos descrever seu conceito deste modo. Ainda assim, se quisermos concebê-lo abstratamente nos será difícil concebê-lo de maneira mais precisa do que a recém-empregada; só que ao conceito de carma teremos de acrescentar ainda um aspecto: quando o efeito retroativo sobre o ente ocorre de maneira simultânea, ou seja, quando a causa e o efeito retroativo ocorrem ao mesmo tempo, dificilmente podemos falar em carma. É que neste caso o ente emissor do efeito teria desejado, no fundo, produzi-lo de forma imediata, prevendo o efeito e conhecendo todos os elementos que conduzem a ele. Sendo este o caso, não falemos em carma. Assim, por exemplo, não falaremos em carma se diante de nós um indivíduo cometer determinado ato tencionando um resultado previsto, e se este ou aquele efeito — segundo sua intenção — ocorrer como ele desejou. Isto significa que entre a causa e o efeito deve existir algo que se subtraia imediatamente ao ente quando da produção da causa: a relação entre causa e efeito existe de fato, mas sem ser propriamente tencionada pelo próprio ente. Não havendo, de parte deste, a intenção dessa relação, a razão de existir uma ligação entre causa e efeito reside em outro lugar, e não nos propósitos do ser em questão. Isto significa que essa razão reside num conjunto de leis. Portanto, também faz parte do carma o fato de a relação entre causa e efeito estar sujeita a um conjunto de leis que ultrapassa as intenções imediatas do ser.

Reunimos, assim, alguns elementos capazes de esclarecer-nos o conceito de carma. Temos, porém, de integrar todos esses elementos ao conceito de carma, e não permanecer numa definição abstrata — caso contrário não poderemos compreender as manifestações do carma nos diversos âmbitos do mundo. Cabe-nos, inicialmente, procurar essas manifestações onde pela primeira vez nos defrontamos com o carma: na vida humana individual.

Será que podemos, e quando, encontrar na vida individual do homem o que acabamos de expor com nossa elucidação do conceito de carma?

Acervo Virtual Espírita

Acervo Virtu

Podemos perguntar-nos: ora, acaso tudo o que realizamos na vida entre o nascimento e a morte retroage de maneira igual sobre nosso corpo etérico? Já na vida comum se pode perceber uma enorme diferença, na retroação sobre nossa própria estrutura interior, entre o que vivencíamos como homens conscientes e muitas outras vivências. Disso resulta um fato altamente interessante, perfeitamente possível de ser esclarecido pela Ciência Espiritual, mas que também pode ser compreendido pela razão. No decurso de sua vida, o homem tem um grande número de vivências que ele assimila conscientemente e relaciona com seu eu. Nele estas se transformam em representações mentais, que ele então processa. Imaginem, porém, agora a quantidade inumerável de vivências, experiências e impressões que nem chegam a transformar-se em representações, estando, contudo, presentes no homem e atuando sobre ele. Muitas vezes acontece de alguém nos dizer "Hoje eu o vi na rua, e você até me olhou", sendo que não temos conhecimento algum do fato. Isto acontece muitas vezes. Naturalmente o evento causou uma impressão — nossos olhos viram o outro —, mas a impressão não chegou a transformar-se em representação mental. Há inúmeras impressões desse tipo, de modo que nossa vida, em verdade, decompõe-se em duas partes: numa série de vivências anímicas, constituída de representações conscientes, e em outra que nunca levamos totalmente à consciência clara. Porém há ainda mais diferença: podemos facilmente distinguir entre as impressões, obtidas em nossa vida, passíveis de serem recordadas — ou seja, impressões causadas em nós de modo a sempre poderem incidir na recordação —, e as impressões das quais não podemos recordar-nos.

Nossa vida anímica se decompõe, portanto, em categorias bem diferentes. E a diferença entre as diversas categorias será, de fato, notável se considerarmos o efeito sobre a essência interior do homem. Detenhamo-nos agora, por alguns minutos, na vida do homem entre o nascimentos e a morte. Observando-a rigorosamente, veremos existir uma enorme diferença entre as representações que sempre podem recair em nossa consciência e as que foram esquecidas, não tendo propriamente desenvolvido uma capacidade de recordação. Essa diferença pode ser facilmente esclarecida pelo seguinte:

Pensem numa impressão que lhes tenha suscitado uma representação clara. Suponhamos ser uma impressão que lhes haja provocado alegria ou dor, isto é, uma impressão acompanhada de um sentimento. Tenhamos bem em mente que a maioria das impressões — na realidade, todas as impressões causadas em nós — são acompanhadas de sentimentos. Os sentimentos não se manifestam somente na superfície consciente da vida, mas atuam profundamente até no corpo físico. Basta os Senhores lembrarem como uma impressão os faz empalidecer, outra enrubescer. As impressões atuam até no deslocamento do sangue.

Acervo Virtual Espírita

E passemos agora ao que nem chega à consciência, ou apenas o faz fugidiamente, não levando à recordação. Aí a Ciência Espiritual nos mostra que tais impressões não são, de modo algum, menos acompanhadas de estímulos semelhantes do que as conscientes. Ao recebermos do mundo exterior uma impressão que nos teria assustado se recebida conscientemente, talvez até fazendo palpitar nosso coração, a mesma não permanece sem efeito, embora não se torne consciente: além de efetivar-se, alcança também o corpo físico. Então surge até o fato característico de uma impressão que suscita uma representação consciente encontrar uma espécie de resistência ao penetrar na organização humana mais profunda; quando, porém, a impressão simplesmente atua em nós sem que a levemos à representação consciente, nada a detém, mas nem por isso ela é menos atuante. A vida humana é muito mais rica do que o que conscientizamos dela.

Existe uma época na vida humana em que tais impressões, atuando de maneira tão viva sobre a organização humana e sem ter qualquer capacidade de recordação, são vivenciadas em medida partícularmente intensa. Em todo o período desde o nascimento até o momento inicial da recordação, foram causadas no homem inúmeras impressões ricas, que estão assentadas nele e também o transformaram nesse período. Elas atuam tal qual as impressões conscientes; mas, mormente ao terem sido esquecidas, nada se lhes contrapõe daquilo que normalmente se forma dentro da vida anímica como representação consciente, formando assim uma espécie de barreira. Mas podemos encontrar, na vida exterior, múltiplas confirmações de existirem momentos, na vida humana, em que se manifesta o segundo tipo de efeitos interiores. Não podemos explicar certos eventos da vida humana mais tardia. Não conseguimos explicar por que isto ou aquilo tem de ser vivido de determinada maneira. Pode ocorrer, por exemplo, de algo nos causar uma impressão tão estremecedora que não consigamos explicar como uma vivência relativamente sem importância possa provocar isso. Investigando o caso, talvez descubramos ter-nos ocorrido uma vivência semelhante — mas que ficou esquecida —justamente naquele período crítico entre o nascimento e o mais longínquo momento até o qual conseguimos remontar com nossa memória. Nenhuma representação restou a esse respeito; contudo, naquele~tempo tivemos uma impressão que nos abalou — ela continuou vivendo em nós e juntou-se à impressão recente, reforçando-a. Dessa maneira, algo que agora normalmente nos teria abalado muito menos causa uma impressão particular-mente forte.

Quem reconhecer isso fará uma idéia de quão cheia de responsabilidade é a educação durante a primeira infância, e de como algo projeta na vida, posteriormente, luzes ou sombras extremamente significativas. Portanto, algo que ocorreu anteriormente atua mais tarde na vida.

Ora, pode ocorrer de tais impressões da infância — mormente tendo-se repetido — influenciarem toda a disposição de vida; dessa maneira, a partir de certo

Acervo Virtual Espírita

momento sobrevém uma dissonância anímica inexplicável, só esclarecida ao recordarmos e verificarmos quais acontecimentos de épocas anteriores projetam suas luzes ou sombras mais tarde; pois são elas que agora se manifestam por uma persistente desarmonia anímica. Descobriremos então que atuam de maneira particularmente intensa os acontecimentos não transcorridos de modo indiferente à criança, tendo, isso ssim, causado nela impressão especial. Poderemos, portanto, dizer que quando afeições, sensações e sentimentos atuaram particularmente nas impressões esquecidas mais tarde, essas afeições e efusões sentimentais atuarão muito especialmente no surgimento de vivências semelhantes.

Lembrem-se agora das descrições que freqüentemente fiz acerca da vida durante o período do kamaloka. Depois de abandonar seu corpo etérico qual um segundo cadáver, o homem revive toda a sua vida passada, recapitulando todas as vivências que teve nela; porém não as revive de maneira que elas lhe permaneçam indiferentes. É justamente durante o período do kamaloka, pelo fato de o indivíduo ainda possuir seu antigo corpo astral, que as vivências passadas produzem os mais profundos sentimentos. Imaginemos, por exemplo, uma pessoa que morra aos setenta anos e reviva sua vida até o momento em que, aos quarenta anos, deu uma bofetada em alguém. Aí ela experimenta a dor que causou no outro; isso provoca uma espécie de auto-repreensão, que remanesce como anseio; e esse anseio a pessoa leva consigo à vida seguinte, a fim de compensar o ato durante a vida. Como tais experiências astrais ocorrem no período efltre a morte e o novo nascimento, os Senhores compreenderão que os atos por nós vívenciados se gravem tão segura e profundamente em nosso ser interior, contribuindo para a edificação da nova corporalidade. Se determinados fatos já nos podem tocar tão intensamente na vida comum — mormente sendo impressões do sentimento — a ponto de causar um distúrbio anímico, compreendemos que as impressões vividas no kamaloka, por serem muito mais intensas, possam gravar-se fortemente de modo a atuar de modo profundo na organização do corpo físico, numa nova encarnação. Vemos aí a intensificação de um fenômeno que se revela à observação mais atenta já durante a vida entre o nascimento e a morte. As representações frente às quais a consciência não ergue barreira alguma poderão levar a anomalias mais sérias na alma: à neurastenia, a fenômenos neuropatológicos, possivelmente também a doenças mentais. Todos esses fenômenos se nos apresentam como relações causais entre acontecimentos anteriores e posteriores, fornecendo-nos um quadro evidente disso.

Se quisermos intensificar o conceito, poderemos dizer que nossas realizações representadas por atos durante a vida se metamorfoseiam, na vida depois da morte, numa poderosa sensação emocional; e essa sensação emocional, que agora não é atenuada por qualquer representação física, não sendo tampouco obstruída por qualquer consciência comum — pois aqui o cérebro não é

Acervo Virtual Espírita

necessário —, e sim vivenciada pela outra forma da consciência, de ação mais profunda, faz com que nossos atos e todo o nosso ser da vida anterior se manifestem em nossa disposição e em nosso organismo numa nova existência. Por isso poderemos achar compreensível que um indivíduo, tendo sido muito egoísta em seu modo de pensar, sentir e agir numa encarnação, fique permeado por um poderoso sentimento de repulsa em relação a seus atos anteriores ao se defrontar, depois da morte, com os frutos de seu pensar, seu sentir e seu agir egoístas. Eis o que de fato ocorre. O indivíduo recebe, em si, tendências dirigidas contra sua própria natureza. E essas tendências, caso tenham nascido de um caráter egoísta na vida anterior, se manifestarão como natureza frágil na nova vida. 'Natureza frágil' significa aqui a essência do indivíduo, e não a impressão exterior. Precisamos, pois, ter em mente que uma natureza frágil pode ser carmicamente atribuída a um comportamento egoísta numa vida anterior.

Prossigamos. Imaginemos um indivíduo que exiba, numa vida, uma tendência especial à mentira. Este é um pendor oriundo de um substrato mais profundo da alma. Ora, se uma pessoa se entregar somente ao que há de mais consciente em sua vida, realmente não mentirá; somente emoções e sentimentos que atuam a partir do subconsciente induzem à mentira. Aí temos algo situado mais profundamente. Se o indivíduo tiver sido mentiroso, seus atos advindos da mentira produzirão, na vida após a morte, as mais violentas reações emocionais contra a própria pessoa, vindo a aparecer uma forte tendência contrária à mentira. Aí — segundo nos evidencia a Ciência Espiritual — o homem trará para a vida futura não apenas uma natureza frágil, mas um organismo por assim dizer irregularmente estruturado, exibindo órgãos internos desordenadamente construídos na estrutura mais sutil. Nesse caso as coisas não se harmonizam de maneira correta. Isso está condicionado ao antigo pendor para a mentira. Ora, de onde veio o próprio pendor para a mentira? — pois na tendência a mentir o indivíduo já possui algo que tampouco é correto.

Nesse caso, temos de remontar ainda mais longe. A Ciência Espiritual mostra que uma vida leviana desconhecendo dedicação e amor, uma vida superficial numa encarnação, manifesta-se na tendência à mentira na encarnação seguinte; e a tendência à mentira mostra-se, na segunda encarnação subseqüente, nos órgãos desordenadamente construídos. Podemos, dessa forma, acompanhar carmicamente três encarnações sucessivas em seus feitos: superficialidade e leviandade na primeira encarnação, tendência a mentir na segunda e disposição física para doenças na terceira.

Aí vemos o carma atuar na saúde e na doença. O que acaba de ser dito o foi da maneira como os próprios fatos foram extraídos da pesquisa espiritual. Não se trata de apresentar teoria; são casos observados, podendo ser examinados pelos métodos da Ciência Espiritual.

Acervo Virtual Espírita

Portanto, apontamos primeiramente os fatos mais corriqueiros — as forças curatívas do corpo etérico nas plantas. Mostramos em seguida que o corpo etérico dos animais é menos atuante devido à presença do corpo astral. E vimos ainda como, pelo recebimento do eu — que desenvolve uma vida individual no bem e no mal, na verdade e no erro —, o corpo astral, que só inibe as forças curativas na medida da ascensão na hierarquia animal, acrescenta ao homem algo novo: as influências cármicas patológicas, que a ele afluem da vida individual. Na planta ainda inexistem causas patogênicas interiores, porque a doença ainda está no exterior e as forças curativas do corpo etérico atuam com todo o seu vigor. Nos animais inferiores temos ainda um corpo etérico dotado de forças curativas tais que lhe faculta até mesmo a regeneração de membros; mas quanto mais acima observamos, tanto mais o corpo astral se imprime no etérico, reduzindo-lhe com isso as forças curativas. Porém como os animais não se reproduzem em reencarnações, o que está contido no corpo etéríco não se liga a quaisquer qualidades morais, intelectuais ou individuais, mas à espécie. No homem, entretanto, o que ele vivencia em seu eu, entre o nascimento e a morte, atua até no corpo etérico.

Por que as vivências da infância, nas assim chamadas impressões anímicas, manifestam-se apenas por doenças leves? Porque poderemos encontrar as causas de muito do que se manifesta como neurastenia, neurose, histeria, e assim por diante, na mesma vida. Mas as causas de doenças mais graves terão de ser procuradas numa vida anterior, pois só na passagem para um novo nascimento é que as vivências morais e intelectuais podem transplantar-se ao corpo etérico. De um modo geral, o corpo etérico do homem não pode manter incorporadas, durante uma vida, influências mais profundas de ordem moral, embora ainda venhamos a conhecer algumas exceções — e até casos bastante significativos.

Temos, assim, uma relação entre nossa vida no bem e no mal, na moral e no intelectual numa encarnação e nossa saúde ou doença na seguinte.

19 de maio de 1910

Cura e incurabilidade em relação ao carma

É de pressupor que precisamente sobre os dois conceitos que constituirão o tema de nossa palestra de hoje — a curabilidade e a incurabilidade de doenças — reinarão idéias mais claras e, pode-se dizer, mais humanitárias quando as idéias de carma e de relações cármicas na vida tiverem conquistado espaço em círculos mais amplos. Pode-se dizer, a respeito dos conceitos de curabilidade e incurabilidade de doenças, que opiniões as mais diversas foram difundidas nos diferentes séculos; e não é preciso retroceder muito no tempo para constatar quão profundamente essas opiniões se modificaram.

Acervo Virtual Espírita

Houve uma época — trata-se da virada entre a Idade Média e a Idade Moderna, mais ou menos no século XVI ou XVII — em que se desenvolveu paulatinamente a hipótese de se poder limitar rigorosamente as formas de doenças, existindo, para a cura de cada uma delas, uma erva qualquer, uma poção qualquer, por cujo intermédio a doença em questão seria incondicionalmente curada. Essa crença perdurou, no fundo, por muito tempo, adentrando até mesmo o século XIX. E se, como leigos ou como pessoas que assimilaram os conceitos de hoje, quiséssemos ler os relatos de tratamentos médicos do fim do século XVIII ou do começo do século XIX, e até de épocas adiantadas do mesmo, ficaríamos pasmos com todos os remédios e paliativos que eram então largamente empregados — de chás e poções a medicamentos perigosos, sangrias e assim por diante. Mas foi justamente o século XIX que inverteu nos círculos médicos — em verdade, nos círculos médicos respeitáveis —, essa mentalidade para o pólo oposto. Posso até dizer que em minha juventude conheci muitas dessas opiniões opostas, sob as mais diversas formas e nuanças. A oportunidade para tal se ofereceu quando se chegou a conhecer, por exemplo, a corrente da escola médica nihilista, que se preparou em Viena em meados do século XIX e ganhou cada vez mais prestígio. O ponto de partida para uma mudança radical de opinião quanto ao conceito de curabilidade e incurabilidade de doenças foram as descobertas do famoso médico Dietl9, relativas à evolução da pneumonia e de doenças similares. Ele havia chegado, por várias considerações, à conclusão de que não se podia notar, no fundo, qualquer influência verdadeira deste ou daquele medicamento sobre a evolução desta ou daquela doença. E foi justamente sob a influência da escola de Dietl que os jovens médicos de então passaram a julgar o valor curativo dos medicamentos surgidos há séculos conforme o conhecido provérbio: Kräht der Hahn auf dem Mist, so ändert sich das Wetter, oder es bleibt wie es ist! [Se do alto da estrumeira o galo se põe a cantar, o tempo logo muda ou então fica como está!]. Segundo eles, era bastante indiferente, para o decurso de uma doença, ministrar ou não este ou aquele remédio. E Dietl compilou uma estatística, bem convincente aos olhos daquela época, segundo a qual o chamado ‘tratamento expectante’, por ele introduzido, teve como resultado que um número mais ou menos igual de pacientes atingidos por pneumonia sarou ou morreu, em comparação à terapia tradicional com os remédios vetustos. O tratamento expectante, concebido por Dietl e levado adiante por Skoda10, consistia em conduzir os doentes a situações exteriores de vida que os colocassem em condições de fazer o melhor uso possível de suas forças autocurativas, buscando-as em seu organismo; e o médico mal tinha outra função senão a de

[9] Joseph Dietl (1804—1878), médico pneumologista, professor e escritor, foi representante de um nihilismo crasso. (Cf. N.E. orig.)

[10] Joseph Skoda (1805—1881), médico e professor, inaugurou a moderna diagnose com seu trabalho intitulado ’Sobre percussão e auscultação’ (1839). (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

supervisionar a evolução da doença e estar presente caso acontecesse algo permitindo uma ajuda objetiva com recursos humanos. Afora isso, limitava-se a observar a evolução da doença e a esperar que as forças autocuratívas proviessem do organismo, até que a febre cedesse após algum tempo e a autocura surgisse pela via orgânica.

Essa escola médica era e ainda hoje continua sendo chamada de 'escola nihilista', pois baseava-se numa frase do professor Skoda que dizia mais ou menos o seguinte: "Talvez possamos aprender a diagnosticar doenças, a descrevê-las e, talvez, ainda a explicá-las — mas curá-las, isso não podemos fazer!" Estou-lhes contanto coisas das quais os Senhores precisam tomar conhecimento como sendo fatos ocorridos durante o século XIX, podendo assim ter noção de como mudaram as idéias nessa área. Ninguém creia que, se certas coisas são expressas aqui como pura narração, seja logo preciso tomar partido neste ou naquele sentido. Obviamente, a sentença do famoso professor Skoda era algo radical, e seria fácil mostrar os limites dentro dos quais tal sentença é válida. Todavia essa opinião indicava algo, sem que na verdade se dispusesse dos meios para conscientemente fundamentá-las de algum modo, circunscrevê-la ou formulá-la em palavras — nem mesmo concebê-la em pensamentos; ou seja, nos círculos em que a referida sentença fora pronunciada, nem se podia pensar em cogitá-la. Fora indicada a provável existência, no homem, de algo que em certo sentido seria decisivo para a origem e o decurso de uma doença — algo que, no fundo, ultrapassaria os limites da capacidade da ajuda humana.

Portanto, indicava-se algo que transcende a ajuda humana; indo-se realmente ao fundo, essa indicação não poderia referir-se a outra coisa senão à lei do carma e à atuação do carma no decorrer da vida humana. Ao acompanhar o decurso de uma doença na vida humana — o surgimento da doença, a germinação das forças curativas a partir do próprio organismo —, ao acompanhar a evolução da cura, seremos levados a procurar uma subordinação a leis mais profundas, principalmente quando notamos, após um exame imparcial, como num caso sobrevém a cura enquanto em outro nenhuma cura parece possível. Será que essa subordinação a leis mais profundas pode ser procurada nas vidas terrenas anteriores do indivíduo? Eis, para nós, a questão. Acaso se pode dizer que o indivíduo já traga consigo certas condições prévias que o tornem diretamente predestinado a, num caso específico, poder convocar no organismo suas forças de cura — as quais, em outro caso, estejam de tal forma predeterminadas que ele, não obstante todos os esforços, não tenha condições de curar a doença?

Lembrando o que foi exposto, principalmente ontem, os Senhores entenderão que a individualidade humana recebe forcas bastante peculiares por meio dos fatos ocorridos entre a morte e o novo nascimento. Dissemos que durante o período do kamaloka surgem, diante da alma do indivíduo, os acontecimentos de sua última vida, seus atos bons e maus, as qualidades de seu caráter, etc.; que, pela visão de sua própria vida, ele assimila a tendência a remediar e

Acervo Virtual Espírita

compensar tudo o que nele é imperfeito e se manifestou como ação incorreta, bem como a inculcar em si as qualidades que, nesta ou naquela área, tornam-no mais perfeito. Tendo entendido isso, poderemos dizer que o homem conserva essa intenção, essa tendência, levando-a à nova vida quando nela entra por um novo nascimento. Mas é o próprio indivíduo quem edifica o novo corpo que o envolverá e dele fará parte na nova vida; e edificao na medida das forças trazidas de biografias anteriores e do período entre a morte e o novo nascimento. Essas forças de que está dotado, ele as entretece à sua nova corporalidade. Entendemos, nesta altura, que a nova corporalidade será fraca ou vigorosa conforme o indivíduo possa entretecer a ela forças débeis ou vigorosas. Cumpre estarmos cônscios de que surgirá um certo efeito quando, por exemplo, um indivíduo houver percebido, durante o período do kamaloka, ter cometido na última vida muitos atos sob a influência de suas emoções — ira, medo, repulsa, etc. Tais atos estão bem vivos ante sua alma no período do kamaloka, formando-se então nessa alma o seguinte pensamento (as expressões que nos podem ocorrer com relação a essas forças são, naturalmente, cunhadas para a vida física!): "Precisas providenciar, em ti, algo para que te tornes mais perfeito neste particular, para que no futuro não mais te inclines a cometer atos sob influência de tuas paixões!" Este pensamento torna-se parte da individualidade anímica humana e, durante a passagem por um novo nascimento, se gravará no corpo em formação qual uma força. E para esse corpo flui, assim, a tendência a realizar, em toda a natureza composta dos corpos físico, etérico e astral, algo que agora torne impossível ao indivíduo cometer certos atos sob o impulso de suas emoções — ira, ódio, inveja, etc. —, capacitando-o realmente a tornar-se mais perfeito nesse sentido. Isto o levará a realizar novas ações, agora capazes de compensar ações anteriores. Assim a partir de uma razão muito superior à sua razão comum, o homem se deixa permear pela intenção que poderá conduzi-lo a uma perfeição maior em determinada área e à compensação de determinadas ações. Considerando quão variada é a vida e como o indivíduo, dia após dia, comete ações do tipo que exige tal compensação, compreende-se haver na alma grande número de tais pensamentos esperando por compensação, quando a alma entra na existência através de um novo nascimento; e que esses múltiplos pensamentos se cruzam, conferindo aos corpos físico e etérico uma configuração onde se acham entretecidas todas essas tendências. Para compreender melhor, tomemos um caso particularmente característico. Faço questão de realçar — hoje mais enfaticamente do que costumo fazer — que evito falar com base em teorias ou hipóteses e, ao citar exemplos, só o faço mencionando os que estão bem comprovados pela Ciência Espiritual.

Suponhamos alguém que tenha agido, em sua vida anterior, a partir de um egotismo11 excessivamente fraco, a partir de um egotismo [insuficiente] que

[11] Sentimento do próprio eu. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

lhe tenha permitido exceder-se em dedicação ao mundo exterior, revelando uma falta de independência ou uma autoperda impróprias para o ciclo atual da humanidade. Foi, pois, a ausência do sentimento de si própria que levou a pessoa a estas ou aquelas atitudes numa encarnação. Então, durante o período do kamaloka, ela se defrontou com as ações decorrentes dessa falta de sentimento de si própria. A partir disso, assimila primeiramente a tendência a desenvolver forças que lhe elevem o egotismo, criando, na próxima encarnação, oportunidades para fortalecê-lo e como que educá-lo contra a resistência de sua corporalidade — contra as forças que lhe advêm dos corpos físico, etérico e astral. Deve ser criado um novo corpo, que lhe demonstre como a disposição para um fraco sentimento de si próprio atua a partir da corporalidade!

O que vier a ocorrer na encarnação seguinte encontrará pouco na consciência, desenrolando-se mais ou menos numa região subconsciente. O indivíduo em questão procurará uma encarnação que justamente oponha a seu egotismo os mais fortes obstáculos, de modo que lhe seja necessário submeter o sentimento de si próprio a elevadas tensões. Em conseqüência disso, a pessoa em questão será como que magnetícamente atraída para locais ou situações que lhe oponham obstáculos profundos, em que seu egotismo deva esgotar-se em oposição à organização dos três corpos. Pode parecer estranho, mas individualidades oneradas por tal carma, que se esforçam da maneira caracterizada para entrar na existência através do nascimento, procurarão o acesso a oportunidades em que possam ser expostas, por exemplo, a uma epidemia como a de cólera — pois esta lhes oferece a oportunidade de encontrar os obstáculos recém-descritos. A experiência anterior da luta contra a resistência oferecida pelos três corpos no doente pode causar, na encarnação seguinte, um crescimento considerável do egotismo.

Vejamos outro caso significativo, agora oposto ao primeiro, para permitir-lhes verificar a inter-relação. Um indivíduo constata, no período do kamaloka, que cometeu uma série de atos sob um egotismo muito forte, oriundos de uma confiança excessiva. Ele vê que deve moderar-se em relação a seu sentimento de si próprio, que deve contê-lo. Precisará então procurar uma oportunidade em que seus três corpos lhe ofereçam, na próxima encarnação, a possibilidade de o egotismo, por mais que se exceda, não encontrar na corporalidade limitação alguma, podendo ingressar no âmbito do espantoso e chegar às raias do absurdo. As condições para tal produzem-se quando o indivíduo em questão éatraído para uma oportunidade de contrair a malária.

Nesse caso os Senhores se defrontam com uma doença advinda da atuação cármica, e até mesmo com a constatação de que, no fundo, o homem é conduzido a situações onde possa desenvolver-se no decorrer de seu carma, e tudo isso conforme uma inteligência superior à que ele pode abranger com sua consciência comum. Tendo em vista o que acaba de ser dito, os Senhores facilmente entenderão o caráter epidêmico das doenças. Poderíamos citar os mais

Acervo Virtual Espírita

variados exemplos de como o homem, a partir das experiências de seu período do kamaloka, procura francamente a oportunidade de contrair esta ou aquela doença a fim de, pela superação da mesma e pelo desenvolvimento das forças autocurativas, ganhar as energias que o conduzirão adiante em seu trajeto de vida.

Há pouco eu disse que o indivíduo, tendo atuado muito sob a influência de emoções, no período do kamaloka vivencíará igualmente atos realizados sob a mesma influência. Isso lhe conferirá a tendência a vivenciar em sua nova encarnação, em sua própria corporalidade, algo para cuja superação ele realizará atos que possam compensar certas ações de sua vida anterior. Trata-se especialmente daquela forma de doença conhecida hoje por difteria, apresentando-se em muitos casos incluindo uma complicação cármica pelo fato de o indivíduo, em sua vida anterior, ter agido freqüentemente sob a influência de toda sorte de impulsos, emoções e assim por diante.

No decorrer destas conferências , ainda ouviremos muito a respeito de como esta ou aquela doença é demandada. Hoje, porém, temos de investigar mais profundamente a seguinte questão: se por meio de seu carma, ao entrar na existência pelo nascimento, uma pessoa traz a tendência a alcançar esta ou aquela meta pela superação deste ou daquele sofrimento, como pode ocorrer de uma vez ela realmente conseguir sair vencedora, superando a doença e assimilando forças que a fazem progredir, ao passo que de outra vez sucumbe e a doença sai vencedora? Para tentar uma resposta, precisamos voltar aos princípios espirituais que, de forma geral, possibilitam ao homem ficar doente.

A possibilidade de o homem adoecer e poder procurar diretamente o adoecimento — até mesmo a partir de seu carma — provém, em última análise, dos princípios que já várias vezes tivemos em conta nos mais variados contextos de nossas considerações antroposóficas. Sabemos que, em dado momento da evolução terrestre, introduziram-se no desenvolvimento humano as forças que chamamos de luciféricas, pertencentes a entidades que se atrasaram na fase evolutiva da antiga Lua e que, por assim dizer, não progrediram o suficiente para alcançar o grau de desenvolvimento que lhes teria sido normal na Terra. Devido a tal fato, algo oriundo desses seres luciféricos foi implantado no corpo astral do homem antes que seu eu houvesse atingido a capacidade de atuar de acordo com sua natureza. A influência desses seres luciféricos se exerceu, pois, principalmente sobre o nosso corpo astral, permanecendo nele durante a evolução subseqüente do homem. Essa influência luciférica tem, na evolução do homem, muitos significados. Para o fim que hoje nos ocupa, é importante ressaltar que, por conter em si forças luciféricas, o homem possuía em seu interior uma tentação para ser menos bom do que teria sido sem a vinda da influência de Lúcifer; da mesma maneira, portanto, ele sofria a influência para agir e julgar mais a partir de toda sorte de emoções, paixões e cobiças do que na ausência de tal atuação. Graças a essa influência, a individualidade humana foi

Acervo Virtual Espírita

levada a ser diferente — por assim dizer, a abandonar-se mais ao que poderíamos chamar de mundo das paixões do que teria ocorrido de outro modo. Por isso o homem foi muito mais profundamente envolvido com o mundo físico da Terra do que em outras circunstâncias. Sob a influência luciférica ele penetra mais a fundo em sua corporalidade, identifica-se mais com ela — pois do contrário não sentiria a tentação de cobiçar muitas coisas; passaria indiferente pelas impressões desta ou daquela tentação. A influência de Lúcifer fez nascer as tentações do mundo sensorial exterior; o homem assimilou-as, e a individualidade, proporcionada pelo eu, ficou embebida dos efeitos emanados do princípio luciférico. E assim aconteceu que o homem, em suas primeiras encarnações terrenas, também sucumbiu às primeiras tentações do princípio luciférico, levando-as às suas vidas subseqüentes. Em outras palavras, a maneira como o homem sucumbiu às tentações do princípio luciférico tornou-se parte de seu carma.

Tivesse absorvido apenas esse princípio, o homem iria sucumbir cada vez mais às seduções do mundo físico terrestre; ele teria, por assim dizer, perdido cada vez mais a perspectiva de voltar a livrar-se desse mundo físico. Sabemos que a influência posterior, a influência do Cristo, atuou em sentido contrário ao do princípio luciférico, reconduzindo-o por assim dizer ao equilíbrio, de modo que no decurso de sua evolução o homem readquiriu meios de expulsar de si essa influência luciférica. Mas houve ainda outra coisa advinda dessa influência. Tendo-a assimilado em seu corpo astral, o homem obteve, de todo o mundo exterior, uma visão bem diferente da que teria não se entregando a ela. Lúcifer compelia o interior do homem. Olhando para o mundo ao redor, o homem, com Lúcifer em seu interior, tinha seu olhar perturbado, e a influência de Ármã imíscuiu-se nas impressões exteriores do mundo terreno. Arimã só pôde imiscuir-se e transformar o mundo exterior em ilusão porque anteriormente já havíamos desenvolvido, em nosso interior, a tendência à ilusão, a maya. Assim, a influência arimânica que penetrou no mundo circundante exterior aos homens era uma conseqüência da influência luciférica. Podemos dizer que, contendo em si as forças luciféricas, o homem absorveu a possibilidade de enredar-se mais no mundo sensorial do que o teria feito sem a influência de Lúcifer. Com isso, no entanto, criou também a possibilidade de absorver, junto com todas as percepções exteriores, a influência de Arimã. E assim a influência luciférica vive na individualidade humana enquanto esta atravessa as diferentes encarnações terrenas; e, como conseqüência da influência luciférica, vive nela também a influência arimânica. Estas duas potências estão em constante luta na individualidade humana, que se tornou, assim, o palco da luta entre Lúcifer e Arimã.

Também em nossos dias o homem continua exposto, com sua consciência comum, tanto às tentações de Lúcifer — que atua a partir das paixões e emoções de seu corpo astral — como também às tentações de Arimã, que se

Acervo Virtual Espírita

infiltra de fora por intermédio dos erros e ilusões relativos ao mundo exterior. Enquanto o homem, vivendo numa encarnação, instalar uma barreira por meio de representações, de modo que as influências luciféricas e arimânicas não possam penetrar mais fundo por encontrarem nelas um obstáculo — enquanto isso perdurar, tudo o que o homem fizer ficará sujeito ao julgamento moral e intelectual. Enquanto, entre o nascimento e a morte, o homem pecar contra a moral — seguindo Lúcifer — ou pecar contra a lógica e o pensar sadio — seguindo Ármã —, isso permanecerá como um assunto da vida anímica consciente comum. Mas quando o homem atravessa o portal da morte cessa a vida de representações, ligada ao instrumento do cérebro. Começa então uma outra forma de vida da consciência. Aí tudo o que, na vida entre o nascimento e a morte, estava sujeito ao julgamento moral ou racional, desce efetivamente à profundidade da entidade humana e intervém no que depois, após o kamaloka, atua de maneira organizadora em relação à existência seguinte e se fixa nas forças plásticas que constroem a tríplice corporalidade do homem. Então, erros resultantes do fato de o indivíduo se entregar a Ármã transformam-se em forças patológicas que o contaminam a partir do corpo etérico; e as digressões, isto é, as coisas que na vida estão sujeitas ao julgamento moral, tornam-se causas de enfermidades mais atuantes a partir do corpo astral.

Vemos assim como, de fato, nossos erros, induzidos pelo elemento arimânico em nós — e acrescentem-se também os erros conscientes, como mentiras e inverdades — tornam-se causas de doenças quando efetivamente não nos atemos a uma encarnação, e sim considerarmos o efeito de uma encarnação sobre a seguinte; e vemos como também as influências luciféricas se transformam em causas de doenças, pelo mesmo caminho. Podemos, pois, afirmar que nossos erros não ficam impunes! Levamos a marca dos nossos erros para nossa próxima encarnação, mas fazemo-lo a partir de uma racionalidade superior à de nossa vida normal — a partir da racionalidade que nos induz, durante o período entre a morte e o novo nascimento, a nos tornarmos fortes a ponto de não nos expormos mais àquelas tentações. Assim, doenças se incorporam à nossa vida até como poderosas educadoras. Considerando as doenças sob esse prisma, podemos realmente ver como influências luciféricas ou arimânicas são atuantes em sua formação. No dia em que essas coisas forem compreendidas pelos que desejam ser terapeutas inspirados na cosmovisão da Ciência Espiritual, as influências desses terapeutas sobre o organismo humano serão muito mais profundas do que podem ser hoje em dia.

Podemos, justamente nesse sentido, discernir a essência de certas formas de doenças. Tomemos, por exemplo, uma doença como e pneumonia. Na seqüência cármica, ela é um efeito do fato de o indivíduo, durante seu período no kamaloka, ter a visão retrospectiva de um caráter dado a excessos sensuais — o qual tinha, por assim dizer, necessidade de viver sensualmente. Não devemos confundir o que é imputado a uma consciência anterior com o que

Acervo Virtual Espírita

surge na consciência da encarnação seguinte. Nenhuma relação existe entre ambos. Em compensação, o que o indivíduo vê durante o período do kamaloka se transformará de modo a lhe serem inculcadas forças que lhe possibilitarão superar a pneumonia. Ora, é justamente na superação da pneumonia, na autocura em que o indivíduo empenha seus esforços que a individualidade humana se opõe aos poderes luciféricos, travando com estes uma autêntica guerra. Por isso, na superação da pneumonia está a oportunidade de se depor o que, numa encarnação anterior, foi um defeito de caráter. Assim, o que vemos atuar de fato, na pneumonia, é a luta do homem contra os poderes luciféricos.

A situação é outra quando vemos aparecer, na chamada tuberculose pulmonar — quando as forças autocuratívas entram em ação —, curiosos processos manifestos pelo fato de as influências prejudiciais que aí surgem serem cercadas, margeadas por envoltórios semelhantes a tecido conjuntivo; depois, o todo é preenchido por uma substância constituída de sais de cálcio, que formam incrustações sólidas. O homem pode possuir tais incrustações em seus pulmões, e há mais pessoas portadoras delas do que normalmente se imagina; são as pessoas cujo pulmão tuberculoso atingiu a cura. Onde isso houver ocorrido, terá havido outra luta da entidade humana interior contra a intromissão de forças arimânicas. É um processo de defesa dirigido para fora, uma luta contra o que é trazido pelo materialismo exterior, com a finalidade de conduzir, nesse sentido, à autonomia da entidade humana.

Com isto mostramos como, de fato, os dois princípios — o arimânico e o luciférico — atuam, em última análise, no processo patológico. Poderíamos mostrar, sob muitos aspectos, com relação a esta ou aquela enfermidade, como na verdade deveríamos distinguir entre dois tipos de doenças: as doenças luciféricas e as arimânicas. Levando-se isto em conta, seria também possível chegar aos princípios corretos para a ajuda adequada aos doentes. Ora, doenças luciféricas exigirão ajuda bem diferente do que as arimânicas. Se ainda hoje são empregadas indiscriminadamente — por exemplo, em tratamentos exteriores — forças contidas na atual eletroterapia, na hidroterapia, etc., cumpre dizer que a Ciência Espiritual pode esclarecer de antemão qual o método a ser empregado, depois de se haver distinguido tratar-se de uma doença luciférica ou arimânica. Ninguém deveria, por exemplo, aplicar o processo de eletroterapia em doenças de origem luciférica, mas somente em enfermidades arimânicas — pois, no caso de uma doença luciférica, jamais pode trazer ajuda algo que nada tenha a ver com a atuação de Lúcifer: é o caso dos princípios da eletricidade, que pertencem ao âmbito dos seres arimânicos. Obviamente isto não significa que só as entidades arimânicas se sirvam das forças da eletricidade. Em compensação, uma área preferencial de Lúcifer é a que se refere, grosso modo, ao frio e ao calor. Faz parte do âmbito de Lúcifer tudo o que se relacione com o aumento ou a queda da temperatura do organismo humano e com os efeitos do frio ou calor

Acervo Virtual Espírita

nele, produzidos por influências exteriores. Quando o calor e o frio estão envolvidos, o tipo de doença é luciférico.
Vemos, pois, como o carma atua no adoecimento e na superação da doença. Nesta altura não mais parecerá incompreensivel que a curabilidade ou a incurabilidade de uma doença também esteja contida no carma. Se tivermos em mente que o objetivo cármico do adoecimento é desenvolver e aperfeiçoar o indivíduo, a premissa será que o indivíduo, pela racionalidade que traz consigo o período do kamaloka, tendo sido acometido por uma doença desenvolva, ao entrar em nova existência, forças curativas que impliquem num fortalecimento de sua essência interior e na possibilidade de um crescimento. Suponhamos que, em virtude de seu organismo e do resto de seu carma, ele tenha forças, combinadas ao que adquiriu pela doença, para progredir na própria vida a ser percorrida. Então a cura tem sentido e sobrevém — sendo que, neste caso, o indivíduo realizou o que lhe cumpria realizar, manifesto pela ocorrência da doença. Pela superação da doença ele se colocou em condições de possuir forças perfeitas onde, anteriormente, possuíra forças imperfeitas. Se por seu carma ele estiver munido de tais forças e, pelas circunstâncias favoráveis de seu destino anterior, estiver colocado no mundo em posição de empregar as novas forças e de atuar em proveito próprio e de outros, a cura sobrevirá: ele conseguirá sair-se bem na doença.
Suponhamos, agora, que o indivíduo tenha superado a doença e desenvolvido as forças curativas, vendo-se, a partir de então, diante de uma vida que lhe apresente exigências impossíveis de satisfazer com o grau de perfeição já adquirido por ele. A doença curada lhe teria permitido atingir algo, mas ainda não o suficiente — pois seu carma restante não o permitiria — para, com o que adquiriu, atuar em benefício de outros. Neste caso, seu subconsciente mais profundo dirá: “Aqui não tens oportunidade de acolher toda a força do que, em verdade, deves ter; tiveste de entrar nesta encarnação porque precisavas adquirir a medida de perfeição possível de ser adquirida apenas no corpo físico, pela superação de uma doença. Isto tu tinhas de alcançar, mas não consegues desenvolver-te mais além. Tens, então, de procurar condições em que teu corpo físico e outras forças não te perturbem e onde possas elaborar livremente o que ganhaste na doença.” Em outras palavras, essa individualidade procurará a morte para, entre a morte e o novo nascimento, continuar trabalhando o que não pôde elaborar na vida entre o nascimento e a morte. Tal alma atravessa a vida entre a morte e um novo nascimento para, com as forças redobradas que adquiriu pela superação da doença, continuar a desenvolver sua entidade e, assim, poder atuar mais na nova vida. Dessa forma, a presença de uma doença pode efetivamente provocar uma espécie de pagamento parcial que só será completado, no que lhe concerne, após a passagem pela morte.
Considerando o assunto sob esse ângulo, teremos de dizer que no carma surge, plenamente fundamentado, o motivo pelo qual uma doença termina com a cura

Acervo Virtual Espírita

e outra com a morte. Considerando as doenças dessa forma, obteremos, de um ponto de vista mais elevado e por meio do carma, uma espécie de reconciliação, uma profunda reconciliação com a vida — pois sabemos que na lei do carma está contido o fato de, embora uma doença acabe em morte, o indivíduo ser beneficiado; e que mesmo em tal caso a doença tem o objetivo de elevar o homem. Todavia, ninguém deve concluir disto que seria conveniente desejar a morte em certos casos de doença. Ninguém poderia dizer isto, pois a decisão a respeito do que deve acontecer — se a cura ou a incurabilidade —cabe a uma inteligência superior à que podemos abranger com nossa consciência comum. Com nossa consciência comum temos de restringir-nos a permanecer, em questões desse tipo, no mundo entre o nascimento e a morte. Com nossa consciência superior podemos colocar-nos no ponto de vista de até mesmo aceitar a morte como uma dádiva das forças espirituais superiores; mas com a consciência que deve ajudar a intervir na vida não podemos ter a pretensão de colocar-nos nesse ponto de vista superior. Aí poderíamos facilmente incorrer em erro e intervir de maneira inconveniente em algo em que nunca poderíamos intervir: na esfera da liberdade humana. Se pudermos ajudar alguém para que desenvolva as forças de autocura, ou se formos em socorro da própria natureza a fim de que a cura se realize, temos de fazê-lo; e se for necessário decidir sobre se o indivíduo deve continuar a viver ou se será mais favorecido pelo advento da morte, a decisão nunca poderá ser outra senão a de ajudar no sentido da cura. Se nossa ajuda tiver essa função, deixaremos à própria individualidade do homem usar suas forças, e a ajuda médica não poderá ser outra senão a de apoiá-la nesse esforço. Então ela não estará atuando sobre a individualidade humana. A situação seria bem diferente se favorecêssemos a incurabilidade de um indivíduo de maneira que ele procurasse seu progresso num outro mundo. Aí estaríamos intervindo em sua individualidade e entregando-a a uma outra esfera de atuação. Nesse caso teríamos imposto nossa vontade àindividualidade do outro. Tal decisão, temos de deixá-la à própria individualidade. Em outras palavras: devemos fazer todo o possível para que aconteça a cura — pois todas as considerações que conduzem a uma cura emanam da consciência justificada para a Terra; todas as outras medidas transcenderiam nossa esfera terrena, atingindo um plano onde devem intervir forças diferentes das que correspondem à nossa consciência normal.

Como se vê, a correta compreensão cármica da curabilidade e da incurabilidade de doenças nos leva a fazer tudo ao nosso alcance para ajudar o homem enfermo. Por outro lado, faz também com que aceitemos, conformados, uma outra decisão tomada em outras esferas. Com relação a essa outra decisão, nem precisamos assumir atitudes diferentes. Precisamos, sim, encontrar um critério fazendo com que a incurabilidade de uma doença não nos deprima, como se houvesse no mundo somente o imperfeito, o mau e o nocivo. A compreensão cármica não paralisa nossa energia dedicada à cura. Por outro lado, ela nos

Acervo Virtual Espírita

reconduzirá à harmonia com o mais difícil destino relativo à incurabilidade desta ou daquela doença.
Assim, vimos hoje como só a compreensão cármica nos permite interpretar e entender corretamente o decurso de uma doença pela compreensão de como os efeitos cármicos de nossas vidas anteriores atuam na atual.
Ora, cumpre-nos distinguir entre duas formas particulares de doenças: as provenientes do interior do ser humano, parecendo especialmente trazidas pelo carma, e as doenças que nos atingem aparentemente por acaso, quando sofremos lesões exteriores ou quando algo acontece conosco. Numa palavra, trata-se da seguinte questão: como podemos chegar a uma compreensão cármica mesmo quando, por exemplo, caímos sob as rodas de um trem? Ou seja, como devemos entender enfermidades 'casuais' à luz do carma?

20 de maio de 1910

Doenças naturais e acidentais em relação ao carma

O conteúdo da conferência de ontem é de grande importância, tanto para nossas próximas considerações como também para a compreensão das relações cármicas em geral. Por isso — devido a essa importância incisiva —, permitam-me resumi-lo hoje, mais uma vez, em seus aspectos principais.
Partimos do fato de que as idéias sobre cura e medicamentos haviam mudado de forma bastante radical, no século passado, dentro de um lapso de tempo razoavelmente curto. E chamamos a atenção para o modo como, nos séculos XVI e XVII, formou-se uma concepção fundamentada no seguinte: para cada doença que fosse designada por um nome e que se acreditasse poder circunscrever conceitualmente, dever-se-ia encontrar um ou outro medicamento no mundo. E acreditava-se com segurança que, caso fosse empregado o medicamento correspondente, este deveria ter uma influência no decurso da doença. Então ressaltamos como essa concepção se manteve mais ou menos até o século XIX; mas depois apontamos a concepção diametralmente oposta, que se manifestou principalmente no nihilismo da escola vienense de medicina, iniciado pelo famoso médico Dietl e continuado por Skoda e seus diversos discípulos. E caracterizamos a orientação nihilista dizendo que esta não só começou a ter profundas dúvidas sobre a relação absoluta entre este ou aquele remédio, esta ou aquela técnica terapêutica e a doença em si; mais ainda: ela nem queria ouvir falar de tal relação. Os jovens médicos influenciados por essa escola chegaram então ao conceito da assim chamada 'autocura'. O próprio Skoda pronunciou a sentença tão significativa para essa escola: "Podemos diagnosticar uma doença, talvez possamos também descrevê-la e explicá-la; mas remédio contra ela, isso nós não temos.'' Esta orientação teve seu ponto de partida na demonstração feita por Dietl segundo a qual, no tratamento

Acervo Virtual Espírita

‘expectante’, uma doença como a pneumonia evolui de modo a, dentro de certo tempo, desenvolver as forças autocurativas, bastando que se criem as condições necessárias para isso. E ele conseguiu demonstrar estatisticamente que, no tratamento ‘expectante’, tantos indivíduos eram curados ou morriam quantos os tratados com os medicamentos habituais. Naquela época, a designação ‘nihilismo terapêutico’ não era inteiramente injustificada, pois constituía absoluta verdade o fato de os médicos dessa escola não terem como se proteger contra a opinião dos doentes, segundo a qual deveria haver um remédio, uma receita. Os doentes e seus familiares não condescendiam: tinham de ser receitados remédios, e os adeptos da referida escola valiam-se então do expediente de receitar goma arábica finamente diluída; segundo eles, o efeito seria igual ao dos remédios receitados antigamente. A partir disso, aprendemos a reconhecer como justamente os fatos da ciência moderna nos impelem ao que se poderia chamar de relação cármica na vida, pois surgiu a necessidade de respondermos à pergunta: como ocorre, de fato, o que se poderia chamar de ‘autocura’? — ou, melhor dito: por que ocorre? E, por que, em outro caso, a autocura ou uma cura qualquer não pode apresentar-se?

Se toda uma escola, liderada por corifeus da medicina, podia conceber o conceito da autocura, uma pessoa que refletisse sobre o assunto deveria concluir: no processo patológico é despertado, portanto, algo que leva à superação da doença! E isto deveria ter levado a uma investigação das causas mais ocultas da evolução da doença. Ora, tentamos expor como tal relação cármica com o decurso da doença pode ser procurada no contexto do desenvolvimento da humanidade. Mostramos que, sem dúvida, as realizações do indivíduo em sua vida normal — representadas por atos bons e maus, sensatos e absurdos —, suas vivências em julgamentos corretos e incorretos, nada disto penetra muito fundo nas bases da natureza humana. E evidenciamos a razão pela qual o que, na vida comum, está sujeito ao julgamento moral, intelectual e sentimental permanece só na superfície da vida comum, nao estando sujeito à lei que pudemos apontar no outro caso e que visa a influir sobre as forças mais profundas da natureza humana. Mostramos que existe uma espécie de obstáculo à penetração da imoralidade nas forças mais profundas do organismo. E essa resistência contra a penetração, nas forças do nosso organismo, daquilo que fazemos e pensamos, reside no fato de acompanharmos nossas ações, realizadas entre o nascimento e a morte, com nossas representações mentais conscientes. Ao acompanharmos uma ação ou outra vivência com uma representação consciente, criamos uma barreira contra a possibilidade de o resultado de nossos atos retroagir sobre nosso organismo.

Em seguida apontamos o significado cabível às vivências que foram irremediavelmente esquecidas. Neste caso, não mais existe a possibilidade de fazê-las ascender de volta ao nível da vida mental consciente; a respeito de tais vivências, teríamos de dizer que, como lhes falta a barreira da representação

Acervo Virtual Espírita

mental, de certa maneira elas penetram em nossa organização interior, podendo ali atuar junto às forças plasmadoras do nosso organismo. E pudemos mencionar as formas de doenças que se situam ainda mais na superfície: neurose, neurastenia e outras semelhantes; até mesmo estados histéricos encontram aí uma elucidação. Dissemos que se deve procurar as causas de tais estados nas representações esquecidas, que se desprenderam do complexo da consciência e mergulharam no íntimo e, qual incrustações em nossa vida anímica, fazem-se valer como doenças. Apontamos a enorme importância do período decorrido entre o nascimento e o ponto que o homem consegue alcançar na recordação retroativa de suas vivências passadas; e evidenciamos como o que foi anteriormente esquecido continua atuando no organismo vivo enquanto, por assim dizer, une-se às forças orgânicas mais profundas, influenciando, a partir daí, nossa entidade. Portanto, antes de poder atuar sobre ela, um conjunto de representações, uma série de vivências deve mergulhar nas camadas mais profundas do nosso ser.

Em seguida mostramos que esse mergulho é mais profundo quando o homem já atravessou o portal da morte e está percorrendo a existência entre a morte e o novo nascimento. Aí todas as vivências, em suas qualidades, metamorfoseiam-se nas forças que agora atuam de maneira organizadora. E o que o homem percebeu e sentiu na época entre a morte e o novo nascimento, ele o integra às forças plasmadoras que participam da nova construção do corpo quando o indivíduo, agora, penetra numa nova existência. Aí ele tem, contido nas forças plasmadoras, o resultado do que antes ainda se achava em sua vida anímica, quiçá até mesmo em sua vida consciente de representações mentais.

E então pudemos mostrar que o homem, com sua vida de representações mentais permeada pelo eu, oscila entre duas influências: a luciférica e a arimânica. Quando o indivíduo comete um erro provocado por atributos de seu corpo astral — por paixões perniciosas, ira e coisas semelhantes —, ele é impelido a agir por poderes luciféricos. Quando, depois, esses atos seguem o caminho que acaba de ser descrito e se transformam em forças formativas, temo-las nas forças plasmadoras que, a partir de então, permanecem na base da nova corporalidade como causas de doenças luciféricas. Vimos, também, como o homem é sujeito às forcas arimânicas, que atuam mais de fora para dentro. E dissemos também, das influências arimânicas, que estas se transformam em forças formativas, forças plasmadoras do novo organismo que surge quando o indivíduo entra na existência através do nascimento. E, à medida que influências de Árimã se misturam às forças plasmadoras, podemos falar de disposições para doenças de caráter arimânico.

Vimos, em seguida, exemplos de como atuam as forças assim formadas. Dei exemplos radicais de sua atuação, pois nestes a idéia se manifesta de maneira mais nítida. Falei do indivíduo que em sua vida anterior só realizou atos possíveis de levá-lo a um sentimento de si próprio e a uma autoconfiança bem

Acervo Virtual Espírita

escassos, tendo preparado seu eu de maneira a fazer pouco caso de si mesmo, ficando sempre em generalidades e assim por diante. Tal indivíduo assume, após a morte, a tendência a superar aquela resistência e a acolher forças que o capacitarão mais tarde, no decurso da encarnação, a fortalecer e aperfeiçoar seu eu. Isto atua de tal maneira que ele então procurará situações propícias à luta contra aquilo a que seja bom opor-se com um fraco sentimento de si próprio, de modo que este possa fortalecer-se no obstáculo. E é verdade que uma tendência desse tipo faz com que o indivíduo procure, por assim dizer, oportunidades para infeccionar-se com a cólera — pois nela se lhe apresenta algo que lhe oferece a oportunidade de superar aquelas resistências. E nessa superação reside o que, na próxima encarnação ou também pela cura surgida na mesma encarnação, pode levar a um sentimento mais forte de si próprio ou a forças que o farão amadurecer pouco a pouco por meio da auto-educação. Também dissemos como, numa doença como a malária, é dada a oportunidade de compensar algo que, numa vida anterior, a alma desenvolveu como um excessivo sentimento de si própria, por meip de seus atos e sentimentos.

Aqueles, dentre os presentes, que participaram de considerações anteriores sobre nossa vida antroposófica podem ter uma noção mais clara do que aí ocorre. Sempre dissemos que o eu do homem encontra sua expressão física no sangue. Ora, as duas doenças mencionadas relacionam-se com o sangue e suas leis; essa relação é tal que, no caso da cólera, ocorre um adensamento do sangue: é esse adensamento que deve ser considerado como a resistência pela qual o fraco sentimento de si próprio deve passar e na qual deseja educar-se. Da mesma maneira, uma espécie de desintegração do sangue ocorre na malária: um sentimento de si próprio excessivamente forte precisa da possibilidade de ser levado ao absurdo de, na desintegração do sangue, um eu excessivamente forte ser conduzido, em sua exaustão, à nulidade. Isto é oferecido pela desintegração do sangue. Naturalmente as coisas, no organismo, têm uma interligação extremamente íntima; mas observando-as mais de perto chegaremos a entendê-las melhor.

De tudo isso resultou-nos o seguinte: quando temos um organismo formado por uma alma tendente a superar este ou aquele aspecto numa ou noutra direção, essa tendência leva o homem a cunhar em si próprio a possibilidade da doença, mas também a possibilidade de lutar contra ela, pois a doença não é suscitada por qualquer outra razão que não a de ter a possibilidade da cura. E a cura ocorrerá quando o indivíduo, em conformidade com seu carma total, pela superação da doença em questão adquirir forças tais que possa realmente evoluir, no restante da vida até à morte, por seu trabalho no plano físico. Ou seja: se as forças a serem despertadas forem bastante intensas para, no plano físico, o indivíduo também poder alcançar o que provocou o aparecimento da doença, ele continuará trabalhando justamente com as forças aumentadas que lhe afluíram do processo de cura, as quais ele antes não possuía. Porém a

Acervo Virtual Espírita

situação de seu carma geral pode ser tal que ele haja tencionado configurar seu organismo de modo a, pela superação da doença em questão, adquirir forças que o levem ao aperfeiçoamento; mas, pela multiplicidade das coisas, pode ser que ele haja simultaneamente deixado o organismo enfraquecer-se em outro sentido: então poderá surgir o caso em que as forças despendidas e empregadas pelo indivíduo no processo de cura o fortaleçam, porém não à altura dos trabalhos que dele se esperam no plano físico. Então ele usará a parte já adquirida — por não ser ela utilizável no plano físico — quando atravessar o portal da morte, procurando acrescentar às suas forças o que não conseguiu acrescentar no plano físico, a fim de usar essas forças na configuração do próximo corpo, ao voltar a nascer.

Resta-nos ainda falar das formas de doenças que não levam nem a uma cura total nem à morte, mas a estados crônicos, a uma espécie de estado doentio ou coisa semelhante. Reside aí algo cujo conhecimento, no sentido mais elevado, é de grande importância para a maioria das pessoas. Nesses casos ocorre que, pelo processo de cura, sem dúvida o que penetrou nos envoltórios do corpo humano foi suficiente apenas para, em certo sentido, superar a doença. Em outro sentido, porém, ela não foi superada; isto significa que o necessário equilíbrio entre o corpo etérico e o corpo físico foi, com efeito, alcançado, porém não o equilíbrio do que era desarmônico entre o corpo etérico e o corpo astral. Isto permaneceu, e o indivíduo oscila entre a tentativa de curar-se e a incapacidade de conseguilo. Em tal caso, é sempre de suma importância que ele tire o melhor proveito possível do resultado obtido em termos de cura verdadeira. E isto é o que menos acontece na vida, pois justamente no caso de doenças que se tornam crônicas o homem se encontra num verdadeiro círculo vicioso. Se em tal caso o indivíduo estivesse em condições de isolar a parte de sua organização que experimentou uma certa cura, fazendo-a por assim dizer viver por si; e se pudesse retirar dela o que ainda rumoreja e não está em ordem — e que, neste caso, habitualmente se contrapõe mais ao anímico interior —, muito faria em ajuda própria. Contra isso, porém, atuam as coisas mais variadas, mormente o fato de o homem, após passar por uma doença qualquer que haja deixado um estado patológico crônico, viver continuamente sob as influências desse estado e — se é que posso expressar-me rudemente — nunca conseguir esquecê-lo por completo, nunca conseguir chegar concretamente ao ponto de isolar o que nele ainda não está sadio, de retirá-lo dessa condição e tratá-lo por si; ao contrário: pensando constantemente na outra parte de sua entidade, volta como que a levar sua parte sadia a algum tipo de relação com a parte antes doente, irritando-a de novo. Trata-se de um processo todo peculiar. Para torná-lo mais claro, vou descrever os fatos do ponto de vista da Ciência Espiritual, tal como a consciência clarividente os vê quando alguém atravessou urna doença e reteve algo que se pode descrever como sendo crônico. Aliás, o mesmo também ocorre quando, não tendo havido urna enfermidade particularmente aguda, algo crônico aparece

Acervo Virtual Espírita

sem que algo agudo haja sido percebido em particular. Pode-se então ver de fato, na maior parte dos casos, que um certo equilíbrio instável se evidencia entre os corpos físico e etérico, um vaivém indevido de forças, mas com o qual é possível viver. Durante essa oscilação de forças do corpo etérico e do corpo físico, o indivíduo fica constantemente irritado e, por isso,imerso em estados permanentes de excitação. A consciência clarividente vê esses estados de excitação emergir continuamente do corpo astral e penetrar incessantemente na parte meio doente e meio sã do organismo, produzindo dessa forma um equilíbrio que não é estável, mas lábil. Por meio dessa penetração dos estados astrais de excitação, a condição humana, que de outra forma poderia ser muito melhor, torna-se de fato muito agravada. Neste caso, peço-lhes considerar que a atividade do astral não coincide com a consciência, e sim de preferência com as excitações anímicas interiores, cuja existência o paciente não quer reconhecer. Como, neste caso, o efeito obstrutivo das representações mentais não existe, esses estados e emoções, os abalos de alma, os constantes estados de aborrecimento, de descontentamento e tédio não atuam sempre corno forças conscientes,mas corno forças vitais e plasmadoras que se localizam nas profundezas da essência humana e irritam constantemente a parte meio sadia e meio doente. Se o paciente em questão tivesse a força de vontade e a cultura anímica necessária para realmente esquecer seu estado pelo menos durante algum tempo, criaria tal satisfação que, a partir dela, poderia buscar a força para prosseguir. Se pudesse esquecer seu estado e resolver decididamente não levá-lo em conta, se pudesse empregar as forças anímicas assim liberadas em conteúdos espirituais, em algo que o elevasse e o satisfizesse interiormente em sua alma, se pudesse libertar essas forças que, de outro modo, estão sempre ocupadas na vivência dos sentimentos de dor, de opressão, de ‘pontadas’ e tudo o mais, isto lhe proporcionaria uma grande satisfação. Ora, quando não experimentamos esses sentimentos, temos as forças livres — elas ficam disponíveis. Obviamente não adianta muito simplesmente dizermos que não queremos mais dar atenção a essa opressão, a essas ‘pontadas’ e assim por diante; pois se não empregarmos as forças assim liberadas em algo espiritual, os mal-estares anteriores logo estarão de volta. Mas se empregarmos essas forças em um conteúdo espiritual que absorva completamente nossa alma, constataremos estarmos atingindo, por um caminho complicado, o que de outro modo nosso próprio organismo conseguiria sem nossa intervenção, pela superação do processo patológico. É claro que o paciente deve ter o cuidado de não preencher sua alma justamente de uma maneira diretamente relacionada com sua doença. Por exemplo, se alguém sofre de um enfraquecimento da visão e, para não pensar na fraqueza de seus olhos, procurar assimilar forças espirituais por meio da leitura, isso obviamente não o conduzirá ao resultado desejado. Nem é preciso ir muito longe para buscar pequenas provas. Cada um pode notar em si próprio que, no caso de uma leve indisposição, muito o ajuda esquecê-la, especialmente quando

Acervo Virtual Espírita

o esquecimento é causado por uma atividade dedicada a outro assunto. Trata-se de um esquecimento positivo, sadio! Temos aí uma indicação de que não somos completamente impotentes contra os efeitos cármicos de erros cometidos no decurso de vidas anteriores, manifestos sob forma de doenças. Com efeito, temos de admitir o seguinte: se reconhecemos que o ocorrido na vida entre os nascimento e a morte, estando sujeito a um julgamento moral, sentimental e intelectual, não pode, numa vida, penetrar tão fundo a ponto de causar uma doença orgânica, mas no período entre a morte e o nascimento pode aprofundar-se suficientemente para provocar enfermidade, então deveria haver também a possibilidade de reverter esse processo para um processo consciente!

A questão pode também ser colocada da seguinte maneira: se doenças ocorrem como efeito cármico de vivências espirituais ou outras, provocadas pela alma ou experimentadas por ela — se, portanto, as doenças são metamorfoses dessas causas —, acaso não poderíamos imaginar — ou constatar por experiência espiritual — que a doença, o produto da metamorfose, é evitável à medida que substituímos o processo de cura, o que é buscado nas regiões orgânicas e trazido sob forma de doença para nossa educação, pela contrapartida espiritual, por seu equivalente espiritual? Que, se formos bastante sábios, a doença poderá ser metarnorfoseada num processo espiritual, e a auto-educação, que devemos realizar por meio da doença, seria realizada pelas forças de nossa alma?

Desejo novamente ilustrar, por meio de um exemplo, que tal alternativa faz parte do mundo real. E mais uma vez quero frisar que só trago exemplos investigados pela Ciência Espiritual; não se trata de apresentações hipotéticas, mas de casos. Por isso não me peçam logo uma lista completa, pois não apresento hipóteses, mas casos que devem ser tomados como tais. Imaginemos que uma pessoa seja acometida de sarampo, já em idade adulta, e que queiramos procurar a relação cármica desse caso. Verificamos, então, que o sarampo ocorreu como efeito cármico de acontecimentos numa vida passada, os quais podemos descrever da seguinte maneira:

Numa vida anterior, a individualidade em questão não mostrou muito interesse pelo mundo externo — estava ocupada consigo mesma, embora não de uma maneira grosseiramente egoísta; uma pessoa, portanto, que refletiu e estudou muito, porém não a respeito dos fatos do mundo exterior, e sim permanecendo confinada em sua própria vida anímica. Hoje também existem muitas pessoas que acreditam poder resolver os problemas do mundo pelo ensimesmar-se, pela cisma. Na individualidade a que me refiro, reinava o anseio de lidar com a vida cismando sobre a melhor maneira de se comportar nesta ou naquela situação. A fraqueza de alma daí resultante no decurso da vida fez com que, na vida entre a morte e o novo nascimento, fossem geradas forças que vieram expor o organismo, numa idade relativamente avançada, a um ataque de sarampo.

Nesta altura cabe uma pergunta: temos, de um lado, o ataque de sarampo, efeito cármico físico de uma vida anterior; mas como se apresenta o estado anímico, já

Acervo Virtual Espírita

que a vida anterior produz, como efeito cármico, também um determinado estado anímico? Ele se apresenta da seguinte maneira:
Na vida em que também ocorreu o ataque de sarampo, a pessoa estava repetidarnente sujeita a ilusões. Essas ilusões devem ser consideradas como conseqüência cármico-anímica dessa vida anterior, e o surgimento do sarampo como conseqüência cármico-física dessa vida. Imaginemos agora que essa pessoa, antes de ter o acesso de sarampo, houvesse conseguido fazer algo para aprimorar-se totalmente, isto é, adquirir tamanha força anímica que não ficasse mais sujeita a qualquer espécie de ilusões. Aí a força anímica assim educada teria impedido a ocorrência do sarampo, pois o que já havia provocado pela formação dessa natureza humana teria encontrado sua compensação mediante as forças anímicas mais intensas, desenvolvidas pela auto-educação. Não posso, naturalmente, falar durante meio ano sobre essas coisas; mas se os Senhores olharem amplamente para a vida e considerarem sob este prisma as particularidades que se apresentam como experiências, irão sempre descobrir que o conhecimento exterior confirma, até nos detalhes, as afirmações feitas aqui. E o que acabo de dizer a respeito do sarampo pode esclarecer por que essa doença faz parte justamente das doenças infantis corriqueiras. Ora, as características a que me referi ocorrem em muitas vidas. Especialmente em determinadas épocas, grassaram em muitas vidas. E quando tal personalidade penetrar na existência, procurará corrigir-se o quanto antes nesse aspecto; no período entre o nascimento e a época normal do surgimento das doenças infantis, passará pelo sarampo com o intuito de exercer uma auto-educação orgânica — pois, via de regra, nessa idade ainda não pode tratar-se de uma educação anímica.
Disso se conclui o seguinte: podemos realmente dizer que, em certo sentido, a doença pode ser revertida para um processo espiritual. Há nisso algo sumamente importante: se esse processo for assimilado pela alma como máxima de vida, produzirá uma concepção que atuará sobre a alma de modo terapêutico. Não é de admirar que, em nossa época, possamos atuar tão pouco sobre as almas. E quem hoje compreender a época, do ponto de vista da Ciência Espiritual, entenderá por que tantos médicos podem ser materialistas, desesperando-se ante uma influência anímica. Ora, a maioria das pessoas não se dedica a algo que contenha uma força frutífera. Toda as bobagens que hoje preenchem a literatura comum nao têm qualquer força frutífera para as almas. Por isso o indivíduo que deseja atuar em prol da Ciência Espiritual sentirá, em sua atividade antroposófica, também algo eminentemente terapêutico, pois os conhecimentos espirituais da humanidade podem, por seu lado, trazer algo capaz de fluir para a alma de modo que a mesma seja afastada do quadro formado pela organização corpórea. Apenas não se deve confundir o que se apresenta no início desse movimento com o que pode ser realmente o mo vimento. Para dentro do movimento antroposófico são trazidas, efetivamente, coisas que também

Acervo Virtual Espírita

grassam no mundo exterior; ou seja: ao tornar-se antropósofos, muitas vezes os homens levam ao encontro da Antroposofia exatamente os mesmos interesses que possuem pelas coisas lá de fora, inclusive todos os maus costumes que lá fora adotam. Muita coisa dos lados sombrios do nosso tempo é levada para dentro dela; mas quando algum desses lados sombrios se manifesta, muita gente afirma que é efeito da Antroposofia — e essa é uma explicação bastante gratuita!

Vendo o fio cármico estender-se de uma encarnação a outra, na realidade captamos só um lado da verdade. Haverá ainda, para quem souber discernir como o fio cármico se estende através das encarnações, muitas perguntas que serão abordadas no decurso destas palestras. Em primeiro lugar, temos de aludir à seguinte questão: como podemos diferenciar entre uma doença para a qual podemos indicar causas exteriores e outra, fixada de tal modo na própria organização humana que se justifique afirmar ter advindo por si, não havendo uma causa exterior?

As coisas não são exatamente assim. Mas de certo lado se justifica afirmar que surgem doenças para as quais o homem, em seu interior, está particularmente predisposto. Para numerosas manifestações patológicas será possível indicar causas exteriores. Temos de invocar causas exteriores, naturalmente não para tudo, mas para muitas coisas que nos sucedem de fora; se, por exemplo, quebrarmos uma perna, teremos de atribuí-lo a causas exteriores. Também temos de acrescentar às causas exteriores o que acontece por meio do clima, e igualmente os inúmeros casos patológicos cujas causas devem ser buscadas nas más habitações urbanas. Aí novamente se nos abre um campo enorme. E para quem vê o mundo com certa experiência, é também explicável que a atual tendência da medicina seja buscar as causas das doenças em influências exteriores, principalmente nos bacilos, a cujo respeito um cavalheiro cheio de espírito12 disse, não sem razão, que hoje em dia as doenças vêm dos bacilos tal qual antigamente se dizia que vinham de Deus ou do Diabo. No século XIII se afirmava que as doenças vêm de Deus, e no século XV que vêm do Diabo; mais tarde se dizia que vinham dos humores, e hoje que vêm dos bacilos. Essas são as opiniões que se revezaram no decorrer dos tempos.

Temos, pois, de falar em causas exteriores da doença ou da saúde humana. E aí o homem contemporâneo pode ser facilmente tentado a empregar uma palavra que, no fundo, é muito apropriada para trazer desordem a toda a nossa visão do mundo. Se alguém perfeitamente sadio entrar numa região infestada pela gripe ou pela difteria e depois adoecer, sendo um homem de hoje ele estará, muito certamente, propenso a dizer que recebeu o germe da doença por ter ido àquela

[12] Alusão a Frederik Troels-Lund (1840-1921), historiador dinamarquês, professor da Academia Militar em Copenhage, cujo livro *Gesundheit und Krankheit in der Anschauung alter Zeiten* (Leipzig, 1901) contém todo um capítulo sobre a origem das doenças. (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

região; então usará facilmente o termo ‘acaso’. Hoje em dia fala-se facilmente em influências casuais.

A palavra ‘acaso’ é uma verdadeira cruz para qualquer cosmovisão. E enquanto não se fizer uma tentativa de ter bem claro em mente o que se designa com tanta facilidade como acaso, tampouco se poderá avançar no sentido de uma cosmovisão razoavelmente satisfatória. Portanto estamos, agora, no ponto de partida do capítulo intitulado ‘Doenças naturais e casuais do homem’. Não podemos prosseguir de outra forma senão tentando introdutoriamente, lançar um pouco de luz sobre a palavra acaso. Não seria o próprio acaso algo que nos devesse trazer desconfiança em relação ao que o homem entende hoje tão facilmente por esse termo? Em certa ocasião já chamei a atenção para o que um homem espirituoso do século XVIII disse certa vez, não sem razão, referindo-se ao costume de se erguerem monumentos a grandes inventores, descobridores, etc.: “Se considerarmos objetivamente o decurso da História, a grande maioria dos monumentos deveria ser erguida em homenagem ao acaso!” Estranhamente, ao estudar História podemos fazer descobertas notáveis acerca do que se esconde por detrás do ‘acaso’. Já lhes contei que a descoberta do telescópio é devida a brincadeiras de crianças com vidros óticos, numa oficina ótica; disso resultou um contexto que levou alguém a construir o telescópio. Poderíamos também citar a famosa lâmpada na catedral de Pisa, que à vista de milhares de pessoas já havia anteriormente realizado suas oscilações com a mesma regularidade com que o fez diante de Galileu.13 Mas foi só Galileu quem examinou a relação entre as oscilações e o andamento de sua circulação sangüínea, descobrindo dessa forma as leis do pêndulo. Sem as leis do pêndulo, toda a nossa vida cultural teria um aspecto diferente. Procurem descobrir um sentido na evolução da humanidade, e depois vejam se ainda se sentem inclinados a dizer que na situação de Galileu, por exemplo, só reinou o acaso, levando-o a essa descoberta tão importante. Tomemos, porém, um outro caso.

Pensemos no que significa a tradução da Bíblia, feita por Lutero14, para todo o mundo da cultura européia; pensemos na profunda influência que ela exerceu sobre o sentimento e o pensamento religioso e, de outro lado, sobre a formação do que chamamos de língua alemã escrita. Quero só apresentar o fato sem interpretá-lo, frisando apenas a profunda influência que exerceu. Os Senhores, porém, precisam tentar ver um sentido naquela educação da humanidade que se realizou no decorrer de vários séculos graças à tradução da Bíblia feita por Lutero. Ao tentarem ver um sentido nisso, considerem — justamente com o que, o mais inteligentemente possível, podem dizer a respeito do sentido da evolução desde os séculos XVI e XVII — o seguinte fato:

Até certo momento de sua vida, Lutero dedicou-se intensamente a tudo o que, pela leitura da Bíblia, pudesse conduzir sua própria personalidade a uma espécie

[13] Galileu Galilei (1564—1642), físico, matemático e astrônomo italiano. (N.E. orig.)
[14] Martinho Lutero (1483—1546), inaugurador da Reforma Alemã. (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

de filiação a Deus. Ele havia passado do hábito dos agostinianos de ler preferencialmente os pais da Igreja para o prazer de ler a própria Bíblia. Tudo passou a favorecer que, em sua alma, o sentimento de filiação divina se inflamasse, tornando-se um sentimento abrangente. Foi nesse contexto que ele se dedicou ao seu magistério teológico no primeiro período de Wittenberg. O fato que desejo agora realçar é o de que Lutero tinha uma certa aversão à obtenção do título de doutor em Teologia. Mas numa conversa casual, ao sentar-se com um antigo amigo do convento dos agostinianos em Erfurt, ele foi realmente persuadido a conquistar o barrete de doutor em Teologia. Isto, porém, significou-lhe voltar uma vez mais ao estudo da Bíblia. Portanto, o fato fortuito de haver reencontrado o amigo levou-o a um novo estudo da Bíblia e ao resultado disso.

Procurem ligar o sentido da evolução dos últimos séculos ao fato de Lutero se haver sentado com esse amigo e se haver deixado persuadir a conquistar o barrete de doutor em Teologia: os Senhores serão então forçados a fazer uma combinação notoriamente estranha entre o sentido da evolução e o evento casual.

Com base no que foi dito, os Senhores chegarão à conclusão de que talvez o acaso pudesse ter um significado diferente do que normalmente se pensa. Normalmente se imagina que o acaso seja algo que, por assim dizer, não se deixa explicar inteiramente pelas leis da natureza, pelas leis da vida, transcendendo o que é passível de explicação. Ao que foi dito adicionemos o fato que já várias vezes nos ajudou a compreender tantos aspectos da vida: o fato de o homem, a partir de sua existência na Terra, ter estado sujeito, em sua individualidade, às forças dos princípios luciféricos e arimânicos. Essas forças e princípios interferem constantemente na existência humana: as forças luciféricas atuam mais apoderando-se do interior do corpo astral humano, enquanto as forças arimânicas atuam mais por meio do que o homem acolhe como impressões exteriores. Naquilo que acolhemos do mundo exterior, residem as forças arimânicas; e naquilo que surge na alma e atua nela como desejo e desinteresse, como paixão e assim por diante, residem as forças luciféricas. Ora, tanto o princípio luciférico como o arimânico nos induzem a ilusões; o princípio luciférico faz com que nos iludamos acerca do nosso próprio interior, faz com que possamos julgá-lo erradamente, vendo nele uma ilusão. Considerando a vida racionalmente, os Senhores não terão dificuldade em avistar essa maya em sua própria vida anímica. Tentem considerar quão freqüentemente o homem procura convencer-se de que faz isto ou aquilo por esta ou aquela razão. Normalmente, porém, ele o faz por uma razão bem diversa, essencialmente mais profunda; mas em sua consciência superior explica a si mesmo, de uma maneira bem diferente, a ação a que é compelido por ira ou paixão. Em verdade, procura decretar a inexistência daquilo que o mundo não aprecia. E quando impelido a algo por motivos bem egoístas, o indivíduo esconderá seus impulsos

Acervo Virtual Espírita

grosseiramente egoístas sob uma fantasia não egoísta, explicando por que a ação teve de ser cometida. Via de regra, ele próprio não sabe que procede dessa maneira. Quando o sabe, surge habitualmente o começo de uma mudança para melhor, com um certo sentimento de vergonha. O pior é que ele é impelido a um ato a partir das profundezas de sua alma, inventado depois um motivo que o teria determinado a agir assim. Isso até os psicólogos modernos já perceberam. Mas é só por haver tão pouca formação psicológica em nosso dias que as verdades assumem formas tão grotescas como no caso dos psicólogos materialistas de hoje. Eles chegam a interpretações deveras peculiares da vida.

Quem, como pesquisador espiritual, se aperceber de tal fato discernirá, naturalmente, seu verdadeiro significado e notará a característica dos elementos agindo juntos: a consciência e o que atua abaixo de seu limiar como causas mais profundas. Defrontando-se, porém, com os mesmos fatos, um psicólogo materialista procederá de maneira diferente; irá logo excogitar uma teoria sobre a diferença entre o pretexto que o indivíduo adota para uma ação e o verdadeiro motivo. Tomando, por exemplo, os suicídios de estudantes, hoje tão notórios, o psicólogo dirá que o pretexto invocado não é o verdadeiro motivo; os verdadeiros motivos estariam situados bem mais profundamente: na maioria das vezes residiriam numa vida sexual transviada. Esses motivos seriam transformados e chegariam à consciência como causas falazes.

Essa interpretação pode até ser correta, em muitos casos; mas o observador dotado de um pensamento psicológico realmente mais profundo nunca fará dela uma teoria geral. Uma teoria dessas pode ser facilmente refutada, pois seu defensor deveria lembrar o seguinte: se, de fato, o caso se apresentar de modo que o pretexto seja nada e o motivo seja tudo, poder-se-ia aplicar isto ao próprio psicólogo, dizendo-lhe: "Também em teu caso, o que aqui apresentas e desenvolves como teoria não passa de pretexto; procurando-se causas mais profundas, aquelas indicadas por ti talvez sejam de idêntica natureza." Se tal psicólogo tivesse aprendido seriamente por que é impossível um julgamento erigido sobre uma conclusão do tipo "Todos os cretenses são mentirosos" sendo um julgamento desse tipo equivocado se emitido por um próprio cretense, ele teria aprendido a razão de ser das coisas, e também por que surgem estranhos círculos viciosos quando, em certas áreas, as afirmações podem retroagir sobre quem as emitiu. Em todos os âmbitos de nossa literatura, porém, a formação verdadeiramente mais profunda só existe em escala muito reduzida. Portanto, normalmente as pessoas não se apercebem, de modo algum, do que estão fazendo. Por isso é absolutamente necessário, justamente para a Ciência Espiritual, que tais confusões lógicas sejam evitadas em todos os sentidos. Quem menos evita essas confusões lógicas são os filósofos modernos que se ocupam com psicologia. Nosso exemplo foi um caso típico. Vemos aí como as influências luciféricas pregam peças ao homem, transformando sua vida

Acervo Virtual Espírita

anímica em maya e dando-lhe a ilusão de motivos bem diferentes dos que verdadeiramente reinam em seu interior.
Neste âmbito, o homem deveria tentar dispor de uma autoeducação mais severa. Hoje em dia, em geral, maneja-se a palavra muito facilmente. Porém essa palavra é também um terrível sedutor. Basta soar bem e deixar uma leve impressão de que uma sentença representa uma ação benfazeja, e logo o tom melodioso da sentença induzirá as pessoas a acreditar que o motivo alegado esteja na alma — quando, na realidade, o princípio egoísta pode estar por detrás, não precisando o indivíduo dar-se conta dele porque nem sequer tem vontade de desenvolver o verdadeiro autoconhecimento. Vemos assim, de um lado, Lúcifer atuando. Como é que atua Árimã, de outro?
Árimã é o princípio que se mescla em nossas percepções e, a partir de fora, se instala em nós. Ele exerce atuação mais forte nos casos em que temos a seguinte sensação: "Aqui não consegues mais acompanhar com teu pensar; neste caso, chegaste com ele a um ponto crítico, onde ele começa a se emaranhar." Aí o princípio arimânico aproveita a oportunidade para penetrar em nós como se o fizesse através de uma fenda do mundo exterior. Se seguirmos o curso dos acontecimentos mundiais e considerarmos aqueles mais relevantes — tomando, por exemplo, a física de hoje e remontando até o momento em que Galileu estava sentado no interior da catedral de Pisa, sob a lâmpada que oscilava —' poderemos tecer, acerca de todos os fatos, uma rede de pensamentos que facilmente nos esclarecerá sobre o assunto; em todos os momentos as coisas serão claras; mas quando chegarmos ao ponto da lâmpada que oscila, nossos pensamentos se embaralharão. Esta éa janela pela qual as forças arimânicas penetram em nós mais intensamente, quando então nosso raciocínio cessa de captar, nos acontecimentos, o que poderia trazer razão e compreensão ao assunto. Mas aí também se situa aquilo a que chamamos acaso. Situa-se onde Árimã se torna mais perigoso, pois o homem chama de casuais os fenômenos em que ele pode mais facilmente ser iludido pela influência arimânica.
Assim o homem aprenderá a compreender que o que eventualmente chama de 'acaso' não reside na natureza dos fatos, mas nele mesmo, em sua evolução. E deverá paulatinamente aprender a discernir entre maya e ilusão, isto é, a discernir as coisas em que Árimã atua mais intensamente. É sob esse prisma que deveremos abordar os fenômenos ao pretendermos falar sobre importantes causas de doenças e sobre a evolução de algumas delas. Precisaremos, primeiro, procurar entender até que ponto não se trata de acaso quando uma pessoa toma precisamente o trem que pode conduzi-la à morte, ou como se dispõem as coisas pelas quais a pessoa, justamente em determinada idade, expõe-se a um germe patogênico ou a outra doença. E se nos ocuparmos das coisas com uma percepção aguçada, estaremos em condições de compreender ainda mais profundamente a essência e todo o significado do estado de doença e do estado de saúde para a vida humana.

Acervo Virtual Espírita

Hoje tive de mostrar mais detalhadamente como, no interior do homem, Lúcifer conduz à ilusão e Árimã se mescla às percepções exteriores, levando a maya; como Lúcifer atua quando o homem cria para si a ilusão de um falso motivo, e como a falsa hipótese frente ao mundo das manifestações a ilusão por meio de Arimã — leva-nos à hipótese de um 'acaso'. Tive de elaborar esse fundamento antes de poder mostrar como os acontecimentos cármicos, os resultados da vida anterior, também atuam no homem, esclarecendo também as manifestações onde causas exteriores aparentemente fortuitas levam à produção de doenças.

21 de maio de 1910

Os acidentes em relação ao carma

É facilmente compreensível que um conjunto de lei cármicas possam atuar quando, no sentido mencionado nas palestras de ontem e de anteontem, a causa da doença se faz valer a partir do interior do ser humano. Quando, porém, a causa da doença atua, em certo sentido, de fora para dentro — e para quantas doenças a ciência hoje procura a causa exteriormente, na infecção! —, quando, portanto, a atenção tem de ser dirigida a uma causa patogênica externa, o fato de nesse caso a lei do carma — aquilo que, pelo nascimento, o indivíduo trouxe como efeitos de vivências e atos de sua vida anterior — poder atuar de maneira a trazer essa causas exteriores, isto certamente parece a muitos, e com razão, menos compreensível. Apesar disso, se quisermos prosseguir com o estudo da verdadeira essência do carma, aprenderemos a compreender não só como causas exteriores se relacionam com o que fizemos e vivenciamos em vidas passadas, mas até mesmo o fato de acidentes exteriores que nos atingem na vida —ou seja, acontecimentos casuais, como hoje se gosta tanto de chamá-los — poderem estar numa relação causal com o decurso de vidas anteriores. Contudo, ainda precisaremos penetrar um pouco mais profundamente em toda a natureza da essência do ser humano se quisermos esclarecer justamente as situações que, em verdade, nos são veladas por nossa maneira humana de ver as coisas.
Encerramos ontem mostrando como, efetivamente, o acaso sempre nos apresenta o acontecimento exterior de maneira velada, pois nas ocasiões em que falamos de acaso a possibilidade de ilusão exterior provocada pelos poderes arimânicos é a maior possível. Vamos agora observar alguns exemplos de como ocorrem tais 'casualidades', ou seja, os acontecimentos que qualificamos assim.
Aí é necessário primeiramente termos em mira uma lei, uma verdade, um conhecimento: na vida, muito do que caracterizamos com a expressão 'vindo de dentro', 'oriundo do íntimo do homem' já se reveste de ilusão, pois muito do que inicialmente cremos haver sido originado no interior do indivíduo deverá ser caracterizado — se, em verdade, superarmos a ilusão — como algo que flui de fora para dentro. Sempre nos defrontamos com isso no caso de todas aquelas

Acervo Virtual Espírita

vivências do indivíduo, de todos aqueles efeitos sobre ele que conceituamos sob o nome de 'características herdadas'. As características herdadas, que se nos apresentam como se as possuíssemos pelo fato de nossos antepassados terem-nas possuído também, podem parecer-nos como se nos tivessem cabido sem nossa culpa, sem nossa participação. E podemos chegar a fazer erroneamente uma distinção entre o que trazemos de encarnações anteriores e o que herdamos de pais ou avós. Com efeito, a reentrada numa encarnação não ocorre, de modo algum, como se fôssemos empurrados para este ou aquele casal de pais, este ou aquele povo, esta ou aquela região, sem qualquer razão interiormente ligada a nós. Não podemos absolutamente fazer essa suposição, mesmo em se tratando de características herdadas que nada tenham a ver com o âmbito das doenças; devemos, antes, ponderar o seguinte: se, por exemplo, numa família como a do músico Bach15 sempre voltaram a nascer, no decurso de muitas gerações, músicos maiores ou menores (um desses músicos costuma então ser excepcional, mas na família Bach nasceram acima de vinte músicos mais ou menos dotados), facilmente se poderia acreditar tratar-se puramente da linha hereditária — tendo sido, portanto, herdadas características dos antepassados, sendo que o indivíduo, justamente por tais características estarem disponíveis, transforma em talentos musicais certas qualidades trazidas de encarnações anteriores, justamente porque os diversos fatores estariam presentes. Na realidade, porém, a coisa é bem diferente.

Suponhamos que numa vida entre o nascimento e a morte alguém tivesse a oportunidade de receber um grande número de impressões musicais. Entretanto, essas impressões musicais teriam passado por ele, durante a vida, sem causar-lhe marcas, pela simples razão de ele não possuir um ouvido musical. Outras impressões de sua vida não lhe passam da mesma forma, porque ele tem órgãos construídos de maneira a possibilitar-lhe transformar em aptidões próprias as vivências e impressões recebidas. Daí podermos dizer que um indivíduo tem, na vida, impressões que conseguiu transformar em aptidões e talentos por meio da disposicão recebida em seu último nascimento; outras impressões ele as deve a seu carma, por não haver recebido deste a disposição adequada nem poder transformá-las em aptidões correspondentes. Essas impressões permanecem, porém, disponíveis; permanecem armazenadas e transformam-se, entre a morte e o novo nascimento, na especial tendência a realizar-se na próxima encarnação. E essa tendência leva o indivíduo a buscar, na próxima existência, sua corporalidade justamente numa família que lhe possa dar as disposições adequadas. Portanto, se alguém recebeu muitas impressões musicais e não pôde transformá-las em aptidões ou prazeres musicais por causa de um ouvido não-musical, é justamente essa incapacidade que lhe produzirá na alma a tendência a ingressar numa família capaz de legar-lhe um ouvido musical. Assim, podemos

[15] Johann Sebastian Bach (1685—1750), *o* grande músico nascido na 'família musical' turíngia. (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

compreender que se em determinada família se transmite a construção do ouvido da mesma maneira como a forma exterior do nariz, nela se juntarão todas as individualidades que anseiam — como conseqüência de sua encarnação anterior — justamente pela posse de um ouvido musical. Vemos, pois, que de fato o homem não herdou 'por acaso', numa encarnação qualquer, o ouvido musical ou coisa semelhante, e sim procurou essas características hereditárias — realmente as procurou.

Ao observarmos, agora, tal indivíduo a partir de seu nascimento, seu ouvido musical nos parecerá algo interior nele, uma qualidade em seu interior; mas se nossas considerações remontassem a antes de seu nascimento, verificaríamos como o ouvido musical procurado por ele é algo advindo de fora. Antes do nascimento ou da concepção, o ouvido musical não lhe era inerente; nele havia apenas a tendência a ser atraído para um tal ouvido. Então a pessoa atraiu para si algo exterior. Antes da reencarnação, a característica que depois chamamos de herdada era algo exterior; tendo-se aproximado do indivíduo, este foi ao seu encontro. Com a encarnação ela se torna algo interior, surgido no íntimo desse indivíduo. Portanto, ao falarmos de 'disposições hereditárias' incorremos uma vez mais numa ilusão, não considerando no momento em que ainda era exterior algo que só agora está interiorizado.

Perguntemo-nos então: porventura o mesmo que ocorreu no caso recém-mencionado não poderia ocorrer também com acontecimentos exteriores surgidos durante nossa vida entre o nascimento e a morte, de modo que também aí algo exterior pudesse transformar-se em algo interior? Não poderíamos responder a essa pergunta sem penetrar, ainda mais profundamente do que até agora, na essência da doença e da saúde. Já mencionei muitos aspectos para caracterizar doença e saúde — e os Senhores sabem que não costumo definir, e sim tento descrever as coisas, juntando aos poucos mais aspectos para que gradualmente se tornem compreensíveis; acrescentemos, por conseguinte, mais alguns aspectos ao resultado já obtido.

Devemos comparar doença e saúde com algo que ocorra na vida normal; sendo assim, encontraremos algo ainda mais profundo na comparação com sono e vigília. O que acontece no ser humano quando os estados diários de vigília e sono se alternam? Sabemos que durante o adormecer os corpos físico e etérico são deixados para trás, no leito, retirando-se deles o corpo astral e o eu. Portanto, para nós o adormecer é uma saída do eu e do corpo astral para fora dos corpos físico e etérico; contrariamente, o acordar é uma reentrada do corpo astral e do eu nos corpos físico e etérico. Portanto, a cada manhã, ao despertar, o homem mergulha em seus corpos físico e etérico com o que o caracteriza como homem interior — com o corpo astral e o eu. Ora, o que ocorre com o que se desenrola na essência humana como vivência durante o adormecer e o despertar?

Acervo Virtual Espírita

Ao considerarmos o momento do adormecer, este nos evidencia que todas as vivências que agitam nossa vida da manhã à noite — principalmente as vivências anímicas de prazer e sofrimento, alegria e dor, paixões, representações mentais, etc. —aprofundam-se em nosso inconsciente. Nós mesmos, em nossa vida normal, enquanto dormimos estamos entregues à inconsciencia. Por que nos tornamos inconscientes ao adormecer? Sabemos que durante o estado de sono estamos circundados por um mundo espiritual, assim como no estado de vigília estamos circundados pelo objetos e fatos do mundo físico-sensorial. Por que não enxergamos esse mundo espiritual? Na vida normal, não vemos as coisas espirituais e os fatos espirituais situados ao nosso redor porque tal visão, no atual grau de maturidade do homem entre o adormecer e o despertar, seria altamente perigosa para nós. No instante em que o homem, hoje, passasse conscientemente ao mundo que o envolve entre o adormecer e o despertar, seu corpo astral, cuja formação foi completamente realizada durante a época da Antiga Lua, se espalharia no mundo espiritual; mas tal não seria possível ao eu, que só deve desenvolver-se durante o ciclo da Terra, devendo estar plenamente desenvolvido no término desse ciclo. O eu ainda não está tão plenamente evoluído que possa desenvolver sua completa atividade desde o adormecer até o despertar.

Com respeito ao eu, para possibilitar uma comparação com o estado que o homem alcançaria se pudesse dormir em estado consciente, podemos dizer o seguinte:

Suponhamos que, num tanque com água, díluíssemos uma gotinha de um líquido colorido; então nada mais se perceberia da cor da gotinha, pois esta se teria espalhado por toda a massa de água. Algo semelhante também ocorre quando o homem, ao adormecer, sai de seus corpos físico e etérico. São os corpos físico e etérico que mantêm coesa toda a entidade humana. No instante em que abandonam estes corpos inferiores, o corpo astral e o eu empreendem um esforço no sentido de separar-se para todos os lados, num exclusivo anseio de contínua expansão. Portanto, ocorreria que o eu seria dissolvido e o homem teria, sem dúvida, diante de si as imagens do mundo espiritual, não sendo porém capaz de observá-las com as forças que só o eu pode desenvolver — pois este estaria dissolvido —, ou se com critérios, capacidade de compreensão, etc.; enfim, com a mesma consciência com a qual observa as condições do cotidiano. O homem estaria fora de si, puxado para todos os lados, flutuando sem rumo no mar das impressões astrais.

Por não estar ainda suficientemente forte no estado normal do homem, o eu retroagirá sobre o corpo astral, impedindo-o de entrar conscientemente em sua verdadeira pátria — o mundo espiritual —, até que ele próprio, o eu, seja capaz de acompanhá-lo por toda parte onde o corpo astral queira penetrar. Tem, portanto, um bom sentido o fato de perdermos a consciência ao dormir: não conseguiríamos manter nosso eu. Só seremos capazes de mantê-lo de maneira

Acervo Virtual Espírita

satisfatória quando do desenvolvimento da Terra houver chegado a seu término. Por esse motivo, tampouco nos é dado desenvolver nosso corpo astral no tocante à sua capacidade de consciência.

Exatamente o contrário acontece quando o homem desperta. Ao despertar e mergulhar nos corpos físico e etérico, na verdade ele deveria vivenciar o interior desses dois corpos; contudo, não o faz. No instante em que acorda, o homem é impedido de olhar para o interior de sua corporalidade, pois aí sua atenção é logo dirigida às vivências exteriores. Então sua capacidade visual e sua capacidade cognitiva não são dirigidas a discernir seu interior, e sim desviadas para o mundo exterior. Se o homem se detivesse em seu interior, aconteceria exatamente o oposto do que ocorreria se ele penetrasse de maneira consciente no mundo espiritual ao dormir. Tudo o que o homem já houvesse conquistado de espiritual, no decorrer da vida terrena, se concentraria e atuaria sobre ele com toda a força depois do mergulho nos corpos físico e etérico. Isto teria por conseqüência que toda e qualquer qualidade egoísta se desenvolveria poderosamente. O homem imergiria com seu eu e em cada bocado imerso consigo derramaria suas paixões, cobiças e impulsos, num egoísmo cada vez mais intenso. Todo o egoísmo fluiria para sua vida de instintos. Para que isso não aconteça, somos desviados para o mundo exterior e não podemos entrar em nosso interior com nossa consciência.

A confirmação disso pode também ser deduzida dos relatos dos que, na qualidade de místicos, tentaram realmente penetrar no interior humano. Consultem Mestre Eckhart, Johannes Tauler e outros místicos da Idade Média que realmente empreenderam incursões ao íntimo humano.16 Aí os Senhores têm místicos que se abandonaram a um estado de total desvio da atenção ao que poderia interessá-los no mundo exterior, para poderem descer ao seu próprio interior. Basta ler as biografias dos santos ou dos místicos que procuraram fazê-lo. O que experimentaram eles? Tentações, seduções, etc., que descrevem em vivas cores. Era o que se fazia valer como uma força adversa desprendida do corpo astral e do eu, comprimidos. Por isso aqueles que, como místicos, queriam por assim dizer descer ao seu próprio interior sem ser molestados, insistiram com todas as forças em que, na mesma medida de sua descida, o eu fosse extinto. Mestre Eckhart encontrou até mesmo um bonito termo para designar essa descida para dentro da própria corporalidade. Ele fala em ‘deixar de ser’, isto é, na extinção do eu. Leiam na Deutsche Theologie (Teologia alemã)17 como o Autor descreve o percurso místico no interior humano, como insiste em que, desejando descer para dentro da corporalidade, a pessoa não mais atua a partir de seu eu, mas nela atua o Cristo, com o qual ela se permeou

[16] Mestre Eckhart (1250—1327), frei dominicano e importante pensador da mística alemã; Johannes Tauler (e. 1300—1361), dominicano, discípulo de Mestre Eckhart. (Cf. N.E. orig.)

[17] Manuscrito medieval editado posteriormente por Franz Pfeiffer (uma 2ª edição aprimorada, traduzida para o alemão moderno, data de 1855). (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

totalmente. Tais místicos queriam extinguir seu eu. Não são eles que devem pensar, sentir e querer; é o Cristo neles que deve pensar, sentir e querer para que não emerjam as paixões, os impulsos e cobiças existentes neles, e sim o que, na qualidade de Cristo, se derrama neles. Por isso Paulo diz: "Não eu, mas o Cristo em mim!"18 Tal é a origem profunda dessas palavras.

Podemos, assim, caracterizar o despertar e o adormecer como vivências íntimas da entidade humana: o despertar, como um mergulho do eu, comprimido, na corporalidade do homem; o adormecer como um libertar-se da consciência, porque a pessoa ainda não está madura para enxergar naquele mundo em que tem de penetrar ao adormecer. Por isso compreendemos o sono e a vigília no sentido em que precisamos compreender muitos outros fatos da vida: como a interpenetração dos diversos membros da entidade humana. Considerando, desse ponto de vista, um indivíduo desperto, diremos que no homem desperto estão encaixados quatro membros da entidade humana — o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o eu —,os quais, por sua vez,encaixam-se entre si de maneira definida. O que resulta disso? Justamente o estado de vigília! Pois o homem não poderia estar desperto se não se aprofundasse em sua corporalidade de modo a ter sua atenção atraída pelo mundo exterior. O fato de ele acordar depende justamente de uma interpenetração bem determinada entre seus quatro membros. E, novamente, o fato de ele dormir depende de uma separação correta entre esses membros. Não basta sabermos que o homem é composto dos corpos físico, etérico e astral, mais o eu; nós só o compreendemos ao saber de que maneira os diversos membros estão interligados em determinado estado, como estão encaixados uns nos outros. Isto é o essencial para o conhecimento da natureza humana. Consideremos, agora, a interpenetração dos quatro membros do homem, tal qual se nos apresenta no ser humano acordado, como sendo a situação normal. Partamos, então, desta premissa: considerar como sendo o normal o estado do homem desperto.

A maior parte dos Senhores se lembrará de que a consciência possuída por nós, homens terrenos, entre o nascimento e a morte é apenas uma de várias formas possíveis de consciência. Se os Senhores estudarem, por exemplo, meu livro A ciência oculta ou os antigos ensaios intitulados 'Da Crônica do Akasha', verão que a consciência atual é um dentre sete diferentes graus de consciência, tendo-se desenvolvido de três estados anteriores e devendo transformar-se, mais tarde, em três outras formas subseqüentes de consciência. Quando o homem ainda era um homem lunar, não possuía um eu. O eu uniu-se a ele somente durante o ciclo terrestre. Por isso o homem também só podia vir a possuir o tipo atual de consciência durante este ciclo. Uma consciência tal como a possuímos hoje entre o nascimento e a morte pressupõe que o eu atue em conjunto com os outros corpos, exatamente como acontece hoje, sendo ainda o mais elevado

[18] Gálatas 2, 20: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim." Em *A Bíblia de Jerusalém* (2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987). (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

dentre os quatro membros da entidade humana. Antes de ser fecundado pelo eu, o homem consistia apenas nos corpos físico, etéríco e astral. Então o corpo astral era seu membro mais elevado, sendo tal seu estado de consciência que hoje poderíamos compará-lo, no máximo — tomando algo da vida normal —, ao que o homem conservou como antiga herança: a consciência de sonho. Porém os Senhores não devem imaginar a consciência onírica atual, e sim uma consciência que reproduza realidades nas imagens do sonho. Se estudarmos o sonho atual, encontraremos muitos elementos caóticos nas diversas imagens, pois a atual consciência onírica é uma antiga herança. Mas se analisarmos a consciência que antecedeu à atual, descobriremos que em sua epoca a mesma não teria visto objetos exteriores como, por exemplo, plantas. Portanto, uma impressão externa causada sobre o homem teria sido impossível. Se algo se houvesse aproximado de um ser humano, teríamos recebido uma impressão desviada, por sobre a imagem de sonho, para dentro do interior humano — portanto, uma imagem sensorial que, todavia, teria correspondido a um certo objeto e impressão exterior.

Antes da consciência ligada ao eu, tivemos, portanto, uma consciência ligada ao corpo astral, o membro mais elevado na época; a consciência astral era abafada e crepuscular, faltando-lhe a iluminação pela luz do eu. Essa consciência astral foi sobrepujada pela consciência ligada ao eu quando o homem se tornou um ser terreno. Ora, o corpo astral continua em nós, e poderíamos perguntar: como se tornou possível a superação da consciência astral pela consciência ligada ao eu? Como pôde esta entrar no lugar daquela? Isto se tornou possível porque o laço interior, existente entre os corpos etérico e astral, tornou-se muito mais frouxo mediante a fecundação do homem pelo eu. Por assim dizer, a ligação íntima, anteriormente existente, ficou mais solta. Havia, pois, antes da consciência ligada ao eu, uma ligação muito mais íntima entre o corpo astral e os corpos inferiores da entidade humana. O corpo astral penetrava muito mais nos demais membros do que ocorre hoje. Ele foi, de certa forma, arrebatado aos corpos etérico e físico.

Precisamos agora tornar bem claro esse processo, por assim dizer, de saída parcial, de desprendimento do corpo astral em relação aos corpos etérico e físico. Então nos perguntaremos: acaso existe ainda hoje, não obstante nossa consciência ligada ao eu, a possibilidade de estabelecer algo semelhante àquela antiga ligação? Seria possível acontecer ainda hoje, na vida humana, de o corpo astral querer penetrar nos demais membros mais profundamente do que deve, impregnando-se com elementos estranhos em escala maior do que lhe convém?

A interpenetração do corpo astral com os corpos físico e etérico é necessária, em certas medidas normais. Ora, suponhamos que essas medidas normais sejam ultrapassadas num sentido qualquer. Neste caso,um distúrbio terá de manifestar-se em todo o organismo humano; pois aquilo que o homem é hoje depende da existência dessa relação definida entre os diferentes membros essenciais, a qual

Acervo Virtual Espírita

se nos apresenta no homem acordado. No instante em que o corpo astral se comporta incorretamente, penetrando mais profundamente nos corpos físico e etérico, tem de surgir uma perturbação. Ora, em nossas últimas considerações vimos que isso ocorre de fato; só que apresentamos todo o processo de um outro lado. Quando é que isso acontece?

Isso acontece quando numa vida anterior o indivíduo fixou em seu corpo astral algo que, em relação a essa vida anterior, devemos considerar como falta moral ou intelectual. Isso se gravou no corpo astral. E agora, tendo o indivíduo retornado à vida, passou a ser algo que, de fato, poderá levar o corpo astral a procurar uma outra relação com os corpos físico e etérico, uma relação diferente da que teria procurado caso não houvesse fixado em si a referida falta em sua vida anterior. São, portanto, as nossas faltas, cometidas sob a influência de Lúcifer e Arimã e transformadas em forças organizadoras, que na nova vida levam o corpo astral a colocar-se numa relação, com os corpos físico e etérico, diferente da que teria sem a penetração de tais forças.

Vemos, assim, como justamente os efeitos de pensamentos e sentimentos anteriores levam o corpo astral ao que provoca desordem na organização humana. O que surge quando tal desordem é suscitada? Quando o corpo astral penetra nos corpos físico e etérico mais do que deveria no homem normal, faz algo semelhante ao que fazemos de manhã no momento de acordar, ao mergulharmos com nosso eu em nossos dois corpos. Acordar consiste no mergulhar do eu nos corpos físico e etérico. Em que consiste, então, a atuação do corpo astral quando, levado por vivências anteriores, ele penetra mais do que deveria nos corpos físico e etérico? Aquilo que normalmente acontece quando, com o eu e o corpo astral, mergulhamos nos corpos físico e etérico ao acordarmos pela manhã, tendo percepções, mostra-se precisamente no fato de despertarmos. Assim como todo estado de vigília é conseqüência do mergulho do eu nos corpos físico e etérico, agora deve surgir algo provocado pelo corpo astral, isto é, algo que de outro modo acontece sob a ação do eu. Ele mergulha nos corpos etérico e físico. Portanto, quando temos diante de nós um indivíduo cujo corpo astral tenha assimilado a tendência a unir-se mais aos corpos etérico e físico do que normalmente deveria fazer, temos então diante de nós, quanto ao corpo astral, o mesmo fenômeno que normalmente temos quanto ao eu ao acordarmos.

O que é, então, essa penetração excessiva do corpo astral nos corpos físico e etérico? É algo que normalmente podemos qualificar como a essência da doença. Quando nosso corpo astral faz o mesmo que normalmente fazemos ao acordar, ou seja, penetra nos corpos físico e etérico; quando ele, que normalmente não deveria desenvolver consciência alguma de nosso ser, se esforça por uma consciência nos corpos físico e etérico; quando, enfim, ele quer acordar em nós, então ficamos doentes. Doença é um estado anormal de vigília do nosso corpo astral. O que fazemos, de fato, quando nos encontramos em estado normal de bem-estar, quando vivemos em nosso estado normal de

Acervo Virtual Espírita

vigília? Acordamos para a vida normal. Mas para poder possuir a consciência normal de vigília, precisamos, anteriormente, ter levado o corpo astral a uma outra ligação. Precisamos tê-lo levado a dormir. Quando possuímos nossa consciência diurna ligada ao eu, o corpo astral tem de dormir; nós só podemos ter saúde quando nosso corpo astral dorme em nós. Por conseguinte, podemos agora compreender a essência da saúde e da doença da seguinte maneira: doença é um acordar anormal do corpo astral no homem, e saúde é o estado dormente normal do corpo astral.

Qual é, então, a consciência desse corpo astral? Se realmente a doença fosse o despertar do corpo astral, algo como uma consciência deveria manifestar-se nele. Ele desperta de maneira anormal — portanto, poderíamos esperar uma consciência anormal; mas teria de haver uma consciência. Ao cairmos doentes, deveria aparecer algo semelhante ao que normalmente se manifesta pela manhã, quando acordamos. Nossa vivência deveria ser desviada para qualquer coisa diferente. Pela manhã, quando acordamos normalmente aflora nossa consciência normal. E quando adoecemos, acaso aflora uma consciência? Sim, aflora uma consciência que o homem conhece muito bem. E que consciência é essa? Uma consciência expressa em vivências! A consciência que aí aflora expressa-se no que chamamos de dor-de-cabeça, que não nos acomete na condição de bem-estar do estado normal de vigília, pois nesse caso nosso corpo astral está dormindo. O adormecimento do corpo astral significa que ele se encontra em relação regular com os corpos físico e etérico — significa ausência de dor. A dor é a expressão do fato de o corpo astral se comprimir de maneira excessiva para dentro dos corpos físico e etérico, tornando-se consciente. É nisso que consiste a dor.

Devemos agora ter o cuidado de não extrapolar desmedidamente o que acaba de ser dito. Em matéria de Ciência Espiritual, é sempre preciso observar os limites dentro dos quais uma afirmação é válida. Foi dito que quando nosso corpo astral acorda surge uma consciência permeada de dor. Não podemos, porém, depreender disso que dor e doença sempre coincidam. É verdade que toda penetração forçada do corpo astral nos corpos etérico e físico é um estado de doença; mas, inversamente, o fato de nem toda doença consistir nisso, podendo o estar doente ter também outro caráter, pode ser entendido pela razão de muitas doenças não serem acompanhadas de dores. A maior parte das pessoas só não se dão conta disto por que geralmente não se esforçam em estar sadias, mas em não ter dores; e quando não têm dores, elas acham que estão sadias. Nem sempre é assim, mas em muitos casos o indivíduo acredita estar em boa saúde quando não tem dores. Caíríamos num enorme engano se acreditássemos que a sensação de dor e o estado de doença fossem coincidentes. O fígado de uma pessoa pode estar totalmente deteriorado; se não houver, por exemplo, uma afecção do diafragma, nenhuma dor se manifestará. Uma pessoa pode ser portadora de um processo patológico que não se manifesta em dores. Isto pode

Acervo Virtual Espírita

ocorrer em muitos casos. Ante uma avaliação mais objetiva, essas doenças são até mesmo as piores, pois ao sentir dores o paciente procura livrar-se delas; não tendo dor alguma, não se esforça muito para livrar-se da doença.
Como devemos, então, entender a manifestação de doenças desacompanhadas de dores? O que fizemos nós, nesse caso? Basta lembrar que nos desenvolvemos pouco a pouco até sermos realmente os seres humanos que somos hoje; que, durante o ciclo da Terra, acrescentamos o eu aos corpos astral, etérico e físico. Mas em determinada época também fomos um ser humano que só possuía os corpos físico e etérico. Um ser que só possui os corpos físico e etérico é como uma planta atual. Tal ser possui um terceiro grau de consciência, uma consciência muito mais apagada, que não chega sequer ao grau de lucidez da atual consciência de sonho. É um erro profundo supor que o homem não tenha consciência alguma quando dorme. Ele tem uma consciência, só que apagada a ponto de ele não conseguir chamá-la à recordação em seu eu. Também a planta possui tal consciência. É uma espécie de consciência de sono — portanto, ainda mais profunda do que a consciência astral. Neste caso, descemos a uma consciência ainda mais profunda do homem.
Suponhamos agora que, por vivências em encarnações anteriores, o homem tenha introduzido em seu ser uma desordem tal que não somente o corpo astral se veja levado a mergulhar de maneira irregular nos corpos físico e etérico; também o corpo etérico será motivado a forçar sua penetração irregular no corpo físico. Pode perfeitamente surgir uma condição em que também a ligação entre os corpos físico e etérico não seja aquela normal para o homem de hoje; pode ser que o corpo etérico penetre em demasia no físico. O corpo astral, digamos, nem terá participado desse processo; o que, nesse caso, foi fixado numa vida anterior produz no organismo humano uma união, entre os corpos físico e etérico, mais estreita do que normalmente deveria ser. Neste caso temos, no corpo etérico, o mesmo que no corpo astral durante a consciência da dor.
Quando o corpo etérico, por seu lado, penetra excessivamente no corpo físico, aflora uma consciência semelhante à consciência humana do sono ou à consciência do vegetal. Não é de admirar, portanto, que se trate também de um estado do qual o homem não se apercebe. Tal como não tem sensações enquanto dorme, ele tampouco sente este estado. Mesmo assim, é um despertar! Assim como nosso corpo astral desperta de maneira anormal quando mergulha demais nos corpos físico e etéríco, também o corpo etérico acorda de maneira anormal quando penetra demais no corpo físico. Só que o homem não pode percebê-lo porque esse despertar gera uma consciência ainda mais abafada do que a consciência da dor. Suponhamos, todavia, que numa vida anterior o indivíduo tenha realmente feito algo que, na vida entre a morte e o novo nascimento, se metamorfoseie de forma a fazer com que o corpo etérico desperte por si, ou seja, tome posse intensa do corpo físico. Neste caso, origina-se na pessoa uma consciência profunda, que no entanto não pode ser percebida como o são as

Acervo Virtual Espírita

demais vivências da alma humana. Mas será que ela não atua por não ser percebida? Procuremos compreender qual tendência característica uma consciência recebe quando começa a situar-se um nível abaixo.
Uma impressão exterior, como por exemplo a de uma queimadura, produz a dor. Para que a dor possa surgir, a consciência deve possuir ao menos o grau de consciência do corpo astral. Uma dor tem de viver no corpo astral. Portanto, sempre que surge dor na alma humana existe um fato no corpo astral. Suponhamos que ocorra algo não ligado à dor, mas que provoque um estímulo, uma impressão exterior. Se uma coisa qualquer voa em direção ao nosso olho, produz uma reação exterior; o olho fecha-se. A dor não está ligada a isto. Mas o que provocou a reação? Foi um movimento. Eis algo semelhante a um leve toque na planta do pé; não há dor, mas o pé estremece. Existem, pois, no homem impressões que não são acompanhadas de dor, mas que não obstante provocam uma reação, um movimento. O homem não sabe — pois não consegue penetrar neste grau profundo da consciência —como pode ocorrer o fato de a uma sensação se seguir um movimento. Se os Senhores sentirem dor e por isso rejeitarem algo, terá sido, portanto, a dor que lhes terá chamado a atenção para o que rejeitam. Pode, todavia, surgir algo que os impulsione a um movimento interior, a um movimento reflexo. Neste caso a consciência não desce até o nível em que o estímulo se transforma em movimento. Temos aí um grau de consciência que não entra nas vivências astrais, que não é vivenciado conscientemente, decorrendo numa espécie de esfera de consciência onírica e nem por isso deixando de levar a certos acontecimentos. Quando ocorre uma tal penetração mais profunda do corpo etérico no corpo físico, isso causa o aparecimento de uma consciência que não é uma consciência de dor — porque o corpo astral não toma parte no processo —, mas é tão apagada que o homem não a percebe. Com isto não estamos dizendo que nessa consciência o homem não consiga realizar ação alguma, que não consiga fazer algo condizente com o estado de coisas. Afinal, normalmente ele também realiza atos em que não há participação de sua consciência. Basta os Senhores considerarem a situação em que a consciência diurna normal está apagada e o indivíduo, na qualidade de sonâmbulo, realiza toda sorte de atos. Não se trata, neste caso, de não existir consciência alguma, mas sim de haver a participação de uma consciência que o indivíduo não consegue perceber, pelo fato de só poder vivenciar as duas formas mais elevadas de consciência: a consciência astral (como prazer, sofrimento, etc.) e a consciência ligada ao eu (como julgamento e como consciência diurna normal). Isto não significa, porém, que o indivíduo não possa agir a partir dessa consciência de sono.
Portanto, possuímos também essa consciência tão profunda que o homem não mais pode alcançá-la quando o corpo etérico desce para dentro do corpo físico. Suponhamos que ele queira fazer algo a cujo respeito nada saiba na vida normal e que, de algum modo, se relacione com a situação; neste caso, ele o fará sem

Acervo Virtual Espírita

nada saber sobre isso. O ato se realizará por si, sem que o próprio indivíduo tenha conhecimento dele. Consideremos agora um indivíduo que, por meio de acontecimentos quaisquer em sua vida anterior, haja estabelecido em si próprio causas que, no período entre a morte e o novo nascimento, atuem de maneira a provocar uma penetração mais profunda do corpo etérico no corpo físico. Disso resultarão, depois, atos conduzindo à eclosão de processos patológicos situados mais profundamente. Neste caso, o indivíduo poderá ser impelido a procurar causas exteriores para doenças. Pode parecer estranho que isso não se manifeste de maneira clara à consciência normal ligada ao eu; mas o indivíduo em questão nunca cometeria tal ato a partir dessa consciência: nunca ordenaria a si próprio, a partir dessa sua consciência normal, penetrar num foco de bacilos. Suponhamos, porém, que a consciência mais apagada ache necessário produzir um dano exterior, podendo desenrolar-se o que ontem chamamos de sentido pleno do estado de doença. E então essa consciência, que penetra no corpo físico, procura a causa da doença. E a própria entidade do indivíduo que procura a causa da doença, a fim de alcançar o que ontem chamamos de processo patológico. Assim se pode compreender, pela essência profunda da doença, a possibilidade de aparecerem efeitos contrários, mesmo não surgindo dores. E também quando estas se fazem sentir, é possível ocorrer o que se pode caracterizar como uma procura de causas patogênicas exteriores através de camadas mais profundas da consciência, bastando que o corpo etérico penetre excessivamente no corpo físico. Pode parecer grotesco, mas é verdade: procuramos causas exteriores para nossas doenças com um outro grau de consciência — da mesma maneira como ocorre com as qualidades recebidas por hereditariedade — quando precisamos dessas doenças. O que acaba de ser dito só é válido dentro dos limites do tema exposto hoje.

Hoje tratamos, em primeira linha, de deixar claro que o homem pode estar em condições de procurar a doença, produzindo um estado de consciência anormal porém profundo, sem poder acompanha-lo com os graus de consciência que lhe são conhecidos. A intenção foi mostrar o fato de a doença implicar num despertar de estados de consciência que nós, homens, já superamos há muito tempo. Pelo fato de nos havermos carregado de erros durante uma vida anterior, demos causa à geração de graus de consciência mais profundos do que convém à nossa vida atual. E o que fazemos sob os impulsos desses graus de consciência influencia o decurso do processo patológico, bem como o processo que levou à doença.

Vemos aí que nos estados anormais afloram antigos graus de consciência, desde há muito superados pelo indivíduo. Observando, um pouco que seja, os fatos do dia-a-dia, já podemos compreender algo do que foi dito hoje. Por meio de suas dores de certo modo o homem desce mais profundamente em seu ser. Os Senhores devem conhecer o ditado que diz: a pessoa só sabe que possui um órgão quando este começa a doer. É um ditado popular, mas não tão tolo assim.

Acervo Virtual Espírita

Por que o homem ignora isso em sua consciência normal? Porque em condições normais sua consciência dorme tão bem que não mergulha com suficiente intensidade no corpo astral. Porém quando mergulha fundo surge a dor, e graças a ela o homem vem a saber que possui o órgão em questão. Há muitas verdades em ditados da vida comum, porque estes são heranças dos estados de consciência anteriores nos quais o homem, por observar o mundo espiritual, sabia muitas coisas que hoje precisamos buscar a duras penas.

Se entendermos que o homem pode vivenciar camadas mais profundas da consciência, poderemos também compreender que ele pode buscar não só causas patogênicas exteriores, mas também golpes exteriores do destino que ele não pode considerar como racionais, mas cuja razão atua de modo a tocar as camadas mais profundas da consciência. Assim, pode até parecer plausível que o indivíduo não vá, por díscernimento normal, postar-se num lugar onde um raio possa atingi-lo. Com a consciência superior, ele o evitará. Porém uma consciência localizada muito mais profundamente do que a consciência superior poderia atuar levando-o justamente ao lugar em que o raio possa atingi-lo, com uma previsão de que a consciência superior não dispõe; portanto, trata-se de uma consciência que deseja o golpe do raio, e deste modo o homem procura diretamente o acidente.

Entendemos hoje que, devido a efeitos cármicos, acidentes e causas externas de doenças são procurados. Ainda iremos estudar como isso acontece em cada caso — como atuam no homem as forças situadas em camadas mais profundas da consciência e se porventura é permitido à nossa consciência normal evitar tais acidentes.

Assim como podemos entender que quando o indivíduo vai a uma região onde pode ser vitimado por uma infeção atue nele um certo grau de consciência que o impulsiona para aquela região, devemos também poder entender como é que acontece de o indivíduo tomar medidas no sentido de tais infecções poderem atuar cada vez menos — portanto, para que por meio de medidas higiênicas, tomadas com a consciência superior, as coisas possam ser afastadas. Podemos também entender a possibilidade de desviar esse efeito graças à consciência superior; e cumpre dizer que seria um grande absurdo a consciência inferior poder procurar causas de doenças se, por outro lado, estas não pudessem ser evitadas pela consciência superior.

Veremos que é 'razoável' buscar as causas patogênicas, sendo igualmente 'razoável' que a consciência superior tome medidas higiênicas contra a penetração de substâncias infecciosas para, com isso, evitar as causas de doenças.

22 de maio de 1910

Catástrofes naturais e epidemias em relação ao carma

Acervo Virtual Espírita

Como os Senhores viram, nestas conferências nos aproximamos de nossa meta aos poucos, procurando, a cada passo dado, aprofundar-nos mais no assunto. Por último falamos sobre a natureza das dores ligadas ao decurso de uma doença; mas também chamamos a atenção para o modo como, em outros casos, a doença — pelo menos em certo sentido — pode decorrer sem ser acompanhada de vivência de dor.

Cabe-nos, nesta altura, investigar melhor a essência da dor. Precisamos ter novamente em vista que a dor pode surgir como um fenômeno correndo paralelamente à doença. Ora, de nossa consideração precedente deveríamos inferir que não podemos encarar doença e dor como algo correlato. Precisamos ter em mente que, quando a dor está ligada a uma doença, deve haver outra coisa atuando além do mero estado patológico. Já chamamos atenção para o fato de que, no processo decorrido na passagem de uma encarnação a outra, onde vivências de encarnações anteriores se transformam em causas de doenças, intervém, de um lado, o princípio luciférico e, de outro, o princípio arimânico.

De que modo o homem coloca em si a causa de processos patológicos? Por que assimila a tendência a ficar doente? O que faz com que prepare, ente a morte e o novo nascimento —já caracterizamos como essa é a época que reúne as forças causadoras da doença — forças que na vida seguinte se realizam na doença? O que leva a isto é, de um lado, a possibilidade de entregar-se à tentação da potência luciférica e, de outro, à tentação da potência arimânica. Já sabemos o que significa sucumbir à potência luciférica. Tudo o que atua em nós como cobiças, como características de egoísmo, de ambição, de orgulho, de vaidade — isto é, todas as características que se relacionam com uma espécie de supervaloriz ação do nosso eu —, tudo isso está relacionado com a tentação dos poderes luciféricos em nós. Em outras palavras, sucumbimos às forças que atuam em nosso corpo astral e que se exprimem ao sentirmos cobiça e paixões egoístas e cometermos atos que, na encarnação em causa, resultam da sedução de Lúcifer. E então, no período entre a morte e o novo nascimento, vemos os resultados de tais ações influenciadas por Lúcifer e assimilamos a tendência a encarnar-nos de modo a passar por um processo patológico capaz de nos ajudar, caso o superemos, a libertar-nos dos tentáculos desses poderes luciféricos. Portanto, se os poderes luciféricos não estivessem presentes, não teríamos a possibilidade de sucumbir às tentações que nos levam a assimilar tais forças.

Se nada mais existisse na vida além da influência de Lúcifer, que nos induz a desenvolver impulsos e paixões egoístas, em verdade nunca poderíamos livrar-nos das tentações luciféricas. Tampouco conseguiríamos livrar-nos delas através das encarnações sucessivas, pois sempre sucumbiríamos a elas novamente. Se, por exemplo, durante a evolução terrestre tivéssemos sido simplesmente entregues a nós próprios, tendo a influência luciférica estado presente, teríamos numa encarnação as tentações luciféricas e, após a morte, percebendo até onde elas nos teriam levado, provocaríamos um processo de adoecimento; porém, se

Acervo Virtual Espírita

verdadeiramente nada acontecesse além disso, esse processo patológico não nos levaria a qualquer melhora específica na vida em que se realizasse. Ele só nos conduz a uma melhora quando as potências das quais Lúcifer é adversário acrescentam algo ao processo todo. Portanto, quando de um lado sucumbimos aos poderes luciféricos, logo se impõem como reação os poderes que lhe são adversos, procurando, então, desenvolver uma força contrária por cujo intermédio a influência luciférica possa verdadeiramente ser expulsa de nós. E esses poderes cujo opositor é, portanto, o poder luciférico acrescentam, ao processo desencadeado sob a influência de Lúcifer, a dor. Assim, precisamos considerar a dor como algo que — se chamarmos os poderes luciféricos de poderes maus — nos é trazido pelos poderes bons, a fim de que, justamente por meio da dor, possamos arrebatar-nos aos tentáculos dos poderes maus, não sucumbindo novamente a eles. Se no processo patológico resultante de sermos presas dos poderes luciféricos não sobreviesse a dor, opinaríamos que não é tão ruim assim sucumbir aos poderes de Lúcifer! E nada teríamos, em nós, que nos levasse a empregar nossas forças para arrebatar-nos aos poderes luciféricos. A dor, que é a conscientização do despertar incorreto do corpo astral, é ao mesmo tempo o que nos pode dissuadir de continuar sempre sucumbindo aos poderes luciféricos, nesse contexto em que já sucumbimos a eles. Assim, a dor torna-se nossa educadora no que tange às tentações dos poderes luciféricos.

Ora, não digam: como pode a dor nos educar, se apenas a sentimos como dor e não percebemos sua força benéfica? O fato de não percebermos essa força benéfica é apenas uma conseqüência de nossa consciência ligada ao eu. É na consciência que descrevi como subjacente à consciência própria do eu que o processo se desenrola, mesmo que o homem, com a consciência diurna, nada saiba a respeito e não possa concluir: “Agora estou sofrendo uma dor; ela é o resultado do suplemento conferido pelos bons poderes às minhas falhas!” Esta é uma força, no subconsciente, atuando verdadeiramente como realização cármica, como um impulso para não se sucumbir mais às ações, impulsos e cobiças que provocaram justamente essa doença.

Vemos assim como atua o carma, como sucumbimos aos poderes luciféricos e como esses poderes nos trazem uma doença que é levada a uma encarnação seguinte; e vemos como poderes benéficos acrescentam a dor à mera lesão dos nossos órgãos para que tenhamos, na dor, um meio educativo subjacente à superfície de nossa consciência. Por isso podemos dizer o seguinte: sempre que surgir dor numa doença, terá sido um poder luciférico que causou essa doença. A dor é decididamente um sinal da subjacência do poder luciférico. Pessoas que gostam de classificar sentirão a necessidade de distinguir entre doenças baseadas em influências exclusívamente luciféricas e as que resultam exclusivamente de uma influência arimânica; pois em todas as ocupações teóricas o mais cômodo é classificar, esquematizar, acreditando-se com isso ter compreendido muita coisa. Porém na realidade as coisas nao se comportam de

Acervo Virtual Espírita

modo a podermos captá-las por esses meios cômodos; elas estão continuamente se cruzando e intercalando. E também poderemos facilmente compreender, quando em presença de um real processo patológico, que uma parte possa ter sua causa na influência luciférica — isto é, em coisas a serem procuradas mais nas características do nosso corpo astral — e outra, ao mesmo tempo, em coisas a serem procuradas na influência arimânica. Assim, ninguém deve pensar, ao sentir uma dor qualquer, que só possa atribuí-la à influência luciférica. A dor indica a parte da doença decorrente da influência luciférica; mas nós compreenderemos isso mais facilmente perguntando-nos: de onde vem a influência arimânica?

Os homens não se entregariam de modo algum à influência arimânica se antes não se houvessem entregue à de Lúcifer. Pelo fato de os homens terem assimilado a influência de Lúcifer, sobreveio entre os quatro membros do ser humano — os corpos físico, etérico, astral e o eu — uma ligação que não teria ocorrido caso não houvesse atuado Lúcifer, mas apenas os poderes que lhe são adversos. Neste caso, o homem se haveria desenvolvido de outra maneira. Portanto, no que diz respeito ao interior humano, o princípio luciférico provocou uma perturbação. Ora, a maneira como o homem permite ao mundo exterior comunicar-se com ele depende do interior humano. E, exatamente como no caso de um olho que não pode ver corretamente o mundo exterior devido a um defeito interno, tampouco o homem consegue ver, através da influência luciférica, o mundo exterior tal qual ele é. Tendo-lhe sido dada uma razão para não ver o mundo exterior tal qual é, a influência arimânica conseguiu imiscuir-se na imagem incorreta do mundo exterior, de modo que a comunicação de Arimã com o homem só pôde ocorrer devido à prévia influência luciférica. A influência arimânica teve como conseqüência não só o fato de o homem poder continuar a entregar-se ao egoísmo sob forma de paixões, instintos, cobiças, vaidade, orgulho, etc., mas também o fato de agora, num organismo humano onde o egoísmo atuou dessa maneira, terem-se formado órgãos aos quais coube ver o mundo de modo enviesado e incorreto. Foi desse modo que Arimã conseguiu mesclar-se às imagens incorretas do mundo exterior. Ele se acercou, e por isso o homem ficou exposto a outra influência, de modo a poder não só entregar-se às tentações interiores, mas também ao engano — no julgamento e nos relatos acerca do mundo exterior — e à mentira. Portanto, Arimã atua de fora, mas fomos nós que primeiro lhe demos a possibilidade de poder acercar-se de nós.

Dessa maneira, em verdade as influências de Lúcifer e de Arimã nunca atuam somente por si. Elas sempre atuam uma após a outra, mantendo, de certa forma, o equilíbrio. De dentro, Lúcifer impele para fora; de fora, Arimã atua para dentro — e, de permeio, forma-se a imagem do mundo. Quando, numa encarnação qualquer, o interior do homem se torna mais forte, quando ele está mais exposto às influências interiores, sendo mais atraído por orgulho, vaidade

Acervo Virtual Espírita

e assim por diante, ele se entrega mais à influência de Lúcifer. Numa encarnação em que, por seu carma global, o homem é menos condicionado a ceder às influências interiores, ele pode entregar-se mais facilmente aos erros e tentações de Arimã. É assim que acontece de fato em nossa vida. À medida que percorremos nossa vida diariamente, às vezes somos mais vítimas das tentações de Lúcifer, às vezes mais das de Arimã. Oscilamos entre ambas — que nos levam, por um lado, a inflarnos em nosso interior e, por outro, a deixar-nos enganar por ilusões do mundo exterior.

Neste ponto deve ser mencionado — por ser extraordinariamente importante — que às tentações de ambos os lados deve resistir especialmente quem, por um desenvolvimento superior, procure penetrar no mundo superior, seja penetrando até o espírito situado atrás das manifestações do mundo exterior, seja descendo ao próprio interior por caminhos místicos. Ao penetrar no mundo espiritual exterior, situado atrás do mundo físico, ele se defronta sempre com as imagens ilusórias simuladas por Arimã; quando deseja descer misticamente ao interior da própria alma, está sempre consideravelmente exposto às seduções de Lúcifer. Quando se torna místico e desce com êxito, sem antes haver tomado, mediante sua formação de caráter, medidas contra o orgulho, a vaidade, etc. — quando, pois, consegue viver como místico sem uma cultura moral em particular —, ele pode tanto mais facilmente sucumbir às tentações de Lúcifer, que atua na alma a partir do íntimo. Por isso, não tendo passado por uma educação moral, ao conseguir penetrar um pouco em seu interior o místico pode correr o grande perigo de conclamar, ainda mais fortemente do que até então, a força reativa da influência de Lúcifer, tornando-se mais vaidoso e orgulhoso do que antes. Por esse motivo é tão necessário que, por meio da formação de caráter, nos preocupemos em desenvolver previamente um antídoto contra as seduções que se acercam de nós sob forma de vaidade, megalomania e orgulho. Nunca será demais cultivarmos as qualidades que nos levam à modéstia e à humildade. Isto é sumamente necessário ao lado do nosso desenvolvimento superior que chamamos de lado místico. De outro lado, é necessário que o homem se proteja contra as alucinações de Arimã ao procurar chegar à origem espiritual das coisas por um desenvolvimento que o conduza por detrás das manifestações do mundo exterior. Caso ele não tente alcançar uma formação de caráter que o torne interiormente robusto e forte, firmemente edificado em seu interior, poderá facilmente ocorrer — e justamente se tiver sucesso em sua sortida ao mundo espiritual — de ele se entregar à Árimã e este o enganar com ilusões e alucinações cada vez maiores.

É muito comum acontecer de as pessoas, em certo sentido, ‘tomarem alguém ao pé da letra’. Por ter sido tantas vezes enfatizado que o desenvolvimento superior, procurando transcender as manifestações do mundo exterior, deve estar sempre ligado àplena consciência, acontece que certas pessoas sempre voltam a trazer-nos indivíduos meio sonâmbulos que afirmam: “Sim, eu

Acervo Virtual Espírita

percebo o mundo espiritual, e com plena consciência!" Aí só se pode dizer que seria muito mais sensato elas não terem essa consciência! Ora, as pessoas se iludem a respeito dessa 'consciência'. Trata-se de uma mera consciência imaginativa, de uma consciência astral; pois se essas pessoas não estivessem num grau de subconsciência, não teriam essas percepções. Aí ocorre que, ao se penetrar no mundo espiritual, é preciso manter coesa a consciência ligada ao eu. Com essa consciência, porém, está relacionado o juízo próprio e uma nítida faculdade de discernimento! Estes, contudo, as pessoas não possuem quanto às configurações que vêem no mundo espiritual. O fato de termos uma consciência nada significa de prodigioso; mas a consciência ligada ao cultivo do nosso eu essa, sim, precisamos ter. Porisso, num processo evolutivo para a visão dos mundos superiores não se insiste em que os homens cheguem o mais rapidamente possível a um mundo superior, vendo toda sorte de figuras ou, talvez, até ouvindo toda sorte de vozes; insiste-se, sim, no fato de que a entrada no mundo espiritual só pode ser útil e benéfica quando se aguça a consciência, a faculdade de discernir e o juízo próprio. E para isso nada é melhor do que o estudo das verdades da Ciência Espiritual. Por isso enfatizamos que o estudo das verdades da Ciência Espiritual éuma proteção contra a suposta visão de toda sorte de figuras, sobre a qual não se pode estender qualquer julgamento. Quem estiver realmente treinado a esse respeito não identificará qualquer manifestação como sendo isto ou aquilo, mas saberá principalmente discernir entre realidade e imagem nebulosa, sabendo sobretudo que terá de ser particularmente cauteloso com as coisas que surgem como percepções auditivas — pois uma percepção auditiva nunca poderá ser correta se o indivíduo não houver passado pela esfera do silêncio absoluto. E quem não houver primeiramente experimentado a absoluta calma e silêncio do mundo espiritual poderá dizer a si próprio, com segurança, que as imagens percebidas são ilusões, embora estas lhe comuniquem algo inteligente. Só conseguirá proteger-se contra imagens ilusórias quem se houver esforçado para aguçar seu juízo próprio justamente tentando compreender as verdades dos mundos superiores. Para isso os recursos da ciência exterior são insuficientes. A ciência exterior não proporciona critério tão vigoroso e aguçado como é necessário para realmente se discernir num mundo espiritual. Daí podermos dizer realmente o seguinte: quando pessoas que não se ocuparam previamente em aguçar esmeradamente seu juízo — o que é possível, particularmente pelo estudo da Ciência Espiritual — relatam algo dos mundos superiores, tais relatos sempre são altamente discutíveis, e deveriam ao menos ser previamente controlados com os métodos obtidos sob a premissa do verdadeiro aprendizado.

Só existe um poder frente ao qual Lúcifer recua: é a moralidade — algo que queima Lúcifer qual um fogo terrível. E não existe outro meio que surta efeito contra Arimã senão o juízo próprio e a faculdade de discernir, exercitados na Ciência Espiritual; pois o que adquirimos aqui na Terra como juízo sadio é algo

Acervo Virtual Espírita

de que Árimã foge assustado. No fundo, nada há que ele mais repudie do que nossas conquistas mediante um treino sadio de nossa consciência ligada ao eu. Ora, como veremos, Árimã pertence a uma região totalmente diferente, muito distante daquilo que desenvolvemos como nosso juízo sadio. Ao deparar-se com o que, em nossa existência na Terra, conquistamos como juízo sadio, ele leva um grande susto, pois isso lhe é totalmente desconhecido e inspira-lhe um grande temor. Quanto mais nos esforçamos em aperfeiçoar o que, na vida entre o nascimento e a morte, pode existir como juízo sadio, tanto mais estaremos trabalhando contra Arimã. Isso se revela, em particular, em toda espécie de indivíduos que são trazidos à nossa presença e nos contam maravilhas de todos os mundos espirituais que eles 'juram por todos os santos' ter visto. E quando se faz a menor tentativa de dar a essas pessoas alguns esclarecimentos, de ensinar-lhes compreensão e capacidade de discernir, habitualmente Árimã os prende de tal modo em suas garras que eles mal conseguem admitir tal coisa; e isso se torna tanto mais intenso quanto mais as tentações de Árimã se manifestam acusticamente. Existem mais meios contra o que se revela em imagens visionárias do que contra o que se revela acusticamente, como vozes, etc. Tais pessoas têm uma grande aversão por aprender algo que deve ser conquistado, entre o nascimento e a morte, para a consciência ligada ao eu. Elas não desejam isso. Não são, porém, elas próprias quem não o deseja; são os poderes arimânicos que as afastam disso. Contudo, se conseguirmos levar tal indivíduo a desenvolver um juízo sadio, e se ele consentir em assimilar ensinamentos, logo depois se evidenciará o seguinte: as vozes e alucinações cessarão, por não passarem de imagens arimânicas nebulosas e pelo fato de Arimã ficar tomado de um medo terrível ao constatar que dali, do ser humano, advém um juízo sadio!

Assim, o melhor meio contra esses adoecimentos particularmente prejudiciais ao homem — as visões e audições alucinatórias provocadas por Árimã — é o seguinte: por todos os meios disponíveis, levar a pessoa a conquistar um juízo sadio e racional. Para algumas pessoas isto é extremamente difícil, pois em seu caso o outro poder lhes torna as coisas muito confortáveis —esse outro poder as guia. Quem quiser expulsar esse poder não poderá acomodar-se. Então será bem difícil abordar essas pessoas, pois elas afirmarão que as privamos do que antes as conduzia ao mundo espiritual, quando, em verdade, nós a teremos tornado sadias e impedido que aqueles poderes as dominassem cada vez mais.

Vimos, portanto, que os poderes luciféricos e arimânicos têm uma considerável aversão a certas coisas. Humildade, modéstia, não ter de si uma opinião maior do que um julgamento sadio justifique, eis coisas que não agradam absolutamente a Lúcifer. Em contrapartida, ele se comporta como moscas numa sala suja quando, em algum lugar, as características da ambição e da vaidade querem manifestar-se. Tudo isso e, em especial, as coisas que se baseiam em idéias falsas a respeito de nós próprios agem de modo a colocar-nos também à

Acervo Virtual Espírita

disposição de Arimã. Contra Arímã, nada protege melhor do que o verdadeiro esforço em pensar sadiamente, tal como nos ensina a vida entre o nascimento e a morte. E são justamente os que se identificam com a Ciência Espiritual que têm ocasião de sempre tornar a enfatizar, o mais intensamente possível, o fato de não convir a nós, homens terrenos, deixar de levar em conta o que nos deve ser dado justamente pela vida terrena. Os homens que desdenham a possibilidade de adquirir um julgamento sadio e uma faculdade de discernimento racional, pretendendo facilmente chegar sem eles a um mundo espiritual, querem, no fundo, alienar-se da vida terrena. Eles querem pairar acima dela; acham, em verdade, que lhes seria uma atividade trivial demais dedicar-se a toda sorte de coisas que pudessem conduzir a uma compreensão da vida terrena. Julgam-se um tanto melhores. No entanto, é justamente uma sensação assim que produz o orgulho. Por isso podemos ver que pessoas com pendores ao fanatismo, a um não-envolvimento com as coisas e a vida terrenas por já estarem 'por dentro de tudo', não querem associar-se a uma corrente como a nossa. Tais pessoas dizem: "É no mundo espiritual que a humanidade deve entrar!"

Muito bem, mas só existe um caminho sadio, que é o da moralidade no mais elevado sentido, conquistada na Terra, e que não nos deixa supervalorizar-nos, não nos leva a um juízo errôneo a nosso próprio respeito nem tampouco nos deixa ficar dependentes de nossos instintos, cobiças e paixoes; de outro lado, e uma diligente e sadia participação nas circunstâncias da vida terrena, e não um querer pairar acima da realidade dessa mesma vida.

Com isso extraímos das profundezas do carma algo relacionado com as profundezas da vida espiritual. Isto pode ser de muito valor, mas nada terá valor para a evolução do homem e de sua individualidade se buscado no mundo espiritual sem um juízo sadio; tampouco terá valor o que for buscado sem moralidade. Pode-se compreender isto pelos fatos expostos aqui ontem e hoje. E, compreendendo-o, podemos perguntar-nos: por que a influência luciférica, justamente por atuar há mais tempo e por se haver transformado em doença, sendo compensada pela dor, não poderia como que atrair para si a influência arimânica? E por que a influência arimânica não pode, justamente como conseqüência da influência luciférica, participar da etapa que nos prepara a dor e nos denuncia o curso luciférico de uma doença? Como, afinal, atua a influência arimânica? Como as tentações de Árimã se transformam em causas de doenças? Como isso se manifesta numa encarnação posterior?

O que se atribui à influência arimânica deve sempre reconduzir diretamente a Lúcifer; mas quando a influência luciférica é forte a ponto de provocar a influência arimânica, a influência arimânica é mais pérfida. Ela situa-se mais abaixo, não só nas falhas do corpo astral mas também do corpo etérico. Numa consciência situada abaixo da consciência da dor, surge a influência arimânica

Acervo Virtual Espírita

com uma lesão não necessariamente acompanhada de dor, mas que leva a uma inaptidão do órgão onde se manifesta.
Suponhamos que em determinada encarnação tenha ocorrido uma influência arimânica, provocando o que esse tipo de influência pode provocar. O indivíduo atravessa a época entre a morte e o novo nascimento e volta a encarnar-se. Evidencia-se, então, que um órgão qualquer está tomado pela influência arimâníca; em outras palavras: o corpo etérico penetra muito mais profundamente nesse órgão do que deveria — o órgão está muito mais fortemente permeado pelo corpo etérico do que deveria estar. Em tal caso, o indivíduo será induzido, em razão do órgão defeituoso, a emaranhar-se ainda mais profundamente no erro — naquilo que Arimã realiza no mundo. Se quisesse vivenciar todo esse processo com o órgão — para cujo interior o corpo etérico se deslocou tão profundamente — lesado pela influência arimânica, o indivíduo se emaranharia mais profundamente no que Arimã pode causar: em maya. Porém como tudo o que o mundo exterior produz como maya não pode ser levado para o mundo espiritual, disso resulta que o mundo espiritual se afasta cada vez mais de nós. Ora, no mundo espiritual só existe verdade, e não ilusão! Portanto, quanto mais nos emaranharmos na ilusão provocada por Arimã, tanto mais seremos impelidos a transpor-nos justamente ao mundo sensorial exterior e à ilusão do físico-sensorial mais do que faríamos sem tal órgão defeituoso.
Aqui, porém, surge igualmente um efeito contrário, tal qual a dor surge como efeito contrário no caso da influência luciférica. Esse efeito contrário surge do seguinte modo: no momento em que corremos o risco de nos acorrentarmos excessivamente ao mundo físico-sensorial e, com isso, roubarmos demais daquilo que nos poderia conduzir ao mundo espiritual, nesse momento o órgão é destruído, ficando paralisado ou muito fraco para atuar. Surge, pois, um processo de destruição.
Vemos, portanto, que um órgão é destruído, mas é preciso entender que em verdade devemos agradecer isso a poderes benéficos: o órgão é tomado a fim de podermos encontrar o caminho de volta ao mundo espiritual. O fato é que órgãos são destruídos por certos poderes — se isso não ocorrer de outra maneira —, ou então somos dotados de órgãos doentes, para não sermos lançados profundamente demais na ilusão.
Quando, por exemplo, alguém tem uma doença hepática que, como tal, não é acompanhada de sensações dolorosas, estamos em presença do efeito de uma influência arimânica anterior, que levou à lesão do fígado — pois se o indivíduo não fosse privado deste órgão, as forças relacionadas com a penetração maior do corpo etérico o conduziriam profundamente demais a maya.
As lendas e os mitos sempre conheceram a sabedoria mais profunda, expressando-a em si. O fígado é justamente um bom exemplo disso, por ser um órgão que mais facilmente pode atuar no deslize do homem para dentro do

Acervo Virtual Espírita

mundo físico ilusório. Ao mesmo tempo, o fígado é o órgão que nos acorrenta à Terra. Com essa verdade está relacionado o seguinte fato: no caso daquela entidade que, segundo a lenda — a lenda de Prometeu —, proporcionou aos homens a força capaz de conduzi-los à vida terrena e aí torná-los muito atuantes, um abutre bica justamente o fígado. Um abutre bica o fígado não porque deva provocar em Prometeu uma dor particularmente forte, pois neste caso a lenda não coincidiria com fatos reais. Porém as lendas sempre coincidem com os fatos fisiológicos! O abutre bica o fígado justamente porque este não dói! Ora, o que deveria ser mostrado é que Prometeu levava àhumanidade algo que poderia emaranhá-la ainda mais profundamente no elemento arimânico caso não pudesse ocorrer o efeito oposto, compensador! Os documentos ocultos sempre estão em consonância com as verdades anunciadas pela Ciência Espiritual.

Hoje eu lhes mostrei, puramente a partir dos fatos, que são os poderes bons que infligem ao homem a dor para contrabalançar a influência de Lúcifer. Relacionemos isto com os documentos do Velho Testamento. 19 Depois de acontecer a influência de Lúcifer, tal como nos é simbolizada pela serpente que seduziu Eva, os adversários de Lúcifer tinham de infligir a dor ao que este pretendia trazer aos homens. A potência à qual Lúcifer se opõe devia agora chegar e declarar que, a partir de então, a dor sobreviria à humanidade. É o que faz Javé ou Jeová ao pronunciar as palavras:

"Com dores darás à luz teus filhos!"

Via de regra, não se sabe como interpretar tais coisas nos documentos ocultos enquanto não se dispõe das explicações da Ciência Espiritual. Depois de obtê-las se descobre, então, como tais documentos são profundos. Por isso, não me peçam que a partir do nada — isto é, sem os pressupostos adequados — eu explique as coisas sem mais nem menos. Para ser inteiramente possível falar sobre o trecho "Com dores darás à luz teus filhos!", as considerações sobre o carma devem vir antes; pois a explicação só poderá ser dada em seu contexto adequado. Por isso não adianta muito querer receber explicações sobre um ou outro conteúdo de documentos ocultos antes que se tenha chegado ao ponto correspondente na evolução oculta. É sempre um tanto melindroso perguntar "O que significa isso?", "O que significa aquilo?". A pessoa precisa sempre esperar e ter paciência até que se tenha chegado ao ponto em questão; apenas com explicações nada se alcançaria.

Vemos, pois, atuar em nossa vida os poderes luciféricos, de um lado, e os poderes de que Lúcifer é adversário, de outro. Quando os poderes arimânicos atuam em nossa vida, devemos ter em mente que os poderes que inutilizam nossos órgãos ao cairmos sob influência arimânica são poderes bons, aos quais Árimã se opõe.

[19] Gênesis, 3. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

Tomando como ponto de partida tudo o que acaba de ser dito, os Senhores poderão olhar profundamente para o complexo mecanismo da natureza humana e concluir: os poderes luciféricos são aqueles que ficaram para trás durante o período da Antiga Lua; hoje eles atuam na vida humana, em nosso ciclo da Terra, com as forças que em verdade são forças tipicamente lunares, não podendo exercer, durante nosso ciclo evolutivo terrestre, um papel, por exemplo, no plano cósmico correspondente apenas aos poderes cujo adversário é Lúcifer. Assim Lúcifer interfere no plano de uma outra entidade.

Podemos, contudo, remontar a épocas ainda mais remotas da evolução.

Ao vermos, de um lado, que seres se atrasaram em seu desenvolvimento na Lua para intervir na vida humana na Terra, podemos achar explicável ter havido, também no antigo Sol, seres que ficaram para trás e que na Antiga Lua desempenharam um papel semelhante aos dos seres luciféricos na Terra. Temos atualmente, na entidade humana, algo que podemos caracterizar como uma luta: a luta desenrolada entre os poderes luciféricos, que se instalam em nosso corpo astral, e os poderes atuantes em nós por intermédio do nosso eu, mediante nossas conquistas na Terra. Ora, os poderes cujo adversário é Lúcifer só podem atuar em nós por intermédio do nosso eu. Se quisermos ganhar clareza a respeito de nós mesmos, fazendo uma auto-avaliação correta, só poderemos tê-la com a ajuda dos poderes que atuam em nosso eu. Para isso temos de utilizar-nos desse eu. Podemos, pois, dizer o seguinte: ao mesmo tempo em que nosso eu se insurge contra os poderes luciféricos, Javé ou Jeová luta em nós contra Lúcifer; temos, então, a luta daquele que cuida do plano cósmico bom contra aquele que, por seu mérito exclusivo, se revolta contra esse plano cósmico — sendo que nos situamos, com o mais íntimo do nosso ser, em meio a essa luta de Lúcifer com outras entidades. Somos o palco dessa luta. E, por sermos o palco dessa luta, somos atraídos para o carma, embora apenas indiretamente, pelo fato de essa luta acontecer contra Lúcifer. Contrariamente, quando dirigimos o olhar para fora, somos atraídos para os poderes arimânicos. Neste caso ocorre algo vindo de fora, e então Arimã penetra em nós.

Ora, sabemos que na Antiga Lua viveram seres que do mesmo modo, naquela época, passaram por seu estágio ‘humano’ tal qual estamos passando no decorrer do ciclo da Terra. Em meus livros A Crônica do Akasha e A Ciência Oculta, esses seres são chamados de Anjos, Angeloi, Dhyanis — não importa o nome. No interior desses seres desenrolava-se então uma luta semelhante à luciférica em nosso ser. Esses seres eram, na Antiga Lua, o palco de uma luta provocada pelas entidades que haviam ficado para trás, no Sol. Essa luta, no ciclo da Lua, nada tem a ver com nosso eu interior, pois então nós ainda não o possuíamos. Ela se realizou fora do âmbito do nosso eu; ocorreu, na Antiga Lua, no ‘seio dos Anjos’. Assim, essas entidades tornaram-se algo que só foi possível sob a influência de outras, retardatárias em relação ao ciclo do Sol e que, na época, desempenharam para os Anjos o mesmo papel que os seres luciféricos

Acervo Virtual Espírita

desempenham hoje para nós. Eram os seres arimânicos, que se atrasaram durante a evolução solar da mesma maneira como os seres luciféricos se atrasaram na evolução lunar. Por isso, só podemos chegar a essas entidades de modo indireto. Ármã era, por assim dizer, o tentador no coração dos Anjos, e por sua atuação dentro deles as Anjos vieram a ser o que são, trazendo em si tanto o que passaram a ser sob a influência arimânica quanto o que alcançaram de bom.

O que de bom recebemos de Lúcifer é a possibilidade de distinguir entre o bem e o mal, de desenvolver o livre-arbítrio, de conquistar a vontade livre. Só podemos alcançar tudo isso por meio de Lúcifer. Essas entidades, porém, adquiriram algo e o trouxeram à existência da Terra; daí podermos dizer o seguinte: o modo como os Anjos nos rodeíam na condição de seres espirituais foi preparado para sua existência atual pela luta arimânica em sua alma, na época evolutiva da Antiga Lua. O que esses seres experimentaram, bem como o que conservaram disso como efeitos, não nos toca no mais íntimo do nosso eu; nós não participamos disso com nosso eu.

Veremos ainda que há um vínculo indireto, pois a influência arimânica acaba atuando em nós. O que essas entidades conquistaram sob a influência de Ármã são certos efeitos cujas causas elas assimilaram durante seu ciclo lunar. Por meio da influência arimânica, portanto, essas entidades assimilaram, durante a existência lunar, algo que trouxeram para nossa existência terrestre. Procuremos descobrir, em nossa existência da Terra, algo que nos possa parecer um efeito da luta arimânica daquele tempo.

Se na Antiga Lua não houvesse ocorrido essa luta arimânica, tais entidades não poderiam trazer para nossa existência na Terra o que pertencia à antiga existência lunar — pois tudo isso teria deixado de existir quando a Antiga Lua sucumbisse. Por terem assimilado a influência arimânica, os Angeloi se emaranharam na existência lunar, da mesma maneira como, pela influência luciférica, nós nos emaranhamos na existência da Terra. Eles assimilaram o elemento lunar no âmago do seu ser e o trouxeram ànossa existência na Terra. Com isso capacitaram-se a suscitar, em nossa existência terrestre, precisamente o necessário para que a Terra não caia totalmente sob a influência de Lúcifer. Nossa Terra teria de sucumbir por inteiro à influência de Lúcifer caso não fosse trazido, à nossa existência terrestre, esse fato que corresponde à luta dos Anjos com Ármã, na Lua.

Quais são afinal, na existência da Terra, os processos que caracterizamos como normais? Quando o nosso atual sistema solar se havia adequado aos objetivos da Terra, surgiu o que vemos como os movimentos regulares do Sol, da Terra e dos planetas, bem como as conseqüências desses movimentos: o fato de termos dia e noite, a seqüência regular das estações, o fato de termos luz solar e chuva, de nossas frutas se desenvolverem nos campos, etc. São disposições que sempre se repetem de acordo com o ritmo do Cosmo, formado para o nosso atual ciclo

Acervo Virtual Espírita

da Terra depois que a existência lunar desapareceu no crepúsculo. Contudo, dentro da existência da Terra atua Lúcifer. Veremos que ele ainda atua mais do que simplesmente no âmbito ao qual já pudemos segui-lo: atua no próprio ser humano, onde, aliás, decidiu ter seu palco mais importante. Mas mesmo que Lúcifer estivesse presente somente dentro do contexto da existência da Terra, já por meio das disposições surgidas pela órbita regular dos planetas ao redor do Sol, pela alternância entre verão e inverno, chuva e sol, etc., os homens cairiam no que podemos chamar de 'tentação luciférica'. Se fosse proporcionado aos homens tudo o que lhes é possível ser graças às leis vigentes no Cosmo, graças a tudo o que é gerado pelos movimentos regulares e rítmicos do sistema solar, se só reinassem as leis apropriadas ao nosso Cosmo atual, o homem sucumbiria à influência luciférica — preferiria o bem-viver ao que deve obter para o seu bem cósmico; preferiria o andamento regular das coisas ao que deve ser conquistado com esforço.

Por isso tiveram de ser criadas forças contrárias. Foi preciso atuarem forças surgidas do fato de se haverem imiscuído, nos processos cósmicos regulares da nossa vida na Terra, processos que na Antiga Lua eram altamente benéficos e normais mas que hoje, ao atuar em nossa vida terrestre, são anormais e põem em perigo o andamento terrestre regular. Essas influências se apresentam, de certo modo, colocando nos eixos o que, caso existisse apenas o ritmo, surgiria como inclinação para a boa vida, a comodidade e a opulência; tais forças se revelam, por exemplo, na tempestuosidade da chuva de granizo. E, no caso de ocorrer a destruição do que normalmente seria criado pelas forças regulares da Terra, é operada uma correção que atua beneficamente sobre o todo, embora o homem, de início, não se aperceba disso; pois existe uma razão superior àquela que o homem entende. Quando o granizo assalta os campos, podemos dizer o seguinte: as forças que atacam na chuva de granizo eram, na Antiga Lua, tão benéficas como as que hoje atuam beneficamente na chuva e na luz do sol. Hoje em dia elas atacam tempestuosamente para compensar o que normalmente a influência luciférica provocaria. E quando o andamento regular se adianta, elas atacam de maneira mais tempestuosa, para incrementar a correção. Tudo o que leva ao desenvolvimento regular pertence às forças da própria Terra. Mas quando um vulcão ejeta lava, atuam ali forças típicas de forças atrasadas da Antiga Lua, a fim de exercer uma ação corretiva na vida da Terra. É isso o que se dá com os terremotos e acontecimentos elementares20 em geral. Podemos ver que muita coisa proveniente de fora encontra sua justificativa racional no andamento geral da evolução. Ainda veremos como isso se relaciona com a consciência humana ligada ao eu — e, desse modo, o que parece insatisfatório nesta palestra se harmonizará amanhã.

[20] Ligados aos elementos da natureza. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

Precisamos ter consciência de que tudo isso representa apenas um lado da existência terrena e cósmica, em geral. E se, por um lado, dizemos que quando um órgão nosso é destruído trata-se da atuação benéfica de poderes espirituais, e tendo verificado hoje que até mesmo todo o andamento da evolução da Terra precisa ser corrigido por forças da antiga existência lunar, cumpre-nos perguntar: como é então que, por outro lado, na qualidade de homens terrenos, precisamos gerar correções para as influências nocivas das antigas forças lunares? Com efeito, devemos presumir que, como homens terrenos, não devemos ansiar por ocorrerem terremotos e erupções vulcânicas, nem destruir deliberada-mente órgãos para apoiar a atuação benéfica de poderes espirituais. De outro lado, devemos reconhecer como legítima a seguinte afirmação: quando uma epidemia irrompe em algum lugar, com ela é trazido algo que o homem decididamente procura para compensar alguma coisa em si próprio. E podemos admitir que ele é introduzido em determinadas situações a fim de sofrer uma lesão para, superando-a, aproximar-se da perfeição.

E como ficam as medidas higiênicas e sanitárias? Não caberia perguntar se as epidemias, portanto, podem atuar beneficamente? Nesse caso, não será errado reduzir a possibilidade de ocorrerem essas boas influências por meio de toda sorte de instituições sanitárias e medidas profiláticas? Alguém poderia concluir que nada se deveria fazer para amenizar catástrofes elementares e invocar justificativas extraídas de nossas considerações de ontem e de hoje.

Veremos que tal não é o caso,mas não o é apenas sob certas premissas. Em verdade, só agora estamos preparados de maneira correta para, na próxima consideração das situações, de um lado entender como influências benéficas causam diretamente a lesão de um órgão para impedir que sejamos dominados por maya, e, de outro lado, para ficarmos conscientes do efeito que suscitamos ao subtrair-nos, a nós próprios, de tais influências benéficas, intervindo com medidas sanitárias e higiênicas contra as doenças. Veremos que aqui estamos num ponto onde o homem se encontra tão freqüentemente: quando uma aparente contradição aflora e toda a força da contradição o agita, ele está próximo ao ponto em que as forças arimânicas podem exercer grande influência sobre ele. Nunca a possibilidade de nos entregarmos a enganos é tão iminente como ao entrarmos em tal dilema. E é bom termos chegado a ele: são poderes benéficos que tornam um órgão imprestável em nós, pois trata-se de uma reação contra Árimã; portanto, deveriam ser considerados elementos perniciosos à humanidade aqueles que não incentivam essas ‘reações benéficas contra os poderes arimânicos’ — pois medidas higiênicas e coisas semelhantes limitariam essa reação benéfica.

Estamos num dilema. E é bom termos sido levados a essa contradição para podermos refletir sobre o fato de tais contradições serem possíveis, consistindo até mesmo num bom exercício para o nosso espírito. Pois quando tivermos visto de que maneira podemos livrar-nos desse dilema, teremos feito, a partir de nós

Acervo Virtual Espírita

próprios, algo capaz de dar-nos força para nos esquivarmos dos enganos de Arimã.

25 de maio de 1910

O carma dos corpos superiores do homem

Recordando a contradição com que nos defrontamos ao fim da última palestra, precisamos, para sua solução, considerar uma vez mais as duas forças, os dois princípios que no decurso do tempo surgiram no papel de desafiadores e também de reguladores de nosso carma.
Como vimos, nosso carma só é posto em movimento ao sofrermos as influências das potências luciféricas em nosso corpo astral: pela tentação dessas potências somos levados a manifestações sentimentais, instintivas e passionais que nos tornam, de certa maneira, mais imperfeitos do que normalmente seríamos. Ao atuar sobre nós, as influências luciféricas despertam, por outro lado, as influências arimânicas — aquelas forças que não atuam de dentro para fora, mas atuam sobre nós a partir do exterior, em intercâmbio com o mundo, agindo de entremeio ao que, de fora, vem ao nosso encontro. No fundo, é Arimã quem é provocado por Lúcifer, e nós, homens, estamos de fato colocados no meio da disputa entre ambos esses princípios. E, na vida, ao cairmos nos tentáculos de Lúcifer ou de Árimã, precisamos tentar progredir justamente procurando meios e caminhos para elevar-nos, pela superação do que nos foi causado. Poderemos, porém, ver bem nitidamente como, de fato, esse jogo entre os poderes luciféricos e arimânicos tem lugar ao redor de nossa pessoa se focalizarmos uma vez mais, de forma um tanto diferente, o caso já mencionado da última vez: o do indivíduo que sucumbe às influências arimânicas de modo a vivenciar toda sorte de miragens e ilusões, acreditando receber especiais revelações neste ou naquele âmbito ou impressões neste ou naquele sentido, ao passo que outra pessoa, tendo conservado seu juízo sadio, facilmente reconhece ter o indivíduo em questão sucumbido a erros e ilusões.
Da última vez falamos de casos em que alguém fica sujeito a enganos clarividentes — porém clarividentes no mau sentido — sobre o mundo espiritual. Dissemos expressamente que tais enganos são provocados por forças arimânicas. E vimos que, contra esses enganos provocados por clarividência incorreta, não há outro meio ou meio melhor do que o juízo sadio adquirido na vida física entre o nascimento e a morte.
O que foi dito na última conferência é algo significativo e essencial ao se tratar de erros de clarividência; pois no caso de uma clarividência que não tenha sido alcançada por urna disciplina regular e exercícios sistemáticos, orientados de maneira correta e rigorosa, e sim manifestando-se por meio de características antiquadas, herdadas — como imagens ou impressões sonoras e coisas

Acervo Virtual Espírita

semelhantes —, sempre podemos verificar que tal clarividência incorreta diminui ou até cessa quando a pessoa envolvida tem a possibilidade e o desejo de fazer estudos antroposóficos, de verdadeiramente assimilar conhecimentos ou até submeter-se a um treino verdadeiramente adequado, apropriado ao assunto. Portanto, nos casos em que se trate de aberrações do conhecimento supra-sensível podemos dizer que as verdadeiras fontes, quando o indivíduo é acessível a elas, também lhe servirão sempre de ajuda para levá-lo ao caminho acertado.

Contra isso não se pode alegar algo que, na realidade, não passa de uma verdade trivial, conhecida por todos. Todo mundo sabe que quando alguém, devido a complicações cármicas, desenvolve estados que o levam aos sintomas de mania de perseguição, mania de grandeza, edifica em sua alma um sistema de idéias paranóicas, às quais dá fundamentação tão lógica quando possível, mas que não passam de idéias paranóicas. Pode acontecer, por exemplo, que uma pessoa raciocine correta e logicamente em outras áreas da vida e, contudo, tenha a idéia fixa de ser perseguida por toda parte, devido a esta ou aquela causa. Então, onde quer que chegue estará pronta a fazer combinações inteligentes dos menores acontecimentos para dizer que existe, mais uma vez, um grupo que só quer prejudicá-la! E demonstrará, da maneira mais inteligente, quão fundamentada é sua suspeita. Assim, alguém pode ter uma cabeça muito lógica e, no entanto, apresentar certos sintomas de demência. Neste caso, será totalmente impossível refutar tal indivíduo com argumentos lógicos. Ao contrário, se em tal caso chegarmos com argumentos lógicos, pode acontecer de as idéias paranóicas, que jazem no interior do indivíduo, serem então provocadas e procurarem provas ainda mais apuradas para o que ele valida como conteúdo de sua mania de perseguição.

Quando falamos no sentido da Ciência Espiritual, as coisas devem ser tratadas com a maior precisão. Se tanto hoje como da última vez frisamos que os conhecimentos da Ciência Espiritual, aos quais alguém se dedica com todo o esforço e mesmo por um treino sistemático, possui um poder contrário a uma aberração das forças clarividentes, referimo-nos com isso a um caso totalmente diverso daquele que acaba de ser caracterizado. Agora não se trata de levar, ao indivíduo em questão, conhecimentos da Ciência Espiritual. Via de regra, deseja-se levar a ele argumentos do âmbito do raciocínio usual. A estes, porém, tal indivíduo mostra-se absolutamente inacessível. Por quê?

Quando surge um quadro patológico manifesto pelos sintomas descritos, nesse caso o indivíduo revela uma causa cármica de encarnações anteriores, de aberrações anteriores. O que deve ser considerado uma aberração do íntimo não se situa — nem pode, neste caso, situar-se — na encarnação atual, mas numa encarnação precedente. Ora, imaginemos como algo vem de uma encarnação anterior para a atual.

Acervo Virtual Espírita

Para isso temos de considerar como decorre, de fato, o desenvolvimento de nossa alma. Como homem exterior, cada um de nós é constituído pelos corpos físico, etérico e astral; e com o passar do tempo construímos dentro desses invólucros, pelo trabalho do eu, a alma da sensação no corpo das sensações, a alma do intelecto ou da índole no corpo etéríco e a alma da consciência no corpo físico. O que desenvolvemos em nosso interior como sendo os três membros anímicos, nós o construímos dentro dos três envoltórios onde atualmente vivem esses membros. Imaginemos agora que numa encarnação qualquer sejamos tão seduzidos pela influência de Lúcifer — portanto, desenvolvendo impulsos egoístas ou outros atribuídos à influência luciférica, como cobiças, instintos — que carreguemos falhas em nossa alma. Essas falhas podem estar na alma da sensação, na alma do intelecto ou da índole ou, ainda, na alma da consciência. Esta é então a causa que, numa encarnação seguinte qualquer, vem a existir num dos três membros da alma. Suponhamos tratar-se de uma falha que repouse particularmente nas forças da alma do intelecto. Essa falha será depois, na situação entre a morte e o novo nascimento, transformada a tal ponto que, por exemplo, o que a alma da razão cometeu se revela, em seu efeito, no corpo etérico. Durante a passagem da morte ao novo nascimento, isso terá sido incorporado no corpo etérico. Na nova encarnação, deparamos então com um efeito, no corpo etérico, decorrente de uma causa situada na alma do intelecto numa encarnação anterior. Ora, a alma do intelecto da encarnação seguinte volta a trabalhar autonomamente; haverá, então, uma diferença conforme o indivíduo tenha ou não cometido aquela falha anteriormente. Em caso afirmativo, ele terá uma falha, em seu corpo etérico, situada mais profundamente — não na alma do intelecto, mas no corpo etérico. Contudo, o que o homem pode adquirir no plano físico como inteligéncía, como racionalidade, só atua em sua alma do intelecto, porém não no que esta fez numa encarnação anterior, já incorporado agora ao corpo etérico. Por isso pode acontecer que as forças da alma do intelecto, tal como aparecem agora em determinado indivíduo, trabalhem lógica e integralmente, estando desse modo totalmente íntegro o interior de tal indivíduo; entretanto, pelo trabalho conjunto entre a alma do intelecto e a parte doente do corpo etérico, é projetado, a partir desse corpo etérico, um erro em certa direção. Então, com argumentos cabíveis no plano físico, pode-se atuar sobre a alma do intelecto, mas não diretamente sobre o corpo etérico. Por isso é que nada se pode conseguir mediante lógica ou persuasão, como tampouco se pode fazer algo com lógica colocando um indivíduo diante de um espelho convexo — de modo que ele veja de si uma imagem dístorcida —, querendo então demonstra-lhe ser injusto ele ver a imagem nessa condição. Ora, ele vê uma imagem distorcida. Sendo assim, tampouco depende dele se, de maneira doentia, ele compreende algo erradamente — pois sua lógica, correta em si, não éespelhada de maneira sadia pelo corpo etéríco.

Acervo Virtual Espírita

Dessa maneira, podemos carregar em nossa natureza mais profunda o efeito cármico de encarnações anteriores. E podemos até apontar como em certa parte dela — como aqui, em nosso corpo etérico — a lesão está presente. Vemos aí o que, pela influência luciférica, provocamos numa encarnação anterior e depois transformamos. E no intermédio entre a morte e o novo nascimento é realizada a transformação de algo interior em algo exterior; então Árimã atua em nós a partir do nosso próprio corpo etérico. Isto nos mostra como Arimã é atraído, por meio de Lúcifer, ao nosso próprio corpo etérico. A falta anterior era luciférica, mas as transformação é tal que a quitação para a mesma é como que apresentada por Árimã na encarnação seguinte. Depois, é dever do homem eliminar essa lesão de seu corpo etérico — o que só poderá ocorrer por uma interferência mais profunda, em sua natureza, do que seria possível numa encarnação com os recursos de nossa inteligência comum.

Quem passar por algo como, por exemplo, sucumbir aos sintomas da mania de perseguição em determinada encarnação, ao atravessar novamente o portal da morte terá diante de si todos os fatos que tiver cometido em conseqüência de sua lesão arimânica, e os terá em toda a sua forma absurda. Para o indivíduo, essa será a força que irá curá-lo totalmente em sua encarnação seguinte — pois ele só poderá ser curado se o que consumou sob influência dos aludidos sintomas lhe parecer, no mundo exterior, conseqüência do absurdo. Isso pode indicar-lhes o que podemos fazer para tal cura. Se alguém sofre de tais idéias paranóicas, argumentos lógicos serão o meio menos indicado para afastá-lo delas; só servirão para provocar seu desacordo. Mas algo poderá ser alcançado, principalmente quando tal fenômeno se manifesta na juventude, se levarmos o indivíduo a situações em que as conseqüências de seus sintomas lhe pareçam flagrantemente absurdas — se o colocarmos diante de fatos, por ele provocados, que recaiam sobre ele como absurdos flagrantes. Com isso poderemos, de certa maneira, provocar uma cura.

Os Senhores também poderão atuar curativamente se estiverem tão compenetrados das verdades da Ciência Espiritual que estas tenham passado a formar um cabedal interior de sua alma. Tendo-se apropriado delas a ponto de se identificarem com as mesmas com toda a sua personalidade, os Senhores as terão como a fé mais forte imaginável; neste caso, toda a sua personalidade irradiará essas verdades da Ciência Espiritual. Essas verdades que fluem para dentro da vida entre o nascimento e a morte e a preenchem, ao mesmo tempo transcendendo-a, são conhecimentos do mundo supra-sensível, e com elas obteremos efeitos mais profundos do que com verdades do intelecto exterior. Enquanto nada podemos conseguir com argumentos lógicos exteriores, o emprego de verdades da Ciência Espiritual durante um tempo suficiente e em situação apropriada nos permitirá exercer sobre o indivíduo em questão impulsos tais que, por assim dizer, venhamos a conseguir numa encarnação o que normalmente só pode ocorrer na passagem de uma encarnação a outra:

Acervo Virtual Espírita

atuar, a partir da alma do intelecto, sobre o corpo etérico. Ora, as verdades do plano físico não estão, de modo algum, em condições de transpor o abismo entre a alma da sensação e o corpo das sensações, entre a alma do intelecto e o corpo etérico, ou mesmo entre a alma da consciência e o corpo físico. Por esse motivo, sempre constataremos que, seja qual for a quantidade de sabedoria que alguém possa assimilar a respeito do mundo sensorial, tal sabedoria estará em relação muito diminuta com seu mundo de sentimentos, ou seja, com o que chamamos de corpo das sensações permeado de impulsos e paixões correspondentes. Por isso, pode ocorrer de alguém ser um super-intelectual, ter um grande conhecimento teórico sobre coisas do mundo físico, ter-se tornado um velho catedrático e, em seu íntimo, não ter levado a uma transformação seus impulsos, sensações e paixões que vivem no corpo das sensações. No fundo, ele pode saber muito a respeito do mundo físico e ser um egoísta crasso, por haver assimilado os impulsos para isso em sua juventude.

Naturalmente, podem muito bem transcorrer lado a lado a ciência física exterior e a formação do corpo das sensações e do corpo astral a partir do íntimo. Da mesma forma, o homem pode assimilar verdades intelectuais e muitas outras que se deixam assimilar como forças da alma do sentimento em relação ao plano físico, mas não consegue transpor aquele abismo entre a alma do intelecto e o corpo etérico. Em outras palavras, os Senhores podem sempre tornar a constatar o seguinte: quando alguém assimila verdades exteriores, por mais que aprenda raramente ficará patente que o conteúdo aprendido possa realmente atuar sobre as forças plasmadoras de seu corpo.

No caso de um indivíduo em que as verdades atuam de modo a apoderar-se de todo o seu ser, os Senhores poderão constatar que a fisionomia muda no decorrer de dez anos21; na testa poderão discernir o quanto ele lutou, por exemplo, contra certas dúvidas em seu coração. Ou então em seus gestos os Senhores poderão também notar quando, por exemplo, por seu próprio comportamento ele se tornou uma pessoa calma. Aí algo penetra nas forças plasmadoras do organismo, apossando-se de suas partes mais sutis. Neste caso, o que tal indivíduo assimilou espiritualmente penetra nessas partes mais sutis de sua natureza. Se o que comove a alma não se refere apenas ao plano físico, o indivíduo também será outro ao cabo de dez anos. Porém a mudança se dá no sentido normal, tal como, na vida normal, as disposições se desenvolvem e mudam. Pode-se, talvez, ganhar uma nova expressão facial no decorrer de dez anos; mas se interiormente não se houver transposto o abismo, isso terá ocorrido por influências exteriores. Aí não se trata de força alguma que, do íntimo, se haja apossado do homem, modificando-o. Nisto podemos ver que somente o espiritual, ligando-se íntimamente ao cerne do homem, está em condições de, já

[21] Vide também, a esse respeito, as indicações de Steiner sobre a relação entre os conceitos e a fisionomia na palestra de 30.8.1919 em *A arte da educação* [3 vols.], vol. 1: *O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia,* trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1995). (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

na época entre o nascimento e a morte, atuar de maneira a transformar as forças plasmadoras; todavia, essa transposição do abismo ocorre seguramente durante a atuação cármica entre a morte e o novo nascimento. Se, por exemplo, a vivência experimentada pela alma da sensação é mergulhada nos mundos que atravessamos no intermédio entre a morte e o novo nascimento, na encarnação seguinte ela seguramente se fará valer como força formativa, plasmadora.

Dessa forma, viemos a entender a interação entre Ármã e Lúcifer. E então nos perguntamos: como se apresenta essa interação quando as coisas se situam à maior distância — quando, por exemplo, na qualidade de influência luciférica, elas não precisam apenas transpor o abismo entre a alma do intelecto e o corpo etérico, mas têm de percorrer um caminho mais longo?

Suponhamos que, numa vida, tenhamos sofrido a influência de Lúcifer de maneira particularmente intensa. Em tal caso, todo o nosso ser interior se tornou mais imperfeito do que antes; e durante o período do kamaloka, damo-nos conta de precisarmos fazer um poderoso esforço para compensar essa imperfeição. Por conseguinte, assimilamos essa tendência e, com o que agora se transformou em forças plasmadoras, configuramos na próxima encarnação, ou numa de nossas próximas encarnações, nosso novo organismo de forma e conferir-lhe a tendência a criar a compensação para a vivência anterior. Suponhamos, porém, que o elemento provocador da influência luciférica tenha sido causado por algo exterior, tenha sido uma cobiça exterior. Neste caso Lúcifer deve ter estado novamente presente como influência. A causa exterior não teria podido agir sobre nós se antes Lúcifer não tivesse agido. Temos, portanto, em nós a tendência a voltar a compensar o que viemos a ser sob influência luciférica.

Vimos, porém, que a influência luciférica numa encarnação provoca numa encarnação seguinte a influência arimânica, atraí-da de modo que ambas fiquem em completa interação. Porém a influência luciférica é tal que poderíamos dizer o seguinte: ela se nos manifesta na consciência, ou seja, ainda podemos chegar com nossa consciência, embora de maneira imperfeita, até nosso corpo astral. Dissemos que quando as dores nos chegam à consciência trata-se de uma influência luciférica. Não podemos, porém, descer aos âmbitos que designamos por consciência do nosso corpo etérico e do nosso corpo físico. É verdade que também durante o sono sem sonhos possuímos uma consciência, mas em grau tão baixo que o homem, na vida normal, não se encontra em condições de saber coisa alguma a seu respeito. Isto, porém, não significa que nada façamos nesse estado de consciência. A planta, por exemplo, constituída apenas de um corpo físico e um corpo etérico, possui normalmente essa consciência. A planta vive continuamente num estado de sono sem sonhos. Nossa consciência do corpo etérico e do corpo físico também existe durante o estado de vigília, mas não conseguimos descer até ela. Porém o fato de essa consciência poder agir é constatado por nós, por exemplo, ao realizarmos durante o sono atos sonâmbulos dos quais nada sabemos. E a consciência de sono sem sonhos que

Acervo Virtual Espírita

realiza esses atos. A consciência normal do eu e a consciência astral não descem ao plano em que, por exemplo, os atos de um sonâmbulo são executados.
Contudo, por vivermos durante o dia na consciência do eu e na consciência astral, não devemos pensar que os outros tipos de consciência não vivam conosco. Ocorre apenas que nada sabemos deles. Suponhamos termos provocado, mediante uma influência luciférica numa encarnação anterior, uma forte influência arimânica, que então não poderá atuar sobre nossa consciência comum. No entanto ela se apossará da consciência sediada em nosso corpo etérico, e esta nos poderá levar não só a uma certa organização desse corpo, mas até a atos de tal ordem que a consciência do corpo etérico nos dirá: "Só agora poderás eliminar de ti o que a influência luciférica, à qual te entregaste tão intensamente na encarnação anterior, colocou em ti; e podes conseguir isso cometendo um ato que seja exatamente oposto à falha luciférica anterior!"
Suponhamos que uma influência luciférica nos tenha levado, a partir de um ponto de vista religioso ou espiritualista precedente, a um outro em que declaremos "Agora quero gozar a vida!", dando, portanto, um salto poderoso para a sensualidade. Tal situação provocaria a influência arimânica de maneira a causar um acontecimento exatamente oposto. Pode então ocorrer de a pessoa em questão procurar, no caminho de sua vida, um ponto em que possa voltar, de um salto, da vida sensual à espiritual. Uma vez tendo-se entregue de um salto à sensualidade, agora ela quer voltar, de um salto, à vida espiritual. A consciência superior não percebe isso; mas a misteriosa subconsciência, vinculada aos corpos físico e etérico, impele o indivíduo a procurar um lugar onde se possa aguardar o fim de um temporal, onde esteja um carvalho, embaixo dele um banco — e eis que o raio cai justamente nesse lugar! Aí a subconsciência faz o homem compensar o que havia feito numa encarnação anterior. Temos aí o inverso. Assim, percebemos um efeito sob a influência luciférica numa vida anterior e, como conseqüência, uma influência de Árimã na vida atual. Árimã tem de colaborar aqui para excluir a consciência superior até o ponto em que o indivíduo segue apenas a consciência do corpo etérico ou do corpo físico.
Dessa maneira entendemos muitas outras coisas que acontecem na vida. Mas não devemos explicar dessa forma todos os casos em que alguém morre ou sofre ferimentos graves. Essa seria uma concepção muito estreita do carma. Existem correntes, mesmo em nosso movimento antroposófico, que concebem o carma de uma forma muito estreita; elas acreditam ter no carma algo que conduz a um ponto de vista mais elevado — mas na realidade não o conhecem. Consideram o carma de tal maneira que — se realmente ocorresse como pensam — toda a ordem universal deveria estar sempre especialmente direcionada para cada ser humano individual, a fim de servir ao decurso harmonioso e à compensação de cada vida humana — sendo, portanto, as circunstâncias sempre combinadas numa vida para proporcionar a exata compensação de toda e qualquer ocorrência numa vida anterior. Esse ponto de vista, porém, não é

Acervo Virtual Espírita

sustentável. Como seria, então, se alguém se colocasse diante de uma vítima de um acidente e lhe dissesse: "Esse é o teu carma, é a conseqüência cármica de uma vida anterior; foste tu o culpado!" — mas, quando o outro vivesse um momento de sorte, a mesma pessoa dissesse: "Isso foi motivado por um bem que fizeste no passado!"? Para que tais afirmações tenham um real valor, quem as faz deveria primeiro verificar o que, na vida anterior, aconteceu para causar tal efeito. Caso se tivesse colocado no âmbito da vida anterior, ele teria visto as causas oriundas dessa vida, devendo então olhar para a encarnação seguinte ao querer divisar os efeitos.

De tudo isso decorre, porém, uma conseqüência lógica: em cada encarnação surgem fatos representando acontecimentos ocorridos pela primeira vez na vida de cada indivíduo através das encarnações, e esses fatos terão sua compensação cármica na próxima vida. Ao se considerarem os efeitos na vida seguinte, podem-se visualizar as causas. Quando, porém, acontece uma desgraça sem que para isso se encontre, por todos os meios, uma causa na vida anterior, cumpre admitir que haverá uma compensação na vida seguinte. Carma não é fado! De cada vida é levado algo para as vidas seguintes.

Compreendendo isso, também entenderemos que o homem possa encontrar, de maneira coerente e significativa, novos acontecimentos em sua vida. Lembremos que os grandes eventos da evolução da humanidade só podem realizar-se por serem empreendidos por determinados indivíduos. Certas pessoas têm, em dado momento, de assumir os intentos da evolução. Pensem como teria decorrido a evolução na Idade Média se Carlos Magno22 não houvesse interferido em certa época; ou como teria sido a vida cultural de épocas antigas se, em dado momento, Aristóteles23 não houvesse atuado. Pensem que, se quisermos compreender o andamento da evolução da humanidade, teremos de considerar Arístóteles no contexto da época em que viveu — pois sem ele muita coisa posterior teria sido diferente. Vemos, portanto, que personalidades como Carlos Magno, Aristóteles, Lutero, etc. tiveram de viver, em seu tempo, não por sua própria causa, mas por causa do mundo. Seus destinos pessoais eram intimamente entretecidos ao que aconteceu no mundo. Contudo, acaso podemos dizer, por isso, que sua atuação estivesse vinculada ao que haviam feito de meritório ou de culposo antes?

Tomemos o caso de Lutero: não podemos contabilizar em sua conta cármica tudo o que ele experimentou e padeceu; é preciso ter em mente o seguinte: o que deve acontecer em dado momento da evolução da humanidade acontece pela intervenção de certas individualidades. Essas individualidades têm de ser conduzidas a descer do mundo espiritual à Terra, não importando se estão bastante evoluídas para tal, pois elas descerão para servir aos fins da evolução

[22] Carlos Magno (742—814), rei dos francos e imperador romano. (N.E. orig.).
[23] Aristóteles (384—322), filósofo discípulo de Platão e preceptor de Alexandre Magno. Fundamentais para a evolução cultural e científica do Ocidente foram, principalmente, suas obras sobre lógica. (N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

da humanidade. Talvez um caminho cármico tenha de ser prematuramente interrompido ou alongado a fim de que as personalidades em questão possam ser colocadas na vida em determinado momento. Aí estão infligidos, a certas pessoas, destinos sem qualquer relação com o carma antecedente. Entretanto, se uma pessoa foi colocada dessa maneira na vida, tendo feito o que é possível fazer entre o nascimento e a morte, isto configura causas cármicas. Se é verdade que um Lutero foi conduzido à existência por causa da humanidade, passando por destinos totalmente desvinculados de seu carma anterior, também é verdade que suas realizações de então se ligarão a seu carma futuro. O carma é uma lei universal à qual cada um está sujeito; mas não devemos entendê-lo olhando apenas para encarnações anteriores, e sim olhando também para o futuro. Por isso nos é lícito dizer o seguinte: desse ponto de vista, uma vida posterior só pode justificar encarnações precedentes na medida em que nos tocam coisas não situadas, de modo algum, em nossa linha cármica.

Tomemos o caso seguinte, efetivamente acontecido:

Certo número de pessoas morreu numa catástrofe natural. (Não devemos supor ter sido seu carma morrerem todos juntos; essa seria uma suposição bastante gratuita. Não é, de modo algum, necessário sempre atribuir tais fatos a culpabilidades anteriores.) Nesse caso, devidamente investigado, pessoas morreram juntas numa catástrofe natural. Isso teve por conseqüência o fato de essas pessoas se sentirem unidas numa época posterior, mostrando-se fortalecidas, pelo destino comum, para realizar um empreendimento comum no mundo. Por meio daquela catástrofe formou-se a causa para que, na vida posterior, elas deixassem radicalmente de ater-se apenas à matéria, trazendo então consigo uma atitude interior que as levou à espiritualidade.

O que ocorreu, nesse caso? Remontando à vida anterior, constatamos que a morte conjunta surgiu como um acontecimento especial, num terremoto: ali se colocou diante de suas almas, no momento do terremoto, o desvalor das coisas materiais, nascendo então o pendor para o espiritual. Vemos, por esse exemplo, como pessoas que tinham de trazer ao mundo algo espiritual haviam sido preparadas por circunstâncias que testemunham a sabedoria da evolução. Esse caso aconteceu realmente, tendo sido investigado pela Ciência Espiritual.

Desse modo pudemos mostrar que vemos acontecimentos se apresentarem pela primeira vez na vida humana e também que, pela morte de um ou mais indivíduos numa catástrofe ou acidente, nem sempre devemos atribuir a morte prematura de um indivíduo a uma culpa anterior — pois algo assim pode surgir como primeira causa, a ser compensada na próxima vida.

Existem, porém, ainda outros casos possíveis. Pode acontecer que alguém tenha de morrer prematuramente em duas ou três encarnações consecutivas. Isso pode ocorrer pelo fato de essa individualidade ser chamada a levar à humanidade, durante três encarnações, algo que só pode ser levado quando se vive, no mundo físico, com forças oriundas de um corpo em transformação. É bem diferente

Acervo Virtual Espírita

viver num corpo que se desenvolve até a idade dos 35 anos ou num corpo de idade avançada. Ora, até os 35 anos o homem envia sua força para dentro da corporalidade, de modo a desenvolvê-la de dentro para fora. A partir do 35º ano, porém, inicia-se uma vida em que o homem só progride no íntimo, tendo de atacar continuamente, com suas forças vitais, as forças exteriores. Considerando-se a natureza interior, essas duas metades da vida são fundamentalmente diferentes entre si. Suponhamos que, de acordo com a sabedoria da evolução da humanidade, sejam necessários indivíduos que só possam desenvolver-se caso não precisem atacar o que investe contra todos nós na segunda metade da vida; neste caso, talvez as encarnações sejam prematuramente interrompidas. Tais casos existem. Já mencionamos, inclusive em nossas reuniões, uma individualidade que apareceu sucessivamente como grande profeta, pintor significativo e grande poeta, tendo sempre encerrado sua vida com uma morte prematura, pois o que tinha de realizar em três encarnações só seria possível pela interrupção das encarnações antes de uma vivência interior na segunda metade da vida. 24 Temos aí a peculiaridade do entretecimento do carma individual com o carma geral da humanidade.

Podemos aprofundar-nos ainda mais e procurar, no carma geral da humanidade, certas causas cujos efeitos aparecem depois, em épocas posteriores; aí o ser humano individual precisa ver-se novamente inserido no carma da humanidade. Se tomarmos em consideração a evolução pós-atlântica, teremos no meio o período greco-latino, precedido pela época egipto-caldaica e seguido por nossa quinta época. Nossa época será seguida por um sexto e um sétimo períodos culturais. Em outras ocasiões já me referi ao fato de, sob alguns aspectos, haver um ciclo formado pela seqüência das diferentes culturas: a civilização greco-latina representa por si algo especial, ao passo que a época egipto-caldaica se repete na nossa. Já salientei também, numa de nossas palestras, como Kepler viveu em nossa época e como a mesma individualidade viveu outrora num corpo egípcio, tendo podido naquela ocasião, sob a influência dos sábios sacerdotes egípcios, dirigir o olhar à abóbada celeste — tendo assim o mistério das estrelas como que sido revelado a ela do alto. Isso a trouxe novamente à tona em sua encarnação como Kepler, inserida no ponto em que a quinta época reproduz, de certa maneira, a terceira.

Tudo, porém, prossegue. Partindo da Ciência Espiritual, podemos verdadeiramente afirmar que o desenvolvimento cósmico e a vida humana são vislumbrados ainda hoje, pela maioria dos homens, de maneira bem cega. Até nos detalhes é possível acompanhar essas correspondências, essas repetições, essa vida em ciclos. Se tomarmos um certo momento na evolução da humanidade, incidindo por volta de 747 a.C., teremos ali uma espécie de ponto zero, havendo um correspondência bem determinada entre o que se situa antes e

[24] Alusão a Novalis (Friedrich Novalis, 1772—1801), escritor, pensador e poeta romântico alemão. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

depois desse momento. Podemos remontar a um momento do desenvolvimento egípcio e ali encontrar certas leis cerimoniais que apareciam como 'mandamentos dos deuses'. Elas o eram, também. Eram mandamentos recomendando, por exemplo, que o egípcio executasse certas abluções conforme regras rituais e cerimoniais. Dizia-se ao egípcio que ele só podia viver de acordo com a vontade dos deuses se em certos dias fizesse determinado número de abluções. Tratava-se de um mandamento divino que se manifestava sob forma de certas práticas de asseio. Passando depois a uma época intermediária um pouco menos asseada e voltando a encontrar agora, em nossa época, medidas de higiene como as que são dadas à humanidade por motivos materialistas, vemos reproduzir-se entre nós algo que cessou no Egito numa época correspondente.

É de maneira bem notória que se apresenta a realização do acontecimento anterior no carma geral. Só que o caráter geral é sempre outro. Em sua encarnação egípcia, Kepler dirigira o olhar ao céu estrelado, e o que essa individualidade vira lá exprimia-se nas grandes verdades espirituais da astrologia egípcia. Em sua reencarnação na época à qual coube a vocação para o materialismo, a mesma individualidade cunhou esses fatos — de conformidade com nossa época — nas três leis de Kepler, de cunho materialista. No antigo Egito, as leis da ablução eram leis 'reveladas pelos deuses'. O egípcio acreditava só poder cumprir seu dever para com a humanidade cuidando rigorosamente de seu asseio em qualquer ocasião. Isso reaparece hoje, mas tingido por uma mentalidade totalmente materialista. Ao observar tais preceitos, o homem de hoje não pensa realizar um serviço divino; pensa apenas servir a si próprio. Mas, mesmo assim, é o passado que ressurge.

Assim tudo se cumpre no mundo e, em certo sentido, bem ciclicamente. Nesta altura, os Senhores sentirão que os fatos formulados da última vez como uma contradição não se aplicam tão simplesmente, como muitas vezes se supõe. Se em determinada época os homens não estavam em condições de tomar certas medidas contra epidemias, naquela época não podiam fazê-lo porque as epidemias devia atuar de acordo com o sábio plano universal do Cosmo, para que as almas humanas encontrassem oportunidade de compensar os resultados da influência arimânica e de certas influências luciféricas anteriores. E se hoje as condições são outras, isto igualmente obedece a grandes leis cármicas bem definidas. Podemos depreender daí que, em verdade, não podemos considerar essas questões superficialmente.

Ora, como coadunar esses dois fatos? Dissemos que, quando o indivíduo procura a oportunidade de contrair uma epidemia ou uma infecção, trata-se da reação necessária a uma causa cármica anterior. Será que então podemos tomar medidas higiênicas ou outras contra isso?

A questão é profunda, e para respondê-la precisamos primeiramente juntar o material apropriado. Precisamos ter em mente que onde os princípios luciféricos

Acervo Virtual Espírita

e arimânicos atuam — seja simultaneamente ou em períodos mais longos — em ação conjunta ou oposta, aparecem certas complicações na vida humana. E essas complicações atuam de modo a se nos apresentarem das mais diversas maneiras, de modo a não vermos dois casos iguais. Estudando, porém, a vida humana, viremos a orientar-nos da seguinte forma: ao procurar a ação conjunta de Lúcifer e Árimã em cada caso individual, sempre encontraremos um fio para atravessar essa relação. Teremos, porém, de fazer uma clara distinção entre o homem interior e o homem exterior. Hoje já tivemos de distinguir claramente entre o que ocorre na alma do intelecto o que se exibe no corpo etérico como efeito dessa alma. Precisamos considerar o caminho evolutivo em que o carma se realiza, tendo ao mesmo tempo em mente o fato de contarmos novamente com a possibilidade de, graças a influências cármicas apropriadas, atuar sobre o íntimo; desse modo, por intermédio do íntimo uma outra compensação cármica é preparada no futuro. Pode então acontecer o seguinte:

Um indivíduo pode ter passado, numa vida anterior, por sensações, sentimentos, etc. que o tenham feito assumir, com relação a seus próximos, uma atitude de desamor. Suponhamos, por exemplo, que ele tenha passado por algo e que, por efeito cármico, tenha assimilado o desamor. Pode perfeitamente acontecer que alguém, seguindo uma linha declinante, produza o mal; que, portanto, ande primeiramente por um caminho descendente para que a energia oposta seja devolvida e, depois, ele volte a subir. Suponhamos portanto que um indivíduo, entregando-se a certas influências, tenha-se inclinado a um certo desamor; depois esse desamor aparece numa vida seguinte, como efeito cármico, configurando forças interiores em sua natureza. Aí podemos atuar de duas maneiras: conscientemente ou inconscientemente, pois nossa cultura ainda não está bastante adiantada para fazê-lo conscientemente. No caso de um indivíduo assim, poderemos tomar providências para que as qualidades de sua natureza advindas da falta de amor sejam eliminadas. Podemos fazer algo que seja um antídoto contra esse efeito que, em sua natureza externa, se mostra como desamor; com isso, porém, não será suprimido todo o desamor da alma, mas apenas removido o órgão externo do desamor. Se nada mais fizermos, teremos feito apenas metade do trabalho ou, possivelmente, nada. Talvez tenhamos dado àquele indivíduo uma ajuda exterior, física; mas não o teremos ajudado animicamente. Tirando-se de sua corporalidade externa o órgão ligado ao desamor, ele não poderá praticá-lo; terá de conservá-lo em sua organização interior para uma encarnação seguinte.

Suponhamos que certo número de pessoas, devido à sua falta de amor ao próximo, sentisse a tendência a assimilar certas substâncias infecciosas a fim de sucumbir a uma epidemia. Suponhamos ainda que se possa fazer algo contra essa epidemia. Impediríamos, nesse caso, a corporalídade externa de exprimir o desamor, mas ainda não teríamos eliminado a tendência interior nesse sentido. Imaginemos, todavia, o mesmo caso da maneira seguinte:

Acervo Virtual Espírita

Ao eliminar o órgão externo do desamor, assumimos o compromisso de atuar sobre a alma de forma a também livrá-la da tendência a esse desamor. O órgão do desamor é extirpado, corporalmente, pela vacinação antivariólica. Eis aí um fenômeno que foi investigado pela Ciência Espiritual: a varíola surgiu num período cultural em que reinava entre os homens a tendência geral a desenvolver em escala maior o egoísmo, o desamor. Então surgiu algo também na estrutura exterior: a varíola; foi o que aconteceu. Na Antroposofia temos o compromisso de dizer a verdade.

Podemos agora compreender que tenha surgido, em nossa época, a proteção pela vacina. Mas também podemos compreender que, entre os melhores espíritos de nossa época, existisse algo como uma relutância contra a vacinação. Isto corresponde a algo interior, é o aspecto externo de algo interno. E agora podemos dizer o seguinte: se por um lado eliminamos o órgão, em contrapartida deveríamos ter também a obrigação de configurar diferentemente o caráter materialista dessa pessoa por meio de uma educação espiritual adequada. Esta teria de ser a contrapartida necessária. Normalmente, realizamos apenas meio trabalho. De fato, efetuamos apenas um trabalho para o qual a própria pessoa, de uma maneira qualquer, terá de criar a contrapartida quando possuir em si o veneno da varíola e houver eliminado de seu íntimo a característica pela qual se procura francamente contrair varíola. Tendo-se removido a predisposição à varíola, considerou-se apenas o aspecto exterior da atuação cármica. Se de um lado praticamos a higiene, de outro devemos sentir a obrigação de também dar algo à alma da pessoa cujo organismo transformamos. A vacinação não prejudicará pessoa alguma que receba depois da vacinação, mais adiante na vida, uma educação espiritual. Fazemos baixar excessivamente um prato da balança tendo apenas um lado em mira e não dando valor ao outro. É isso o que, no fundo, se sente nos círculos onde se afirma o seguinte: quando as medidas de higiene vão longe demais, geram-se apenas naturezas fracas. Isto realmente não se justifica; mas os Senhores estão vendo: o essencial é que não se deve assumir uma tarefa sem a outra.

Com isso chegamos a uma importante lei da evolução da humanidade: sempre um lado exterior e um lado interior têm de manter-se em equilíbrio, sendo que não se deve simplesmente considerar um deles — o outro não pode ser esquecido. Então se descortina para nós um panorama importante, sendo que e ainda não chegamos a tratar da seguinte questão: como se inter-relacionam higiene e carma? Os Senhores verão que a resposta a essa pergunta nos levará a aprofundar-nos ainda mais na questão do carma. Veremos também que existem relações cármicas entre o nascimento e a morte; estudaremos a maneira como outras personalidades intervêm numa vida humana e como o livre-arbítrio do homem e o carma se encontram em harmonia.

26 de maio de 1910

Acervo Virtual Espírita

Efeito cármico das vivências masculinas e femininas

Conforme observei repetidas vezes, só será possível aludir às grandes leis cármicas em alguns poucos esboços, a fim de dar sugestões nesse campo simplesmente incomensurável. Levando em conta todas as considerações destes últimos dias, não acharemos mais estranho que, a partir de certos níveis de consciência, o homem seja impelido a procurar também no mundo exterior os defeitos compensadores de causas cármicas que ele próprio incorporou em si. Ele pode ser impelido a procurar a oportunidade, por exemplo, de contrair uma doença infecciosa, para nela procurar os efeitos compensadores de uma causa cármica incorporada em si; e até mesmo quanto ao que se pode chamar de acidentes da vida, ao provocá-los o homem pode estar sendo impelido a procurar uma compensação.

O que acontece então com o decurso do carma quando, por meio de medidas quaisquer, estamos em condições de impedir o indivíduo de procurar essa compensação?

Suponhamos que, por meio de certas medidas higiênicas, atuemos no sentido de impedir que certas causas, certas coisas para as quais o indivíduo deva ter inclinação em virtude de suas relações cármicas, possam existir. Imaginemos termos conseguido, graças a uma medida higiênica, combater certos agentes patogênicos em determinada área. Já vimos que não reside, de modo algum, no arbítrio dos homens tomar tais medidas. Vimos como em determinada época, por exemplo, surgiu o pendor para regras de asseio simplesmente porque esse pendor, que entrementes havia desaparecido, voltou a aflorar na evolução, repetindo-se em sentido inverso. Vimos, a partir disso, que nas grandes leis do carma da humanidade estão contidas as razões pelas quais, em determinados momentos, o homem chega a tomar uma ou outra medida. Podemos também compreender facilmente que, numa época mais antiga, o homem não tenha chegado ao ponto de tomar medidas dessa espécie, porque a humanidade de então precisava das epidemias que hoje são eliminadas do mundo por medidas higiênicas. No que se refere às grandes disposições da vida, o desenvolvimento da humanidade está verdadeiramente sujeito a leis bem definidas, e antes que algo possa ser de significação e proveito para o desenvolvimento da humanidade como um todo, a possibilidade de se tomarem tais medidas nem sequer ocorre. Ora, essas medidas não provêm da vida plenamente consciente, racional e inteligente que o homem leva entre o nascimento e a morte; elas provêm do espírito global da humanidade. Basta os Senhores lembrarem como uma ou outra invenção ou descoberta só surge quando a humanidade está verdadeiramente madura para tal. Uma pequena vista de olhos sobre a história do desenvolvimento da humanidade na Terra poderá proporcionar-lhes muito a esse respeito.

Acervo Virtual Espírita

Pensem apenas que nossos antepassados — isto é, nossas próprias almas — viviam, no antigo continente atlântico em corpos de configurações bem diferentes dos atuais corpos humanos; que depois esse continente submergiu e que as disposições existentes hoje só se formaram no âmbito dos nossos continentes atuais. Foi só numa época bem determinada que os habitantes de uma das metades da Terra foram levados a encontrar os habitantes da outra. Foi só pouco tempo atrás, num passado não muito remoto, que os povos da Europa puderam alcançar as regiões desmembradas em direção ao outro lado do continente atlântico. Em tais assuntos, realmente vigoram leis de extrema amplitude. Não depende da opinião ou da arbitrariedade do homem a possibilidade de umas ou outras coisas serem descobertas, ou de serem tomadas medidas que possibilitem intervir carmicamente neste ou naquele sentido; tudo isso surge quando é necessário. Não obstante, quando removemos certas causas que, de outra forma, teriam existido e seriam procuradas por certas pessoas mediante suas complicações cármicas, podemos influir no carma do homem. Essa influência, porém, não significa que eliminamos o carma, mas que o dirigimos em outro rumo.

Imaginemos o caso em que um número de pessoas, impelidas por complicação cármica, procurem certas influências que configurem uma compensação cármica. Por meio de medidas higiênicas, essas influências ou circunstâncias estão temporariamente removidas e não podem mais ser procuradas pelas pessoas. Por isso tais pessoas não serão libertadas do que é provocado nelas como efeito cármico, mas serão impelidas a procurar outros efeitos. O homem não escapa ao seu carma. As referidas medidas não o dispensam do que ele normalmente teria procurado.

Disso os Senhores podem inferir que, para uma compensação cármica que de um lado estaríamos em condições de remover, deveria surgir uma compensação noutro sentido. Quando removemos influências quaisquer, criamos apenas a necessidade de se buscarem outras oportunidades e influências. Suponhamos que muitas epidemias ou causas de doenças genéricas sejam simplesmente conseqüências do desejo das pessoas que procuram suas causas patogênicas no sentido de eliminar o que inculcaram carmicamente em si próprias — no caso de epidemias de varíola, por exemplo, seriam os órgãos do desamor. Se conseguíssemos eliminar esses órgãos, a causa do desamor permaneceria e as almas em questão deveriam procurar a compensação apropriada, nesta ou naquela encarnação, de outra maneira. Podemos compreender o que aí ocorre referindo-nos a algo com que certamente devemos contar, e que é o seguinte:

Hoje em dia são, de fato, removidas muitas influências e causas exteriores que normalmente teriam sido procuradas para compensar certas coisas cármicas que a humanidade se impôs em épocas anteriores. Dessa maneira, porém, só é eliminada a possibilidade de o homem ficar sujeito a influências exteriores. Nós tornamos sua vida exterior mais agradável ou também mais sadia. Com isso, no

Acervo Virtual Espírita

entanto, conseguimos apenas fazer com que o fato a ser procurado pelo homem na condição patológica correspondente, como compensação, tenha de ser procurado por outro caminho. As almas que, desta maneira, hoje em dia se salvam em matéria de saúde são, portanto, condenadas a procurar essa compensação cármica de outra maneira — e terão de procurá-la em muitos casos como os que foram descritos. Uma vez que, mediante uma vida mais sadia, lhes é preparada uma comodidade física maior, uma vez que a vida física lhes é tornada mais fácil, sua alma é influenciada de maneira oposta — e de modo que pouco a pouco venha a sentir um certo vazio, uma insatisfação, uma frustração. E se as coisas continuassem assim, tornando-se a vida exterior mais agradável e cada vez mais sadia, tal como se pode tê-la de acordo com as idéias generalizadas na vida puramente material, tais almas teriam cada vez menos estímulo em si próprias para progredir. Em certo sentido, ocorreria paralelamente uma obliteração das almas.

Quem observa mais acuradamente a vida já pode notar isso hoje em dia. Dificilmente houve épocas com tantos homens vivendo em condições exteriores tão agradáveis, porém com as almas vazias e frustradas, como é hoje o caso. Por isso essas pessoas correm de uma sensação a outra; e quando as finanças o permitem, viajam de cidade em cidade a fim de ver algo — ou, quando têm de permanecer na mesma cidade, correm, a cada noite, de um a outro prazer. Com isso, no entanto, a alma fica vazia e acaba, ela própria, não sabendo o que procurar no mundo a fim de receber um conteúdo. Em verdade, uma vida puramente em condições de bem-estar exterior, físico, produzirá a tendência a pensar só em coisas físicas. E se esse pendor para dedicar-se exclusivamente a coisas físicas não existisse já há tanto tempo, tampouco o pendor para o materialismo teórico se teria tornado tão intenso como acontece em nossa época. Sendo assim, as almas tornam-se mais enfermas enquanto a vida exterior se torna mais saudável.

Quem menos deve queixar-se dessa situação é o antropósofo, porque a Antroposofia sempre nos traz a compreensão das coisas e, com isso, um insight para identificar a compensação. As almas só podem ficar vazias até certo grau; depois, são ricocheteadas para o lado oposto, como que pelo efeito da própria elasticidade. Procuram, então, um conteúdo que seja afim às suas próprias profundezas, vindo então a compreender quão necessário é, para elas, chegar a uma cosmovísão antroposófica.

Vemos, pois, como o que emana das concepções materialistas da vida certamente facilita a vida exterior, mas cria para a vida interior dificuldades que, a partir do sofrimento da alma, levam à procura do conteúdo de uma cosmovísão espiritual. A cosmovisão espiritual, manifestando-se hoje como Antroposofia, vem ao encontro das almas que ficam insatisfeitas com o vazio e com as impressões que a vida exterior lhes pode proporcionar, por agradável que esta seja. As almas procurarão reiteradamente assimilar novas vivências até

Acervo Virtual Espírita

que a tensão elástica do outro lado atue tão fortemente que elas venham a ligar-se ao que se pode chamar de vida espiritual. Existe, portanto, uma relação entre a higiene e as esperanças futuras de uma cosmovisão da Ciência Espiritual.
Isso já pode ser observado hoje, em escala reduzida. Hoje existem almas que a outras superficialidades acrescentam uma nova: elas começam a interessar-se pela cosmovisão antroposófica, que assimilam como uma nova 'sensação'. Eis algo que aparece em toda corrente na evolução da humanidade: o que tem um significado interior profundo atua também como moda, como 'sensação'. Porém as almas verdadeiramente preparadas para a Antroposofia são as que ou estão insatisfeitas com as sensações exteriores ou também constatam que a ciência exterior, com todas as sua explicações, não é capaz de explicar os fatos. Trata-se de almas que, por seu carma global, estão preparadas a ponto de poderem unir-se à Antroposofia com o componentes mais íntimos de sua vida anímica. A Ciência Espiritual também faz parte do carma global da humanidade e, como tal, nele se entrosará.
Podemos, pois, levar o carma dos homens para um ou outro lado, num ou noutro sentido; não podemos, porém eliminar a retroação sobre o homem: de uma ou de outra maneira, retorna o que o próprio homem preparou para si em vidas anteriores.
O modo como o carma atua corretamente no Universo pode ser melhor ensinado ao se considerar que ele o faz, por assim dizer, ainda sem conotação moral, sem relacionar-se em nada com o que, a partir da alma, o homem desenvolve em impulsos morais e que, depois, leva a ações morais ou imorais. Queremos colocar diante de nós uma área do carma em que a moral ainda não desempenha papel algum, mas onde algo neutro se apresenta como encadeamento cármico.
Suponhamos uma mulher que viva em determinada encarnação. Ninguém contestará que a mulher, pelo simples fato de ser mulher, deve ter vivências diferentes das de um homem; e que tais vivências não se relacionam apenas com acontecimentos anímicos, mas também, em larga escala, com acontecimentos exteriores, com situações de vida que ela experimenta somente pelo fato de ser mulher e que retroagem sobre todo o estado e disposição anímicos. Por isso podemos dizer que a mulher é levada a certos atos intimamente relacionados com sua existência feminina. O nivelamento entre homem e mulher se dá apenas no campo da vida espiritual em comum. Quanto mais nos aprofundamos no campo meramente anímico e no aspecto exterior do ser humano, tanto maior se torna a diferença entre homem e mulher com respeito às suas vidas. E assim podemos afirmar que a mulher é diferente do homem em certas qualidades da alma, possuindo maior pendor para as qualidades anímicas que levam a impulsos emocionais; também a consideramos mais predisposta do que o homem a ter vivências físicas. Em compensação, o intelectualismo e o materialismo — aquilo, portanto, que veio ao mundo por meio do homem — estão mais à vontade na vida deste, exercendo isso uma

Acervo Virtual Espírita

grande influência sobre a vida anímica. Aspectos psíquicos e emocionais da mulher, momentos intelectuais e materialistas no homem: assim ambos são determinados diretamente por sua natureza. Portanto, também a mulher tem certas nuanças na vida anímica pelo fato de ser mulher.
Ora, já expliquei que o que vivenciamos como qualidades anímicas entre a morte e o novo nascimento penetra em nossa próxima organização corpórea. Aquilo que é mais fortemente psíquico, mas fortemente emocional, interiorizando-se mais na alma durante a vida entre o nascimento e a morte, possui também especial pendor para intervir mais profundamente no organismo, para impregná-lo de modo muito mais intenso. Pelo fato de receber impressões relacionadas com o psiquismo e com a emotividade, a mulher leva as experiências da vida para as regiões mais profundas da alma. Talvez o homem tenha experiências mais ricas e mais científicas; nele, porém, as experiências não penetram tão profundamente na vida anímica como no caso da mulher. Nela, todo o mundo das experiências grava-se profundamente na alma. Por isso as experiências tendem mais fortemente a atuar em sua natureza, a cingi-la mais fortemente no futuro. E assim uma vida feminina assume a tendência a, numa encarnação, intervir profundamente no organismo por meio de suas vivências, configurando com isso o próprio organismo na encarnação seguinte. Trabalhar mais profundamente, elaborar mais profundamente o organismo significa produzir um organismo masculino. Um organismo masculino é produzido quando as forças da alma querem fixar-se mais profundamente na matéria. Disso constatamos que das vivências femininas de uma encarnação procede o efeito que produzirá um organismo masculino na encarnação seguinte. Temos aí, dada pela própria natureza do ocultismo, uma relação situada além da moral. Por isso, no ocultismo costuma-se dizer o seguinte: o homem é o carma da mulher. De fato: o organismo masculino numa encarnação posterior é o resultado das experiências e vivências de uma encarnação feminina precedente. Preciso expor esses fatos muito objetivamente, mesmo correndo o risco de provocar pensamentos antipáticos em alguns dos Senhores — pois muitas vezes os homens de hoje encaram com grande susto a perspectiva de virem a reencarnar-se como mulheres.
E como é o caso das vivências masculinas? Nós as compreenderemos melhor partindo logo do que acaba de ser exposto. Na natureza masculina, o ser interior entrosou-se mais profundamente na matéria, abraçando-a mais intensamente do que no caso da mulher. Em seu elemento incorpóreo, a mulher conserva algo mais do espiritual; ela não vive tão profundamente no âmbito material, e sua corporalidade se mantém mais maleável. Ela não se afasta tanto do espiritual. A característica da natureza feminina é guardar em escala maior uma espiritualidade livre e, por isso, penetrar menos profundamente na matéria, principalmente mantendo o cérebro mais flexível. Não é de admirar que as mulheres tenham mais inclinação particular para coisas novas, especialmente no

Acervo Virtual Espírita

campo espiritual — pois elas mantêm seu lado espiritual mais aberto e opõem menos resistência. Não constitui, pois, acaso algum — e, sim, obedece a leis profundas — o fato de, num movimento ligado por natureza mais ao espiritual, se encontrar um número maior de mulheres do que de homens. E quem é homem sabe que difícil instrumento é, em geral, o cérebro masculino. Ele cria obstáculos terríveis quando se quer utilizá-lo para trajetos mais maleáveis de pensamento; ele não quer acompanhá-los, tendo de ser primeiramente educado com todos os meios possíveis para libertar-se de sua rigidez. Esta pode ser uma vivências pessoal da experiência masculina.

A natureza masculina é, pois, mais condensada, mais concentrada; foi mais comprimida, tornada mais rígida, dura, pelo ser interior do homem — tornou-se mais material. Ora, um cérebro mais rígido é, antes de tudo, um instrumento mais para o intelectual e menos para o psíquico — pois o intelectual é algo que se relaciona muito mais com o plano físico. O que é qualificado como intelectualismo do homem origina-se de seu cérebro mais endurecido, mais solidificado. Poderíamos falar, nesse caso, de um certo grau de 'congelamento' do cérebro. Ele precisará primeiramente descongelar caso tenha de percorrer caminhos mais sutis de pensamento. Por isso o homem é levado a captar mais as exterioridades e a assimilar menos as vivências ligadas às profundezas da vida anímica. O que ele assimila tampouco se aprofunda. Uma prova exterior disso é quão pouco a ciência exterior se aprofunda nas coisas, com quão pouca profundidade os fatos são captados — o modo como, de fato, os fatos são sempre pensados em largo âmbito, mas pouco profundamente. Quem, pela própria autodisciplina do pensar, se vê forçado a concatenar os fatos, muitas vezes sente repulsa diante da maneira como a ciência exterior não hesita em alinhar os fatos lado a lado. Aí se pode ver a pouca profundidade das coisas.

Eis um exemplo de quão superficial pode ser o procedimento da ciência atual:

Imaginemos um jovem assistindo a uma aula ministrada por um adepto fervoroso do darwinismo; o estudante poderia ouvir, desse representante da teoria da seleção natural, coisas do tipo: "De onde vêm as lindas cores, de cintilação azulada, das penas do galo? Isso deve ser atribuído à seleção natural; pois o galo atrai as galinhas pelas cores e elas vão escolher, entre os galos, os que possuem penas com cintilação azulada. Os outros ficam para trás e, em conseqüência, forma-se uma espécie. Isto é uma evolução superior, isto é 'seleção natural'!" E o estudante fica alegre por saber como pode ocorrer uma evolução ascendente. Daí passa à aula seguinte, onde se trata, digamos, da área da fisiologia dos sentidos. Agora pode acontecer de nosso estudante ouvir, nesta segunda aula, algo como o seguinte: "Fizeram-se testes mostrando quão diferentemente as cores do espectro atuam sobre os diferentes seres. Pode-se comprovar, por exemplo, que as galinhas não percebem, dentro do conjunto cromático do espectro, as cores pertencentes ao azul e ao violeta, e sim só o que vai do verde ao alaranjado, ao vermelho e ao infravermelho!"

Acervo Virtual Espírita

Se quiser coadunar essas duas informações — que ele hoje em dia pode realmente receber —, nosso estudante será orientado para tomar as coisas superficialmente. Toda a teoria da seleção está baseada no fato de as galinhas provavelmente verem no galo, em termos de cores, algo que lhes deve trazer um regozijo especial, mas que em realidade elas não vêem, pois lhes parece negro como breu.

Este é só um exemplo. Mas passo a passo as coisas vêm ao encontro de quem se esforça em investigar de modo realmente científico. Como os Senhores vêem, a intelectualidade não penetra tão profundamente na vida, mas fica parada na superfície. Escolho propositadamente os exemplos crassos.

Não se desejará admitir tão facilmente que a intelectualidade se desenvolve mais no exterior, não intervindo na vida anímica e pouco afetando o interior do ser humano. E a mentalidade materialista é ainda menos capaz de afetar a vida anímica. A conseqüência disso é que, a partir de tal encarnação em que ele pouco atuou na alma no período entre o nascimento e morte, o homem assimila a tendência a penetrar menos em seu organismo na encarnação seguinte. Ora, ele assimilou menos a força para fazê-lo; por isso essa força agora atua de modo a que o homem impregne menos sua corporalidade. Daí nasce a tendência a formar, na encarnação seguinte, um corpo de mulher. Mais uma vez, constatamos o acerto deste ditado do ocultismo: a mulher é o carma do homem!

Neste campo moralmente neutro, vemos de que maneira o que o indivíduo prepara para si, numa encarnação, organiza sua corporalidade na encarnação seguinte. E como essas coisas afetam profundamente não só nossa vida interior, mas também nossas vivências exteriores e nossos atos, devemos dizer que tendo, numa encarnação, vivências de homem ou de mulher, na encarnação seguinte o ser humano terá seu comportamento exterior determinado de uma maneira ou de outra, pois pelas vivências femininas tenderá a formar uma organização masculina e, contrariamente, pelas vivências de homem, um a organização feminina. Somente em casos raros repete-se a mesma encarnação sexual; esta pode repetir-se no máximo sete vezes. A regra é que toda organização masculina aspira a ser feminina na encarnação seguinte, e vice-versa. E a este respeito de nada adiantam as antipatias, pois não importa o que se deseja no mundo físico, e sim as inclinações que temos entre a morte e o novo nascimento, as quais são determinadas por razões mais sensatas do que o horror de alguém, numa encarnação masculina, a encarnar-se como mulher na encarnação seguinte. Estamos vendo como a vida posterior é determinada carmicamente pela anterior e, também, como os atos da vida posterior podem ser determinados.

Temos, agora, de aprender a discernír mais uma relação cármica da qual ainda necessitaremos para aclarar melhor nossas importantes considerações destes próximos dias.

Acervo Virtual Espírita

Dirijamos o olhar retrospectivo a um ponto situado bem remotamente na evolução humana: ao momento em que começaram, na Terra, as encarnações do homem. Isso aconteceu na época da antiga Lemúria. Naquele tempo, atuou primeiramente e de maneira incisiva sobre o homem a influência luciférica, provocando em seguida a influência de Arimã. Procuremos formar uma imagem de como a influência luciférica atuou exteriormente na vida humana.

Pelo fato de o homem haver estado em condições de, naqueles tempos antigos, assimilar a influência luciférica, isto é, permear com ela seu corpo astral, este se inclinou a intervir muito mais profundamente no organismo, a descer mais profundamente no elemento material do corpo físico e, sobretudo, de maneira diferente do que teria ocorrido sem a referida influência. Por meio desta, o homem tornou-se mais material. Caso a influência luciférica não houvesse atuado, teria surgido nele uma tendência muito menor a descer ao mundo da matéria; o homem, como tal, ter-se-ia mantido em regiões mais elevadas da existência. Ocorreu, portanto, uma penetração muito mais forte do homem exterior e do homem interior do que teria sido o caso sem a influência luciférica. Essa penetração era, de início, a razão pela qual o homem, por sua ligação mais intensa com o elemento material do corpo exterior, perdeu a visão retrospectiva dos acontecimentos que precederam sua incorporação. Ele passou a entrar na existência através de um tipo de nascimento que lhe propiciou ligar-se profundamente ao material, apagando assim a visão retrospectiva das vivências anteriores. Caso contrário, o homem teria guardado a recordação do que vivencíou no espiritual antes de nascer. Pela influência luciférica, o nascimento transformou-se num ato pelo qual o homem estabelece ligações tão intensas entre seu ser interior e o exterior que se apaga sua vivência anterior no mundo espiritual. Por meio da influência luciférica, foram roubadas ao homem suas recordações das vivências espirituais precedentes. A ligação com a corporalidade exterior faz com que ele não possa olhar retrospectivamente para o mundo de antes. Por isso, durante sua vida o homem está instruído a sempre buscar apenas no mundo exterior suas experiências e vivências.

Seria totalmente errôneo acreditar que só atuam sobre o homem as rudes substâncias exteriores que ele assimila. Nele não atuam apenas os alimentos e suas forças, mas também todas as demais experiências que ele faz, inclusive as coisas que afluem para dentro dele pelos sentidos. Contudo, mediante a ligação mais rústica com a matéria os alimentos também atuam de uma maneira diferente. Imaginem, Senhores, se a influência luciférica não estivesse presente: tudo atuaria sobre o homem de maneira muito mais delicada, desde os alimentos até as impressões sensoriais. Ele permearia tudo o que vivencia pela interação com o mundo exterior com o que vivenciou entre a morte e o novo nascimento. Por ter configurado a materialidade mais densamente, o homem tende também a assimilar coisas muito mais densas.

Acervo Virtual Espírita

A influência luciférica faz, portanto, com que o homem, pelo adensamento da matéria, também atraia do mundo exterior substâncias muito mais densas do que teria atraído normalmente. Mas o que ele atrai de mais denso, do exterior, é totalmente diferente do menos denso. O menos denso teria mantido as recordações da vida anterior; também teria atuado no sentido de dar ao homem a certeza de que tudo o que ele vivencia, entre o nascimento e a morte, estenderia seus efeitos a um período ilimitado. O homem iria saber que a morte exterior de fato sobrevém, mas tudo o que acontece continua atuando. Tendo de assimilar matéria mais densa, o homem cria, desde seu nascimento, uma forte interação entre sua própria natureza corpórea e o mundo exterior.

Ora, qual é a conseqüência dessa interação? O mundo espiritual está apagado desde o nascimento. Para o homem poder viver no espiritual e despertar no mundo do espírito, precisa voltar a entrar naquele estado onde lhe é tirado tudo o que penetra nele de fora como materialidade mais densa. Por havermos adquirido uma materialidade mais densa, para voltarmos a entrar no plano espiritual devemos esperar pelo momento em que a corporalidade material exterior nos é tomada. O que penetra em nós como a materialidade mais densa destrói, pedaço a pedaço, nossa corporalidade humanas a partir do nosso nascimento. O que flui para dentro de nós é algo que destrói nossa corporalidade cada vez mais, até acabar por destruí-la totalmente e ela não mais poder subsistir. A começar pelo nascimento, assimilamos uma materialidade mais densa do que teríamos assimilado sem a influência luciférica, de modo a aniquilar lentamente nossa corporalidade até que, com o advento da morte, ela se haja tornado totalmente imprestável.

Vemos, pois, como a influência luciférica é a causa cármica da morte humana. Se não houvesse essa maneira de nascer, tampouco existiria esse tipo de morte para o ser humano. Não fora assim, o homem estaria diante da morte com uma visão clara do porvir. A morte é a conseqüência cármica do nascimento; nascimento e morte estão carmicamente relacionados. Sem nascimento, tal como o homem o vivencia hoje, não haveria morte, tal como a experimentada por ele.

Já vimos anteriormente que no caso do animal não se pode falar de carma no mesmo sentido que no caso do homem. Se alguém dissesse que também no animal nascimento e morte estão carmicamente relacionados, demonstraria ignorar que nascimento e morte são, para o homem, algo bem diverso do que são para o animal. O que exteriormente se parece não é, interiormente, a mesma coisa; no nascimento e na morte não se trata de construção exterior, mas da vivência interior. No caso do animal, só a alma da espécie, a alma grupal, tem vivências. A morte do animal significa, para a alma de grupo, mais ou menos o que os Senhores experimentam quando, ao aproximar-se o verão, mandam cortar os cabelos, que depois voltam a crescer lentamente. A alma de grupo de uma espécie animal sente a morte de um animal como o perecimento de um membro que pouco a pouco se substitui. Portanto, a alma da espécie é algo que

Acervo Virtual Espírita

podemos comparar ao eu humano. Ele não conhece nascimento e morte, enxergando constantemente o que precede o nascimento e o que se segue àmorte. Falar, no caso do animal, de nascimento e morte como se fala em relação ao homem é um contra-senso, já que as causas precedentes são completamente diversas. Nega-se a atividade interior do espírito ao acreditar que a igualdade exterior seja produzida por causas iguais. A igualdade de processos exteriores nunca indica, com segurança, causas iguais. Ao nascimento do homem subjazem causas totalmente diversas do que ao nascimento do animal, e, da mesma forma, o homem morre por causas bem diferentes do que o animal.

Se refletíssemos um pouco sobre como o exterior pode apresentar-se bem igual, sem que o interior vivencie a mais remota semelhança, até metodologicamente verificaríamos que assim ocorre. Podemos descobrir, até pelos meios mais simples, que a aparência sensorial exterior não é testemunho algum da vida interior. Imaginemos duas pessoas; às nove horas passamos por determinado lugar e vemo-las ambas, uma ao lado da outra. As três horas voltamos ao mesmo lugar depois de, nesse meio tempo, não termos estado lá. E lá estão, no mesmo lugar, as duas pessoas. Aí poderemos concluir: 'A' e 'B' estão no mesmo lugar em que já se encontravam às nove horas. Se fôssemos verificar o que os dois indivíduos fizeram no intervalo, talvez constatássemos que um ficou parado no mesmo lugar enquanto o outro deu uma grande volta, tendo ficado bem cansado. Eis dois processos bem diferentes. Assim como, reencontrando as duas pessoas às três horas no mesmo lugar, seria absurdo dizer que no íntimo delas houvessem ocorrido as mesmas coisas, se acaso encontrássemos duas células de configurações iguais seria igualmente absurdo querer concluir, a partir de suas estruturas idênticas, que ambas tivessem interiormente o mesmo significado. É preciso conhecer todo o contexto dos fatos que levaram uma das células ao lugar em questão. Por isso a moderna fisiologia celular, partindo da pesquisa da estrutura interior das células, está num caminho totalmente errado. O que se oferece exteriormente aos sentidos nunca pode ser decisivo para a essência interior das coisas.

É preciso refletir sobre algo assim quando se quer compreender como tais coisas se apresentam ao ocultista com base em suas observações ocultas; como, por exemplo, nascer e morrer significam, no homem, algo bem diferente do que nos mamíferos ou nos pássaros. O estudo dessas coisas só será possível se as pessoas tornarem a interessar-se pelo que a pesquisa espiritual tem a dizer. Até que venham a interessar-se, a ciência comum, que se atém às aparências e aos fatos exteriores, apresentará fatos até muito bonitos; nessas condições, porém, tudo o que os homens possam considerar acerca desses fatos nunca contribuirá para a realidade. Por isso, tudo o que hoje constitui ciência teórica é o produto fantástico resultante do fato de se combinarem ocorrências exteriores conforme a aparência exterior. Em muitos campos, os fatos exteriores clamam por uma

Acervo Virtual Espírita

interpretação correta; mas, com as opiniões em voga atualmente, não se chega a tal.
Enfocamos, hoje, duas áreas neutras no campo das leis cármicas; elas constituirão um fundamento para nossas considerações seguintes. Vimos que a natureza feminina é a conseqüência cármica das vivências masculinas, e a natureza masculina uma conseqüência cármica das vivências femininas; e vimos, por fim, que morte é um efeito cármico do nascimento na vida humana. Isto é algo que, se tentarmos compreendê-lo pouco a pouco, poderá levar-nos a penetrar profundamente nas relações cármicas da vida humana.

27 de maio de 1910

Livre-arbítrio e carma no futuro da evolução humana

A certas questões mais profundas da relação cármica, referentes à nossa influência sobre o carma, em especial sobre o carma de outras pessoas — questões, portanto, relacionadas com mudanças de rumo do carma em pequena e em larga escala —, não se pode responder nem tampouco fazer idéia de como devem ser respondidas sem tocar, como pretendermos fazer hoje, em importantes mistérios de nossa existência universal. Tais perguntas podem eventualmente resultar, para cada um, do que foi dito se os Senhores desenvolverem por si mesmos certos pensamentos com os quais nos temos defrontado.
Assim, pode surgir a seguinte pergunta: o que acontece quando, no contexto cármico de uma pessoa, constituído por vivências ou ações anteriores, seja necessário um processo patológico para eliminação desse fato cármico e, por outro lado, remédios ou outros processos tenham ajudado essa pessoa a ponto de curá-la, graças à ajuda humana? O que ocorre então, e como se comporta tal fato diante dos conceitos mais profundos da lei do carma?
Quero observar desde já o seguinte: para melhor esclarecer essa questão, será preciso tratar de coisas bem distantes da ciência moderna e do modo de pensar do homem atual, coisas que também, por assim dizer, só poderiam ser discutidas entre antropósofos que já se houvessem preparado para tal, tendo assimilado certas verdades relativas às bases mais profundas da existência e também adquirido uma percepção de como certos fatos que hoje só nos cabe insinuar podem, de fato, ser plenamente fundamentados. Contudo, nesta oportunidade desejo ainda formular um pedido: o que necessito dizer acerca das bases mais profundas da existência na Terra, esforçando-me para expressa-lo da forma mais precisa — e que se tornaria falso tão logo fosse repetido em outro contexto ou sem contexto algum, dando assim ensejo a mal-entendidos —, desejo pedir que não seja tratado de outra maneira que não ser pura e simplesmente assimilado. Também devo insistir em que ninguém o considere

Acervo Virtual Espírita

como material possível de ser ensinado ou transmitido a outrem, porque só o contexto justifica tal exposição e porque tal exposição só é justificada quando a ela subjaz a consciência de como cunhar as palavras a fim de expressar tal assunto em pensamentos.
O que realmente está em jogo é a questão quanto à essência mais profunda da existência material, de um lado, e quanto à vida anímica, de outro. Hoje teremos de adquirir uma concepção mais profunda do anímico e do material, e isso por uma razão bem determinada: por havermos mencionado, nas conferências passadas, que o anímico humano pode penetrar ora mais, ora menos profundamente no material. De fato, ontem pudemos caracterizar a essência do elemento masculino dizendo que no homem o anímico penetra mais profundamente no material, enquanto na mulher, de certa forma, se retrai mais, adquirindo antes uma existência independente diante do material. Vimos, assim, que muito da vida cármica depende de como o anímico e o material se interpenetram. Vimos também como determinado processo patológico, surgido numa encarnação, apresenta-se como a conseqüência cármica de falhas cometidas pela alma em encarnações anteriores, tendo ela então elaborado em si mesma seus feitos, impulsos e vivências e assimilado depois, no caminho entre a morte e o novo nascimento, a tendência a incutir no corpo, na matéria, o que antes havia decorrido meramente como uma característica, uma influência anímica. E à medida que a entidade humana é impregnada de um elemento anímico que assimilou a influência luciférica ou arimânica, o elemento material humano é arruinado justamente por isso. Aí reside o decurso da doença. Podemos, pois, dizer que num corpo enfermo está contido um elemento anímico arruinado, que sofreu uma influência imprópria, uma influência luciférica ou arimânica; no instante em que conseguíssemos retirar da alma as influências luciférica ou arimânica, teria lugar a correta interpenetração entre alma e corpo, isto é, surgiria a saúde. Temos, pois de perguntar: o que sucede com esses dois membros essenciais da existência humana que se nos apresentam, ou seja, com a matéria e o elemento anímico? O que são eles, em sua essência mais profunda?
Ao ser levantada essa questão, o homem atual costuma opinar que a resposta às perguntas "O que é matéria?" e "O que é alma?" deveria ser a mesma em qualquer parte do mundo. Não creio poder alguém admitir facilmente que a resposta às perguntas "O que é matéria?', "O que é alma?" tenha de ser muito diferente para seres que viveram na Antiga Lua e para seres que vivem na Terra. Contudo, a existência está em evolução a ponto de se transformarem até mesmo as idéias que um ser possa fazer a respeito das bases mais profundas de sua própria natureza. Muda, portanto, a resposta que deve ser dada às citadas perguntas. As respostas que serão dadas aqui — quero frisar isto de antemão — são tais que só o homem terreno pode dá-las, e têm significado apenas para ele.

Acervo Virtual Espírita

De início o homem julgará a ‘matéria’ pelos diferentes objetos e entidades que se antepõem a seus olhos no mundo exterior e, de uma maneira qualquer, produzem uma impressão nele. Descobrirá então que existem vários tipos de matéria; não preciso estender-me sobre isso, pois o que teria de ser dito a respeito, caso dispuséssemos de mais tempo, os Senhores podem encontrar em todos os textos comuns sobre o assunto. Por ora é suficiente dizer que a matéria se apresenta de diferentes maneiras ao homem àmedida que ele vê os diferentes metais — ouro, cobre, chumbo, etc. — ou aquilo que não faz parte da série dos metais. Os Senhores sabem que a química reduziu pouco a pouco essas substâncias a certos componentes básicos denominados ‘elementos’. Esses elementos eram considerados, ainda no século XIX, como matéria impossível de ser ainda mais fracionada. Enquanto podemos tomar uma substância qualquer que se nos apresente como matéria — como, por exemplo, água — e separá-la em oxigênio e hidrogênio, temos, no oxigênio e no hidrogênio, as matérias que, segundo a opinião da química do século XIX, não podiam ser decompostas em algo menor. Diferenciaram-se até setenta elementos desse tipo. Como os Senhores certamente sabem, o conceito de ‘elemento’ foi abalado diversas vezes por fenômenos ligados a alguns elementos particulares, como por exemplo o rádio; ou que também, com relação a vários fenômenos da teoria da eletricidade, chegou-se à opinião de que os aproximadamente setenta elementos conhecidos eram apenas um limite provisório da matéria, podendo o fracionamento continuar até se chegar a uma única matéria fundamental, especializando-se esta, somente por suas combinações interiores e por sua essência intrínseca, ora em ouro, ora em potássio, cálcio, etc.

Essas são teorias científicas mutáveis. E da mesma maneira como as teorias científicas mudaram no período de cinqüenta anos no século XIX, e como aquilo que devia ser matéria certos físicos viam como algo a ser caracterizado por entidades e essências tomadas do campo da eletricidade, como o é atualmente a teoria iônica — essas são modas científicas —, tampouco demorará muito tempo e haverá outras modas científicas, vindo-se a ter uma idéia diferente sobre a constituição da matéria. Eis os fatos. As opiniões científicas são mutáveis e têm mesmo de sê-lo, pois dependem totalmente de fatos que atuam de maneira particular-mente significativa em determinada época. Em contrapartida, a Ciência Espiritual, durante todas as épocas e à medida que têm existido culturas na Terra — e a Ciência Espiritual perdurará enquanto houver uma cultura terrestre —, sempre teve uma concepção uniforme e igual a respeito da essência da existência material, a respeito da matéria. A fim de familiarizá-los com o que a Ciência Espirítual considera a essência da matéria, do material, desejo dizer o seguinte:

Os Senhores conhecem o processo bem trivial do gelo: quando temos gelo, trata-se de um corpo sólido, de uma matéria sólida. Essa matéria não é sólida por sua própria essência, mas devido a circunstâncias exteriores. Ela deixará

Acervo Virtual Espírita

prontamente de ser matéria sólida se elevarmos a temperatura de maneira apropriada; então ela se tornará matéria líquida. A maneira como uma matéria se manifesta no mundo exterior não depende, pois, do que lhe é inerente, mas de todas as circunstâncias do universo circundante. Podemos continuar a aquecer essa matéria, e a partir de certo ponto a água se transforma em vapor. Temos então o gelo, a água e o vapor; pela elevação da temperatura ambiente produzimos o que se pode designar por 'matéria em vários estados'. Assim, na matéria tal como se nos apresenta temos de distinguir não segundo sua natureza intrínseca e constitutiva, e sim tendo em mente que a maneira como a matéria se nos apresenta depende da constituição geral do Universo, não se podendo destacar coisa alguma, como matéria isolada, de todo do Universo.

Os métodos da ciência atual não conseguem chegar até onde chega a Ciência Espiritual. Com seus recursos a ciência moderna nunca poderá levar a matéria — que, sob forma de um pedaço de gelo, pode transformar-se em líquido e em vapor pela elevação da temperatura — ao último estado ao qual é possível levar a matéria na Terra. Não é possível produzir hoje, por meios científicos, condições em que se pudesse evidenciar o seguinte: diluindo-se ouro cada vez mais, até o ponto em que a diluição atinja o grau máximo alcançável na Terra, por fim se chegará a este ou aquele estado; fazendo-se o mesmo com prata, o resultado será igual; com o cobre também, etc. A Ciência Espiritual é capaz de chegar a esse ponto, pois baseia-se em métodos clarividentes de pesquisa. Isto a capacita a observar como nos intervalos entre nossas matérias sempre se encontra algo igual que, de fato, constitui o último limite aonde a matéria pode ser levada, seja ela qual for! Existe, realmente, um estado de diluição de todas as matérias, acessível à pesquisa clarividente, no qual todas as matérias se apresentam como algo idêntico; só que o que então aparece não constitui mais matéria, e sim algo situado além de todas matérias especializadas que nos circundam. E cada matéria individual se nos apresenta como algo condensado, densificado a partir dessa matéria primordial que, na realidade, não é mais matéria; isso se dá com o ouro, a prata ou qualquer tipo de matéria. Existe uma essência básica para nossa existência terrestre material, da qual todas as matérias derivaram apenas por condensação. E à pergunta "Qual é, então, a matéria básica de nossa existência terrestre?", a Ciência Espiritual responde: toda matéria na Terra éluz condensada! Nada, na existência material, é outra coisa senão luz condensada de uma forma qualquer. Como se vê, para quem conhece os fatos não cabe criar uma teoria como a teoria ondulatória do século XIX, na qual se procurava explicar a luz por meios mais densos que a luz. Não é possível reduzir a luz a qualquer outra coisa materialmente existente. Contudo, onde quer que se pegue e apalpe uma matéria tem-se luz condensada, comprimida. Em sua essência, a matéria é luz.

Com isto apontamos, do ponto de vista da Ciência Espiritual, um aspecto do assunto. Temos, portanto, de ver na luz o fundamento de tudo o que existe

Acervo Virtual Espírita

materialmente. E se observarmos o corpo humano material, também ele, na medida em que é material, é tecido de luz. Enquanto ser material, o homem é tecido de luz.
Tomemos agora a outra pergunta: qual é a essência do anímico? Se, por meio da Ciência Espiritual, investigássemos de modo análogo o elemento substancial, a verdadeira base essencial do anímico, descobriríamos — da mesma forma como tudo o que é matéria é apenas luz comprimida — que todos os fenômenos anímicos na Terra constituem modificações e transformações múltiplas do que devemos chamar de amor — tomando a palavra em seu significado mais profundo. Toda emoção de caráter anímico, seja qual for o lugar onde se manifesta, é amor, modificado de algum modo. Considerando o interior e o exterior do ser humano como que encaixados entre si, a corporalidade exterior é tecida de luz e seu elemento anímico interior é tecido, de maneira espiritualizada, de amor. Amor e luz estão, de fato, espiritualmente entretecidos em todas as manifestações de nossa existência terrena. Quem pretende compreender as coisas pela Ciência Espiritual pergunta em primeira instância: como é que amor e luz se acham entretecidos num grau qualquer?
Amor e luz são os dois elementos, os dois componentes que permeiam toda existência terrena: amor como existência terrena anímica, luz como existência terrena material.
Surge, nesta altura, o que deve existir como um mediador entre os elementos luz e amor, que sem isso estariam colocados lado a lado no grande processo da evolução universal — um mediador que entretece um ao outro elemento, que entretece a luz ao amor. Esse deve ser um poder que, por assim dizer, não possua um interesse particular pelo amor, introduzindo, portanto, a luz no elemento do amor; que só tenha interesse em dar a maior difusão possível à luz, fazendo, pois, irradiar a luz para dentro do elemento do amor. Tal poder não pode ser um poder terreno, pois a Terra é justamente o Cosmo do Amor. A Terra tem a missão de entretecer tudo com amor. Tudo o que está intimamente vinculado à existência da Terra não tem interesse algum que não seja, de algum modo, tocado pelo amor.
São, no entanto, as entidades luciféricas que possuem tal interesse; elas permaneceram no ciclo da Lua, no Cosmo da Sabedoria. Elas, sim, têm particular interesse em entretecer a luz ao amor. Por isso os seres luciféricos estão, de fato, atuando em toda parte onde nosso interior, que em verdade é tecido de amor, entra de algum modo em relação com a luz onde quer que esta, sob qualquer forma, esteja disponível; e a luz vem justamente ao nosso encontro em tudo o que tem existência material. Basta entrarmos, de algum modo, em relação com a luz, e logo surgem os seres luciféricos; o luciférico se entretece ao amor. Foi assim que o homem penetrou no elemento luciférico no decorrer das encarnações:

Acervo Virtual Espírita

Lúcifer se entreteceu ao elemento do amor. O elemento luciférico força sua penetração naquilo que é tecido pelo amor; só a influência luciférica pode trazer-nos o que impede o amor de ser uma dedicação plena, impregnando-o com sabedoria, de modo que o amor venha a ser íntimamente permeado por ela. Ora, de outro modo — sem essa sabedoria — o amor seria uma força natural pela qual o homem não poderia ser responsável.

Assim, porém, o amor transforma-se em autêntica força do eu, à qual é entretecido o elemento luciférico que antes só se situava exteriormente, na matéria. Só por este meio se torna possível o fato de nosso interior — ao qual deveria caber, na existência terrena, a característica do amor em toda a sua abrangência —ser impregnado por tudo o que podemos qualificar como atuação luciférica e que conduz, sob esse aspecto, a uma impregnação das coisas materiais exteriores; desse modo, o amor não só é entretecído pelo que é tecido de luz: surge um tipo de amor impregnado por Lúcifer. Ao absorver o elemento luciférico, o homem entretece a existência material, de sua própria corporalidade, a um elemento anímico que de fato é tecido de amor, mas também impregnado pelo elemento luciférico. O amor permeado pelo elemento luciférico, impregnando o material, é a causa de doenças que atuam de dentro para fora. Em ligação com tudo o que já dissemos antes a respeito das conseqüências necessárias da doença oriunda do elemento luciférico, podemos agora dizer o seguinte: o que devemos ver na dor, como uma dessas conseqüências — e nós vimos como a dor é uma conseqüência do elemento luciférico —, é-nos mostrado pela atuação da lei cármica, de maneira que o efeito de uma ação ou tentação imputável a Lúcifer se traduz carmicamente, exprimindo-se na dor aquilo que deve levar à superação do efeito em questão.

Como fica, agora, a questão de podermos ou não ajudar num caso desses? Será isso possível aqui? Será permitido afastar, de uma maneira qualquer, tudo o que se haja infiltrado de luciférico, com todas as suas conseqüências de dor?

Depois da resposta à questão sobre a essência do anímico, torna-se evidentemente necessário o fato de só nos ser permitido fazê-lo caso encontremos os meios para expulsar, adequadamente, o elemento luciférico do indivíduo que o possua em si como causa patológica. Qual meio, então, deve atuar mais intensamente a fim de extirpar o elemento luciférico de maneira correta? O que veio a ser maculado pelo elemento luciférico na Terra? O amor! Por isso, somente infundindo amor é que poderemos ter a verdadeira assistência para o elemento cármico se desenrolar de forma correta. E assim, em última análise temos de ver, em tudo o que nesse sentido se torna causa de doença — no elemento do amor que, no âmbito anímico, foi prejudicado pelo elemento luciférico —, algo em que precisamos infundir alguma coisa. Precisamos infundir amor para possibilitar que o ato amoroso se constitua numa ajuda. Este caráter de amor infundido pertence a todas as ações curativas que se apóiam, em maior ou menor escala, no que se pode chamar de processos de terapia psíquica.

Acervo Virtual Espírita

De alguma forma, o que é empregado nos processos de terapia psíquica se relaciona com a doação de amor. O amor é aquilo que instilamos em outras pessoas como bálsamo. Em última análise, isso deve poder ter sua razão no amor, e deve realmente tê-la. Deve poder ter sua razão no amor quando colocamos simples fatores psíquicos em movimento, quando levamos outra pessoa simplesmente a harmonizar seu estado de alma deprimido. Tudo isso deve ter seu impulso no amor, desde processos terapêuticos simples até aquilo que hoje, de maneira leiga, se chama freqüentemente de 'magnetizar'.25

O que é realmente transmitido, pelo agente curador, à pessoa que deve ser curada? Usando um termo da Física, podemos dizer que aqui se trata de uma 'permuta de tensões'. Algo que vive na pessoa curadora — em particular, determinados processos em seu corpo etérico —, por entrar em certa relação com aquele que deve ser curado, é proporcionado a ele numa espécie de polaridade. A polaridade é provocada da mesma forma como, num sentido mais abstrato, nós a provocamos ao produzir um tipo de eletricidade, a positiva, e a negativa correspondente aparece. Polaridades são provocadas — e isso deve ser compreendido, no sentido mais elevado, como um ato de sacrifício. De fato, provocamos em nós mesmos um processo que não se destina a ter relevância apenas em nós — senão provocaríamos apenas um processo; nesse caso, este destina-se a provocar na outra pessoa uma polaridade em relação ao primeiro processo. Tal polaridade — que naturalmente depende do fato de a pessoa curadora e o paciente terem sido levados a uma relação em qualquer sentido —, o fato de se provocar esse outro processo na outra pessoa é, no sentido mais elevado, o sacrifício de uma força que nada é senão de amor transformada, ou seja, um ato de amor sob uma forma qualquer. O que realmente atua em tais curas psíquicas é a força de amor transformada de alguma forma. Devemos ter bem claro que sem a força de amor subjacente o processo sempre terá algo incapaz de levar a bom termo. Ora, processos de amor não precisam necessariamente decorrer sempre de modo que o homem tenha deles plena consciência diurna; eles também ocorrem em níveis subconscientes. Mesmo no que se pode considerar como técnica de processos curativos, mesmo na maneira como se fazem, por exemplo, toques lineares com as mãos, reunidos tecnicamente num sistema, mesmo nisso já reside o fato de eles serem uma imagem de um ato de sacrifício.26 Portanto, mesmo quando não discernimos diretamente a relação num processo curativo, onde não vemos o que se faz, existe um ato de amor, ainda que totalmente transformado em técnica.

Vemos assim que, pelo fato de o elemento anímico consistir essencialmente em amor, podemos intervir com fatores psicoterapêuticos que aparentemente podem ser processos situados bem na periferia do ser humano; e que, por meio

[25] Ou 'hipnotizar'. (N.E.)

[26] Tal alusão seria aplicável à massagem rítmica e à quirofonética, terapias antroposóficas desenvolvidas posteriormente. (N. E.)

Acervo Virtual Espírita

de tais fatores terapêuticos, o que em essência é amor se enriquece com o amor de que necessita. Vemos aí, de um lado, a ajuda que nos é permitido prestar por termos de auxiliar a pessoa para que ela, depois de haver caído nos tentáculos de Lúcifer, também possa livrar-se deles. Como a essência do anímico é o amor, é-nos permitido influenciar muito bem o carma nessa direção.
De outro lado, perguntamos: o que aconteceu àquele material tecido de luz, no qual está inserido o anímico? O que aconteceu à parte material do homem, tecida de luz?
Consideremos a corporalidade exterior de uma pessoa, o homem exterior em sua corporalidade material. Se, a partir do anímico, o processo cármico não houvesse incutido na matéria uma substância de amor impregnada por Lúcifer ou Árimã, se houvesse fluído para essa matéria apenas uma substância de amor pura, não poderíamos ter, a respeito desta substância de amor, a sensação de que ela macula e deteriora a matéria tecida de luz. Se afluísse apenas amor para dentro da matéria, ele adentraria de tal modo a corporalidade humana que esta não poderia ser deteriorada; somente por ter podido afluir-lhe amor impregnado de forças luciféricas ou arimânicas é que a matéria tecida de luz pôde tornar-se pior do que originalmente teria sido. Portanto, só pode advir de prejuízos luciféricos ou arimânicos afluídos aos homens durante as sucessivas encarnações o fato de nos defrontarmos, no organismo humano, com algo que não écomo deveria ser. Caso o fosse, representaria a matéria sadia do homem; porém, tendo assimilado os efeitos de Árimã e de Lúcifer, pode consistir num corpo doente.
Como podemos extrair, de fora, as respectivas influências que adentraram através de um anímico imperfeito, através de uma substância de amor imperfeita? O que acontece com o corpo, ao afluir para ele algo imperfeito? Para a Ciência Espiritual, isso faz com que algo tecido de luz produza, de algum modo, seu oposto. A luz tem seu oposto em algum tipo de escuridão. Por estranho que pareça, tudo o que em realidade se apresenta como a poluição do que é tecido de luz é uma escuridão entretecida pela influência arimânica ou luciférica. Vemos, assim, escuridão entretecida à materialidade humana. Essa escuridão, porém, só foi entretecida pelo fato de essa corporalidade humana se haver tornado portadora daquilo que, denominado ‘eu’, atravessa as encarnações. Este não se encontrava presente antes. Só um elemento corporal humano pode ter justamente essas deteriorações específicas, antes ausentes daquilo que a luz teceu.
Ora, hoje o homem toma a base da materialidade daquilo que, pouco a pouco, foi segregando de si no decorrer da evolução: dos remos animal, vegetal e mineral. Estes também contêm as diversas matérias,ou seja, o que é tecido de luz para o ciclo da Terra. Mas dentro de todas essa matérias ainda não está o que, no decurso do carma humano, conseguiu penetrar na existência material do homem, vindo de seu interior. Temos, pois, nos três remos que nos circundam,

Acervo Virtual Espírita

algo que o homem por si, por sua influência luciférica ou arimânica, nunca conseguiu macular ao atuar a partir de sua substância do amor. Lá dentro nada há dele que pudesse espalhar-se na pureza reinante — nada que, em relação a essa pureza, esteja maculado no homem. Se, por exemplo, temos no mundo exterior uma matéria mineral — um sal ou outra qualquer —, essa é uma matéria que o homem também contém ou pode conter em si; nele, porém, ela está entretecida pelo que podemos chamar de substância do amor maculada por Ármã ou Lúcifer. Lá fora, contudo, ela é pura. Assim, toda matéria diferencia-se, no mundo exterior, daquilo que o homem carrega em si como substância. Lá fora esta é sempre diferente do que é dentro do homem pelo fato de, nele, estar entretecida pela influência arimânica e luciférica. Esta é a razão pela qual, para tudo o que o homem pode deteriorar ora mais, ora menos em sua substancialidade exterior, deve ser encontrado exteriormente algo que represente o elemento correspondente em estado puro, sem conter a danificação humana. O que existe no mundo sem danificação é o remédio exterior para o elemento danificado correspondente. Ministrando-o corretamente à entidade humana, temos o remédio específico para a correspondente lesão.

Aí temos, bem objetivamente, o que ministrar ao corpo humano como remédio. Temos a lesão como escuridão especificada e o que ainda não é escuro como luz pura entretecida exteriormente —e vemos por que a escuridão presente no homem, como matéria escura, pode ser suprimida quando podemos ministrar-lhe a matéria pura, tecida de luz. Temos assim na matéria pura, tecida de luz, um remédio específico contra a lesão.

Seria mesquinho negar — e tenho chamado muitas vezes a atenção no sentido de que nesse erro a Antroposofia não deveria cair — a existência, em tais casos, de remédios específicos que podem atuar eficazmente sobre este ou aquele órgão em caso de determinadas lesões. Foi dito freqüentemente que o organismo possui as forças para ajudar a si mesmo; porém, mesmo sendo correto o que a escola vienense de terapia nihilista validou — dar início ao processo de cura mediante mobilizações das forças contrárias —, ainda assim podemos ir ao encontro do processo de cura por meio de remédios específicos. Vemos reinar aqui um paralelismo que podemos descrever com base na Ciência Espiritual.

Pelo que eu disse, por exemplo, acerca da difteria, os Senhores podem inferir tratar-se de algo que atingiu o corpo astral de maneira bem especial na causa cármica. Descobrimos, agora, que o elemento mais afim a esse corpo astral no ambiente que rodeia o homem situa-se no reino animal. Por isso os Senhores verão que, no caso das doenças muito próximas do corpo astral, a ciência médica sempre tem procurado inconscientemente, como por instinto, remédios oriundos do reino animal. Para as doenças cuja causa se situa no corpo etérico, a ciência médica escolhe remédios no reino vegetal. Nesta altura poderia ser feita uma palestra interessante, por exemplo, sobre a relação entre Digitalis purpurea

Acervo Virtual Espiritu

e certas doenças cardíacas. Estas são coisas que, por basear-se na realidade, não valem apenas por cinco anos para depois começar a tornar-se erradas — como disse certa vez um médico e como, de fato, ocorre quando se tiram conclusões sobre sintomas exteriores. Existe, contudo, um certo patrimônio de remédios originalmente relacionados com a Ciência Espiritual e transmitidos de geração em geração, sem que as pessoas soubessem algo de sua origem. Assim como os astrônomos de hoje ignoram que a teoria de Kant e Laplace provém das escolas secretas da Idade Média, muitas vezes as pessoas desconhecem a origem dos patrimônios medicinais.

E, por fim, causas de doenças relacionadas com a entidade do corpo físico levam ao uso de remédios extraídos do reino mineral.

Até mesmo por meio dessas concepções análogas pode-se dar um indício para o assunto. Por isso existe para o homem, pela relação com o mundo circundante, a possibilidade de ser ajudado de dois lados: quando lhe é proporcionado, de um lado, amor transformado pelos processos psicoterapêuticos, ou, de outro, luz modificada das mais variadas maneiras, por meio dos processos relacionadas de algum modo com os processos terapêuticos exteriores. Tudo o que pode ser feito é empreendido seja por meios psíquicos interiores, isto é, com amor, seja por meios exteriores, isto é, com luz condensada de alguma forma. E quando a ciência estiver bastante avançada para acreditar no supra-sensível e na sentença "A matéria é luz condensada de alguma forma", esse princípio lançará luz espiritual sobre a busca sistemática da possibilidade de ajudar o homem por remédios exteriores. Disso se vê que não foi por mera tolice que as escolas de mistérios do antigo Egito e da Grécia pouco a pouco enriqueceram, durante longas épocas, o patrimônio dos remédios; nessas coisas sempre havia uma essência sadia. A Antroposofia não deseja tomar partido, afirmando tratar-se de uma corrente que ministra venenos ao homem! A palavra 'veneno' tem, hoje em dia, um efeito sugestivo, e as pessoas não têm consciência de quão relativo é esse termo. O que é, em verdade, veneno? Qualquer substância pode ser um veneno; depende apenas do tipo de cura e da quantidade ingerida de uma só vez. A água é um forte veneno quando se bebem dez litros de uma vez. Este efeito, considerado sob o prisma de uma química interior, nem é muito diferente das conseqüências do consumo de qualquer outra substância. Depende sempre da quantidade, pois todos esses conceitos são relativos.

Como resultado de tudo o que vimos hoje, podemos afirmar o seguinte: podemos ficar contentes pelo fato de, mesmo para as lesões que o homem possa incorporar em si, encontrar-se em toda a natureza que nos cerca — tal como agora encaramos o processo cósmico — o meio de cura que lhe possibilitará superar a lesão. Este é também um belo sentimento que podemos nutrir diante do mundo exterior: podemos alegrar-nos acerca do mundo exterior, não só pelas flores que ele nos dá e pelas montanhas que nos faz ver no esplendor da luz do sol, mas também pelo fato de haver uma relação tão íntima entre tudo o que nos

Acervo Virtual Espiria

circunda e o que, dentro do homem, pode ser chamado de bem e de mal. Podemos alegrar-nos, na natureza, não só pelo que nos diz respeito de imediato, mas também porque quanto mais profundamente penetrarmos naquilo que se densificou até à existência material exterior, tanto mais verificaremos o seguinte: essa natureza que nos alegra contém, ao mesmo tempo, o poderoso fator curativo para todo prejuízo que o homem possa causar a si próprio; de algum modo, há um elemento curativo escondido na natureza. Trata-se não só de compreender a linguagem desse fator curativo, mas também de obedecer a ela e realmente realizá-la. Mas hoje, na maioria dos casos, não temos a possibilidade de obedecer à linguagem da natureza curativa porque o desconhecimento da luz, porque as trevas que também se intrometeram em nossa cognição, causaram, em muitos aspectos, situações que não permitem seguir a linguagem pura da natureza. Para nós deve ser bem claro: se em determinado caso não há ajuda, se um sofrimento não pode ser aliviado devido a relações cármicas, isto não significa, absolutamente, que não exista possibilidade de amenização.

Voltamos a ver, também aqui, a existência de uma relação curiosa que nos faz ver todo o grande mundo, inclusive o homem, como um ser. Na frase "Matéria é luz tecida e o anímico é amor diluído de alguma maneira" está a chave para inúmeros segredos da existência na Terra. Esta chave é válida somente para a existência terrestre, e para nenhuma outra região da existência do Universo. Com isto mostramos nada menos que, ao imprimirmos ao carma uma mudança de rumo qualquer, ligamo-nos, num ou noutro caso, justamente aos elementos que compõem nossa existência na Terra: de um lado, à luz tornada matéria e, de outro, ao amor tornado elemento anímico. Retiramos o remédio do meio circundante, sob forma de luz densificada, ou de nossa própria alma, sob forma de ato de amor curativo, ato de sacrifício; e, neste último caso, curamos com a força anímica extraída do amor. Nós nos ligamos ao que, na Terra, é essencialmente legítimo unindo-nos, de um lado, à luz e, de outro, ao amor. Todos os estados na Terra são, de uma maneira ou de outra, estados de equilíbrio entre a luz e o amor. Uma perturbação desse equilíbrio entre luz e amor é malsã. Se o distúrbio reside no amor, a ajuda que podemos dar resulta do desdobramento da força do amor em nós; se o distúrbio reside na luz, podemos ajudar conseguindo no Universo, de uma maneira qualquer, aquela luz que pode suprimir as trevas em nós.

Temos aí os elementos básicos da ajuda humana. Eles mostram como tudo, na existência terrena, depende de condições de equilíbrio entre elementos opostos ou confrontantes. Luz e amor são, em verdade, elementos que se confrontam; mas de seu entretecimento depende, em última análise, tudo o que ocorre material e animicamente em nossa vida terrena. Não é de admirar, pois, que a evolução de época em época ocorra, em todas as áreas da vida humana, de modo tal que a posição de equilíbrio como que oscile especialmente para um

Acervo Virtual Espírita

lado, tentando-se depois corrigi-la para o outro — ou seja, que nosso desenvolvimento decorra de modo semelhante a uma ondulação. De fato, nosso desenvolvimento assemelha-se a uma espécie de ondulação: ele sobe e desce, sendo que o equilíbrio perturbado é sempre compensado por uma oscilação do pêndulo em sentido contrário, a qual, por sua vez, ultrapassa a posição de equilíbrio. Se os Senhores concordarem que na vida humana tudo diz respeito a distúrbios do equilíbrio num ou noutro sentido, constatarão como, por esse meio, poderão esclarecer até mesmo os processos culturais mais íntimos. Se considerarem uma época em que certos danos penetraram no desenvolvimento humano pelo fato de os homens terem dirigido a atenção somente ao interior — como por exemplo na Idade Média, quando, pelo intenso florescimento da mística, o exterior permaneceu desconsiderado, levando a mal-entendidos não só no conhecer, mas também no agir —, verão então, por outro lado, seguir-se uma época em que não se tolera a mística, dirigindo-se a atenção ao mundo exterior e fazendo-se tudo para que o pêndulo oscile para o outro lado. Os Senhores têm aí transições entre a Idade Média e a época moderna, e poderão encontrar tais distúrbios do equilíbrio sob os mais variados aspectos.

A esse respeito eu gostaria de acrescentar que, em épocas como a nossa, muitas pessoas apresentam como característica uma perda total de qualquer consciência de um mundo supra-sensorial. Isso siginifica que em nossa época existe um grande número de pessoas completamente desatentas à existência de um mundo espiritual, rejeitando pensamentos a esse respeito. Em tal época — ou melhor, em tais épocas — também sempre existe, sob alguns aspectos, a contra-imagem disso. Quero caracterizá-la de um modo bem simples.

Quando, no plano físico, existem pessoas que se enredam no físico a ponto de esquecer-se do espiritual, por outro lado os que vivem no mundo espiritual, entre a morte e o novo nascimento, possuem a tendência oposta, provocada como que por um carma atuando do plano físico para o plano espiritual: é a tendência a ocupar-se com coisas que exercem uma influência do mundo espiritual sobre o físico. Esta é, de fato, a razão para muitas influências exercidas, no mundo físico, por indivíduos que estão no período precedente ao novo nascimento. Esses indivíduos atuam sobre o mundo físico, de acordo com as possibilidades, por intermédio de pessoas altamente acessíveis a tais influências do mundo superior. Se quisermos ter clareza a respeito desta área, teremos de rejeitar muito do que énarrado sobre revelações do mundo espiritual feitas por indivíduos que se acham entre a morte e o novo nascimento. E poderemos selecionar bem os casos característicos em que os mortos — para fazer o pêndulo oscilar para o outro lado — empenham-se intensamente em mostrar com clareza aos homens: existe, de fato um mundo espiritual! Compensando o fato de existirem em nossa época pessoas totalmente obtusas, tendo entretecido seu espírito a tanta escuridão que não querem ouvir falar de um mundo espiritual, existem mortos que sentem, a partir dessa deficiência, o impulso de

Acervo Virtual Espírita

atuar sobre o mundo físico. Na maioria das vezes essas coisas ocorrem quando os homens , no plano físico, nada fazem a respeito. E são mais características as coisas que se oferecem sem experiências artificiais, surgindo, por assim dizer, como manifestações do mundo espiritual. Daí a relação entre indivíduos no campo material, de um lado, e o impulso instrutivo advindo do mundo espiritual, de outro.

Os Senhores encontrarão muitas referências a esse respeito no livro Das Mysterium des Menschen (O mistério do homem), de nosso amigo Ludwig Deinhard27, onde se acha compilado e sistematizado muito do que necessitam, hoje tão espalhado na literatura científica que nem todo mundo tem a possibilidade de juntá-lo. Por isso é muito bom que possam dispor, nesse livro, de uma compilação justamente desse aspecto dos fatos científico-espirituais — que, como se vê, são eminentemente característicos de nossa era. Nesse livro se encontra, em particular, o caso típico de um cientista, o falecido Frederik Myers28, que em sua vida terrena tentou todas as possibilidades para, pelo caminho do método materialista, chegar à prova do mundo espiritual, tendo depois sentido, após sua morte, um forte impulso de mostrar aos homens, por meio de radiações do mundo espiritual, o que almejara aqui na Terra.

Isto deveria ser uma ilustração para o princípio de que no mundo e na existência universal lidamos com contínuas perturbações de equilíbrios e, novamente, com a busca destes. Na existência terrena temos, como elementos mais profundos desse equilíbrio incessantemente perturbado e restabelecido, a luz e o amor. E no carma humano esses dois elementos — a luz e o amor — atuam, de encarnação em encarnação, de modo compensatório sobre os equilíbrios perturbados. Ora, no fundo nós temos, no carma que atravessa todas as encarnações, situações de equilíbrios perturbados; na luz e no amor, por sua vez, temos a tentativa constante de restabelecer o equilíbrio. Até que, num futuro remoto, depois de atravessar suas encarnações, o homem tenha finalmente chegado a preparar um último estado de equilíbrio atingível na Terra; isto significará que a humanidade terá realizado sua missão terrena e que a existência terrestre desenvolverá, para si, uma nova forma planetária.

Procurei expor algo sem o qual é impossível uma fundamentação mais profunda das relações e leis cármicas. Não receei, por esse motivo, tratar de bases ocultas para as quais nossa ciência atual está longe de ser madura: a matéria, em verdade, é luz entretecida e o anímico é, em qualquer aspecto, amor diluído. Estas são antigas sentenças ocultas, porém sentenças que permanecerão verdadeiras para todas as épocas vindouras e se revelarão frutíferas, no

Acervo Virtual Espírita

[27] Ludwig Deinhard (1847—1917), engenheiro e industrial, foi um ativo membro da Sociedade Teosófica, tendo pertencido à sua diretoria de 1902 a 1908. Muito ligado a Rudolf Steiner, seu livro *Das Mysterium des Menschen im Lichte der psychischen Forschung. Eine Einführung in den Okkultismus* (Berlim, 1910) foi bastante elogiado por este último. (Cf. N.E. orig.)

[28] Frederick *XV*. H. Myers (1843—1901), poeta, espiritista e escritor, um dos fundadores da *Society for Psyichical Research* em Londres. (Cf. N.E. orig.)

desenvolvimento da humanidade, não só para o conhecimento, mas também para a atuação e a ação humanas.

28 de maio de 1910

Carma individual e carma coletivo

Haveria ainda muito a dizer sobre as diferentes manifestações do carma; mas por termos hoje a última de nossas considerações, e porque o tempo teve de ser necessariamente curto demais para um tema tão rico, os Senhores compreenderão que muito do que deveria ter sido tratado e, também, muito do que os Senhores possivelmente tenham a perguntar não poderá encontrar, por ora, uma solução. Nosso movimento, porém, continuará, e o que necessariamente fica em aberto num curso poderá ser desenvolvido e terminado em outro.

Os Senhores devem ter freqüentemente considerado que o homem vivencia a lei cármica como algo que, por assim dizer, é bem determinado em qualquer momento vivido, de modo a podermos, a cada instante de nossa vida, olhar retrospectivamente para o que houvermos experimentado, feito, sentido e pensado nas encarnações anteriores àquela em que tecemos nossas considerações. E sempre verificaremos que nosso destino humano momentâneo, interior e exterior, pode ser compreendido pelo fato de termos, por assim dizer, uma espécie de 'conta corrente da vida' onde são lançados, de um lado, nossas vivências inteligentes, sensatas, sábias e, de outro, tudo o que houve de irrefletido, de ruim, de feio. Haverá um superávit em qualquer dos dois lados, e num momento de vida isto significa também o destino desse momento.

Ora, podem surgir várias perguntas nesse sentido, dentre as quais a seguinte: qual é a relação entre o que os homens fazem em sua vida conjunta, como comunidade humana, e o que chamamos de carma individual de cada um? Já tratamos desta questão de outro ponto de vista. Se enfocarmos qualquer evento histórico — por exemplo, as guerras pérsicas29 —, será impossível acreditar que esse evento, considerado do ponto de vista grego, represente algo possível de ser inscrito somente no livro do destino de cada indivíduo participante dele no plano físico exterior. Pensem em todos os dirigentes das guerras pérsicas e em todos os índivíduos que então se sacrificaram, pensem em tudo o que foi feito pelo exército grego, desde os dirigentes até o simples soldado: avaliando um acontecimento como esse à luz da razão, acaso poderíamos lançar os efeitos de cada um somente na conta corrente cármica dessas personalidades individuais? Será impossível fazêlo. É impossível imaginar que, no caso de acontecimentos relativos a um povo inteiro ou a uma grande parte da

[29] Ocorridas entre 490 e 449 a.C. entre persas e gregos. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

humanidade civilizada, não ocorra outra coisa senão o carma individual realizado por cada uma das individualidades envolvidas. No decurso da evolução histórica, temos de ir de um fato a outro; e veremos que encontraremos sentido e significado dentro do próprio desenvolvimento da humanidade, não podendo tais acontecimentos confundir-se com o carma individual de cada um.

Podemos refletir sobre uma questão como as guerras pérsicas e depois perguntar: qual é seu significado na evolução da humanidade? Havia-se desenvolvido uma certa cultura no Oriente, com grandiosos aspectos favoráveis. Mas assim como toda luz traz suas sombras, precisamos também ter consciência de que toda a cultura do Oriente só pôde ser alcançada pela humanidade porque vários aspectos negativos, que não podiam ter continuidade na evolução humana, penetraram naquela cultura. Uma dessas sombras era, sobretudo, o pendor que o Oriente tinha para engrandecer-se cada vez mais mediante elementos exteriores de poder, advindos puramente do plano físico. Se não houvesse surgido esse impulso para o engrandecimento, naturalmente não teria nascido a cultura oriental. Um não pode ser pensado sem o outro. Mas para que a humanidade pudesse continuar a evoluir, tinha de desenvolver-se, por exemplo, a partir de pressupostos bem diferentes, a cultura grega. Esta, contudo, não podia iniciar-se espontaneamente; precisava receber certos pressupostos de outra parte — e, de fato, tomou importantes pressupostos da cultura oriental. Diferentes lendas de heróis, que da Grécia se transladaram para o Oriente, nada mais representam senão o seguinte: discípulos de certas escolas gregas haviam-se mudado para o Oriente e trazido para os gregos aqueles bens acessíveis apenas no âmbito da cultura oriental, mas que também, depois, podiam continuar a ser tratados e transformados pelo caráter, pelo talento popular grego. Para tal, no entanto, era mister eliminar, desses bens trazidos do Oriente, seu lado sombrio: o impulso de expandir-se em direção ao Ocidente por puros meios exteriores de poder. A civilização romana, posterior à grega, e tudo o que vieram a ser os demais pressupostos para a evolução seguinte da humanidade européia, não teriam podido formar-se caso os gregos não houvessem criado por si o livre espaço para a continuidade evolutiva da cultura oriental, caso não houvessem rechaçado tudo o que lhes era afim. Vencidos os povos asiáticos, tornou-se possível filtrar o que a Ásia havia criado.

Muitos acontecimentos do desenvolvimento universal devem ser considerados por esse prisma, e isso nos propicia uma imagem curiosa. Se pudéssemos desenvolver essa idéia num ciclo de palestras com duração de três a quatro anos, limitando-nos aos documentos históricos da humanidade transmitidos até nós, obteríamos algo que se poderia chamar de plano da evolução humana. Analisando tal plano, diríamos: isto teria de ser conquistado; aquilo tem um aspecto sombrio que precisaria ser eliminado; o bem conquistado precisaria ser transmitido a outros e ser aperfeiçoado por eles.

Acervo Virtual Espírita

Obteríamos, desse modo, um plano de evolução da humanidade e, ao discuti-lo, nunca poderíamos conceber a seguinte idéia: como pôde acontecer de Xerxes, Miltíades ou Leônidas30 terem possuído este ou aquele carma individual? Precisamos considerar esse carma individual como algo que precisa ser decidido por si e entretecido ao plano da evolução da humanidade. Não é possível compreender a situação de outro modo. Essa é, também, a maneira de ver da Ciência Espiritual. E, sendo esse o caminho, temos de dizer o seguinte: neste curso sistemático da evolução da humanidade teremos de ver algo coerente em si, da mesma forma como o são os acontecimentos cármicos na vida humana individual. Depois podemos perguntar: que tipo de relação tem um tal plano de evolução global da humanidade com o carma individual do homem?

Consideremos primeiro o que se poderia chamar de sina na própria evolução humana. Ao nosso olhar retrospectivo aparece uma civilização após outra, um povo após outro. Vemos mais: vemos como um povo após outro produz isto ou aquilo novamente; como algo imperecível permanece da cultura de cada povo; vemos também como os povos precisam morrer para salvar o patrimônio popular e suas conquistas, para as correspondentes épocas posteriores da evolução da humanidade. Então se nos torna compreensível a afirmação da Ciência Espiritual de que, neste andamento progressivo da evolução da humanidade, é preciso, em primeira instância, distinguir exatamente duas correntes.

Considerem, no andamento global da evolução da humanidade, o que se pode considerar como corrente contínua e, dentro desta, ondas que se desenvolvem uma após outra, sendo que os bens conquistados pela onda antecedente permanecem conservados para a subseqüente. Teríamos uma imagem a esse respeito ao olhar para a primeira cultura da era pós-atlântica, para o que esta produziu de grandioso na antiga Índia. Mas se compararmos essa grandiosidade com a fraca reminiscência que, a esse respeito, ficou contida nos Vedas — os quais, ainda assim, são dignos de admiração, embora não passem de um fraco reflexo do que foi realizado pelo Rishis e da grande contribuição cultural dos hindus, da qual nos relata a Ciência Espiritual —, devemos dizer o seguinte: a grandeza original do que esse povo tinha de produzir para a humanidade já estava em declínio quando se passou a conservar esse patrimônio cultural dos homens naquelas maravilhosas representações poéticas. No entanto, o que a cultura hindu tinha a produzir em primeira instância flui para o andamento global da evolução humana. E foi somente sob esta premissa que, posteriormente, pôde desenvolver-se, por sua vez, o necessário a um povo jovem — e não a um povo que se tornara velho. Primeiramente os hindus tinham de ser rechaçados para a península meridional, desenvolvendo-se então a

[30] Xerxes (c. *520—465),* rei dos persas, filho de Dário; Miltíades, comandante ateniense, venceu os persas em 490 a.c.; Leônidas (fal. 480 a.C.), rei de Esparta, caiu na luta com o rei persa Xerxes junto ao desfiladeiro das Termópilas. (Cf. N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

cosmovisão de Zaratustra na Pérsia. Quão grandiosa era essa cosmovisão, na época em que nasceu — e quão relativamente rápido foi seu declínio no povo que a criara! Temos, depois, o mesmo processo nas culturas egípcia e caldaica. Depois vemos a passagem da sabedoria oriental para a Grécia e o modo como os gregos rechaçam o elemento oriental para o plano físico exterior. Vemos também como o conteúdo produzido por todo o Oriente é acolhido no seio da cultura grega, sendo entretecido a muitas das realizações efetuadas até então em outras regiões européias. A partir daí é criado um novo contexto cultural que, por muitos caminhos, tornou-se capacitado a receber o impulso do cristianismo e propagá-lo para o Ocidente. E assim encontraríamos, também mais tarde, uma corrente cultural contínua em que poderíamos juntar um elo a outro; e cada um nos pareceria a continuação do precedente, sempre como algo novo que teve de ser dado à humanidade. Onde, porém, teve de brotar aquilo que, desse modo, prossegue evoluindo de época em época?

Pensem em tudo o que cada povo vivencia em sua área cultural! Pensem em tudo o que deve ter ocorrido em cada povo como uma soma de sensações e sentimentos de inúmeras pessoas, de desejos e entusiasmos pelo que deve parecer o supremo bem desejável, devendo dar-se, justamente nesta área, como um impacto cultural! Pensem em como as almas dos indivíduos tinham de estar inteiramente presentes, em seus desejos e anseios, em cada um desses impactos! E além disso era necessário, através de inúmeros séculos da evolução da humanidade, que, ao desenvolver cada um dos impactos culturais subseqüentes, os povos vivessem sempre numa espécie de ilusão — na ilusão de considerar justamente o patrimônio cultural elaborado por eles próprios como algo eterno e imperecível, que nunca mais lhes poderia ser tirado. O trabalho abnegado de cada povo, em relação à cultura, só foi possível pelo fato de sempre ter ressurgido a ilusão de que o produto de sua criação, com tudo o que lhe fosse pertinente, teria uma existência eterna. Também em nossos dias existe essa ilusão; e mesmo que não nos entreguemos mais a ela positivamente, não falando da 'eternidade' desta ou daquela cultura, temo-la presente no fato de não se pensar no fim — nem em pequena nem em grande escala —, não lhe dedicando, por assim dizer, qualquer atenção.

Aí estão duas coisas de que as culturas dos vários povos necessitam e que, no fundo, somente nesta nossa época começam a experimentar uma espécie de mudança. Ora, a primeira área da vida espiritual humana em que tais ilusões basicamente não mais medrarão é a vida espiritual antroposófica — pois seria um grave mal-entendido se alguém, firmemente situado em nosso movimentos espiritual, quisesse acreditar que as formas nas quais vazamos nossos conhecimentos, as exposições de idéias possíveis hoje — o que atualmente podemos dar a partir do nosso pensar, sentir e querer antroposóficos — tivesse uma existência eterna. Seria prova de grande miopia afirmar que dentro de três milênios haverá homens falando das verdades antroposóficas exatamente da

Acervo Virtual Espírita

maneira como o fazemos hoje. Sabemos que, pelas condições de nossa época, somos obrigados a vazar nas formas contemporâneas algo do produto contínuo da evolução, e que nossos descendentes terão de expressar essas coisas por meio de formas vivenciais totalmente diferentes. Por que acontece assim? Por um motivo semelhante ao que fez a humanidade evoluir, durante séculos e milênios, de maneira que os indivíduos tivessem muitas vivências nas sucessivas culturas dos povos, a fim de a contribuição poder formar-se a partir do desenvolvimento global de um povo. Pensem nas inúmeras vivências experimentadas na antiga Grécia, e considerem o extrato que disso resultou para a humanidade inteira! Então os Senhores reconhecerão estar aí contido muito mais do que apenas as correntes individuais. Muitas coisas acontecem por causa dessa corrente central. Por isso temos de levar em conta duas coisas: primeiro algo que deve nascer e perecer, para que desse todo a segunda parte — quantitativamente, a menor — possa perdurar como remanescente. Só compreenderemos o processo evolutivo da humanidade sabendo que desde o surgimento do carma humano individual atuam nesse processo dois poderes, Lúcifer e Arimã. Ora, o plano da evolução da humanidade implica também que no fim, tendo a Terra alcançado seu objetivo, os resultados de cada cultura incorporados pouco a pouco ao desenvolvimento global da humanidade se tornarão frutíferos para todos os indivíduos, seja qual for o destino que hajam atravessado. Esta meta, nós só a vislumbramos ao enfocarmos a evolução universal à luz da Antroposofia. Que ninguém se iluda: esta meta só se apresentará clara e nitidamente a quem haja passado por um cultivo antroposófico da alma a maneira correta de concebê-la implica a plena conservação da individualidade humana, sem que esta se dissolva numa unidade panteísta nebulosa; a individualidade deve permanecer intacta, e a ela deve fluir o que a humanidade conquistou em grande escala.

Olhando para trás, para culturas antigas, pode-se dizer de antemão o seguinte: desde que individualidades humanas passaram a encarnar-se, Lúcifer e Arimã são participantes da evolução da humanidade. Lúcifer participa procurando sempre tomar parte na corrente cultural contínua, ao aninhar-se nos corpos astrais humanos e impregná-los com o impulso luciférico. Eis o que Lúcifer realiza no curso da evolução da humanidade: atuar no interior dos corpos astrais humanos. O que os homens recebem de Lúcifer, eles nunca poderiam simplesmente receber dos poderes que realizam a corrente cultural contínua. Se os Senhores separarem esta corrente cultural de todo o progresso da humanidade, terão o que os seres espirituais em progresso normal fazem fluir das Hierarquias para a humanidade qual uma riqueza sempre renovada. Ao elevar o olhar para as Hierarquias, temos de dizer o seguinte: os seres espirituais que perfazem seu desenvolvimento normal deram à cultura terrena o que é permanente na humanidade e que, embora tenha sido transformado mais tarde, ainda assim permaneceu sendo patrimônio permanente dos homens. É como

Acervo Virtual Espírita

quando temos uma árvore e, dentro dela, o cerne. Ganhamos, assim, uma viva e contínua corrente da cultura contínua.
Por meio desses poderes, que por si perfazem uma evolução normal, poderia ter acontecido de o homem preencher cada vez mais seu eu com esse enriquecimento progressivo do desenvolvimento humano. De tempos em tempos afluiria o que faz o homem avançar; ele iria preencher-se cada vez mais com as dádivas do mundo espiritual, e por fim, tendo a Terra alcançado sua meta, seria inequívoco que o homem teria em si tudo o que houvesse sido dado pelos mundos espirituais. Uma coisa, porém, não seria possível: que o homem desenvolvesse um fervor sagrado, intrínseco, nem dedicação e entusiasmo, por aquilo que é criado de uma para outra época cultural. Do mesmo fundamento do qual nascem todos os desejos e cobiças nasce também o anseio de altos ideais, a ânsia de tornar os homens felizes e de criar obras de arte nas consecutivas épocas culturais humanas. Do mesmo fundamento, do manancial das perniciosas cobiças dirigidas para o mal, nascem também os empenhos pelo que de mais elevado pode ser produzido na Terra. E não existiria, na alma, o entusiasmo pelo bem supremo se não fosse possível, de outro lado, que o mesmo entusiasmo pudesse mergulhar também no vício e no mal. A existência desta possibilidade no desenvolvimento da humanidade édevida aos espíritos luciféricos. Assim, não devemos ignorar que os espíritos luciféricos tenham trazido aos homens a liberdade, simultaneamente à possibilidade do mal e à livre receptividade para o que, de outra forma, apenas afluiria à alma humana.
No entanto, vimos também que tudo o que Lúcifer provoca encontra sua resposta por intermédio de Ármã. Vimos Lúcifer, com todo o seu exército, atuar no elemento que depois daria, em termos concretos, a contribuição da cultura grega à evolução humana geral: nos heróis gregos, em seus lutadores e artistas. Lúcifer penetra nos corpos astrais e faz com que estes se inflamem pelos mais elevados objetos de veneração. Assim, aquilo que deveria afluir para a evolução com a cultura grega torna-se, ao mesmo tempo, entusiasmo da alma do povo. Justamente aí está envolvido Lúcifer. E como Lúcifer deve sua força ao ciclo da Lua, e não ao da Terra, provoca Ármã; enquanto Lúcifer desenvolve sua atividade de época em época, Arimã junta-se a ele e destrói, parte por parte, o que Lúcifer realizou na Terra. A evolução universal do homem consiste numa constante atuação entre Lúcifer e Ármã. Se Lúcifer não atuasse na humanidade, faltaria o fervor e o entusiasmo à corrente contínua da evolução humana; se não estivesse presente Ármã, que novamente destrói, de povo em povo, o que provém não da corrente contínua, e sim do impacto luciférico, Lúcifer desejaria perpetuar cada uma das culturas. Deste modo, vemos aqui Lúcifer conjurar seu próprio carma, que é uma conseqüência necessária da evolução da antiga Lua. E a conseqüência é ter Arimã continuamente em seu encalço. Arimã é a realização cármica de Lúcifer.

Acervo Virtual Espírita

O exemplo dos seres luciféricos e arimânicos abre-nos uma visão do carma das entidades superiores. Lá no alto também existe carma. Em toda parte onde existem eus, existe carma. Lúcifer e Ármã abrigam, naturalmente, eus em si; por isso os efeitos de suas ações podem retroagir sobre eles próprios. Muitos desses mistérios só poderão ser tratados no verão vindouro, no ciclo sobre a história bíblica da Criação31; desejo mencionar aqui somente um trecho, que lhes poderá revelar quão infinitamente profunda é cada palavra nos verdadeiros documentos ocultos.

Acaso os Senhores já refletiram por que, na história bíblica da Criação, ao fim de cada dia da Criação consta a sentença "E os Elohim olharam para sua obra e viram que era boa", que "era a melhor possível" ?32 São palavras cheias de significado. Por que figuram ali? A própria frase demonstra ser citada como uma característica dos Elohim, que na Lua tiveram um desenvolvimento normal e cujo adversário é Lúcifer. Pertence à característica dos Elohim o fato de eles terem constatado, após cada dia da Criação, que sua obra era "a melhor possível". Tal menção é feita porque este grau era a conquista dos Elohim. Na Lua eles só podiam enxergar sua obra enquanto a produzissem, não lhes sendo possível ter dela uma consciência posterior. A condição de, a posteriori, poder olhar retrospectivamente para o trabalho graças ao pensamento reflexivo constitui um grau especial na consciência dos Elohim. Isso só foi possível na Terra; e o caráter mais íntimo dos Elohim evidencia-se no fato de o elemento volitivo jorrar de seu ser de modo tal que, ao observarem eles sua obra, esta lhes parecia "a melhor possível". Foram os Elohim que, depois de terminado seu trabalho na Lua, olhando para a Terra puderam dizer: "Pode ficar como está, esse é o melhor possível!" Para isso, contudo, a evolução na antiga Lua tinha de estar terminada.

O que ocorreu com as entidades luciféricas, ou seja, com as entidades que não haviam terminado sua evolução na Lua? Elas também terão de tentar, na Terra, olhar a posteriori para sua obra — por exemplo, para sua contribuição à cultura grega com seu fogo e entusiasmo. E então perceberão como Ármã despedaçou sua obra parte por parte! E por não a haverem terminado, terão de dizer que, ao olharem para sua obra, viram que ela não éa melhor possível, devendo ser apagada!

É essa a grande decepção dos espíritos luciféricos: eles tentam realizar sempre de novo sua obra, desejando dar ao pêndulo um impulso em determinada direção — mas sempre a vêem destruída por Ármã. Os Senhores devem pensar que na evolução da humanidade ocorre uma ondulação ascendente e descendente, um constante atiçar de novas forças efetuado por entidades superiores a nós, e que essas entidades sofrem constantemente decepções. Isto está

[31] Ciclo de conferências proferidas posteriormente em Munique, de 16 a 28.8.1910. Em *Die Geheimnisse der biblischen Schopfungsgeschichte,* GA-Nr. 122 (Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1976). (N.E.)
[32] Primeiro livro de Moisés (Gênesis), 1. (N.E. orig.)

Acervo Virtual Espírita

contido nas vivências dos espíritos luciféricos na evolução da Terra. E esse carma, a humanidade teve de assimilá-lo porque só por esse meio o homem podia chegar à verdadeira liberdade. Só pode brotar liberdade quando o homem confere a si próprio o conteúdo mais elevado de seu eu terrestre. Não pode ser livre o eu que o homem possuiria se todos os objetivos lhe fossem dados de presente no fim da evolução terrestre; pois já estava de antemão determinado fazer penetrar nos homens todos os bens da evolução da Terra. O homem só pôde tornar-se livre acrescentando a esse eu um outro eu capaz de errar, sempre capaz de oscilar para o lado do bem ou para o lado do mal, mas também de sempre aspirar ao que constitui o conteúdo de toda a evolução terrestre. O eu inferior tinha de ser acrescentado ao homem por Lúcifer, para que o esforço do homem para elevar-se ao Eu Superior pudesse ser uma ação fundamentalmente sua.

Só dessa maneira a vontade livre também é possível na humanidade. Vontade livre é algo que o homem pode conquistar passo a passo, pois o ser humano está disposto de forma que na vida a vontade livre, para ele, paira como um ideal. Quando, afinal, está livre a vontade humana num estágio mediano da evolução? Ela nunca é livre, porque a qualquer instante pode sucumbir ao elemento luciférico e arimânico; não é livre porque todo homem, depois de haver passado pelo portal da morte, encontrando-se na época ascendente da purificação — possivelmente durante decênios —, tem uma impressão bem definida. O essencial da vida no kamaloka é a visão que temos do grau de nossa própria imperfeição por causa de tudo o que fizemos de imperfeito no mundo é a visão, parte por parte, da maneira pela qual nos tornamos imperfeitos. Origina-se aí a determinação de eliminar tudo o que fizemos de imperfeito. A vida no kamaloka consiste em juntar intenção por intenção e tomar a decisão global: "Tens de consertar tudo o que pensaste e fizeste e que te arrastou para baixo!" O que o homem então sente imprime-se em sua vida posterior e, com essa intenção, entra na existência pelo nascimento — carregando, com isso, seu carma. Portanto, não podemos dizer que possuímos uma vontade livre ao entrar na existência pelo nascimento. Só podemos dizer que nos estamos aproximando de uma vontade livre na medida em que conseguimos dominar as influências de Lúcifer e Arimã; e só conseguimos dominar as influências luciféricas e arimânicas por meio do conhecimento — primeiro pelo autoconhecimento, tornando-nos cada vez mais capazes, também na vida entre o nascimento e a morte, de conhecer nossas fraquezas nas três características anímicas: pensar, sentir e querer. Esforçando-nos cada vez mais para não nos entregarmos a ilusão alguma, cresce então, em nosso eu, a força para conseguirmos dispensar a influência luciférica; tornamo-nos assim cada vez mais capazes de decidir quanta dedicação merecem os bens da humanidade, pouco a pouco conquistados. Em segundo lugar, dominamos as citadas influências pelo conhecimento do mundo exterior, que precisa ser complementado pelo

Acervo Virtual Espírita

autoconhecimento; ambos devem atuar em conjunto. Precisamos unificar, com nosso ser, o conhecimento do mundo exterior e o autoconhecimento; então estaremos em condições de adquirir uma relação clara com Lúcifer.
A característica do que adquirimos como conhecimento antroposófico consiste em sabermos o quanto Lúcifer e Ármã participam de cada ato, tendência e paixão humanos. Neste ciclo de conferências, não temos feito outra coisa senão esclarecer-nos sobre a maneira de atuar, imensamente variada, de Lúcifer e Ármã em nossas vidas! Em nossa época, porém, pode ter início o esclarecimento sobre as forças luciféricas e arimânicas. E o homem deve ser esclarecido, caso realmente queira contribuir com algo para se alcançar a meta da humanidade na Terra.
Para onde quer que os Senhores dirijam o olhar, verão que em toda parte onde existem sentimentos e pensamentos humanos os homens estão longe de um autêntico e verdadeiro conhecimento sobre as influências de Lúcifer e Arimã. E verão que a maior parte da humanidade nem sequer deseja esse conhecimento. Verão uma grande parte dos homens cair num certo egoísmo religioso: o de querer chegar, com sua alma, àquele estado de maior bem-estar imaginável. É um egoísmo em que podem intrometer-se as maiores cobiças, sem que os homens tenham consciência disso. Em nenhuma outra circunstâncias Lúcifer se imiscuí mais em nossos sentimentos do que quando os homens aspiram ao divino, a partir de suas paixões e cobiças, sem que o divino se lhes tenha tornado claro pela luz do conhecimento. Acaso os Senhores não acreditam que Lúcifer atue muitas vezes justamente quando os homens crêem estar ansiando pelas coisas mais sublimes? Porém as formas assim almejadas terão igualmente de fazer parte das decepções de Lúcifer. E aqueles que acreditam poder alcançar qualquer tipo de cultura espiritual baseando-se em cobiças desordenadas, pregando sempre que a Antroposofia é ruim por acreditar em algo novo, deveriam considerar que não depende da vontade humana o fato de Arimã seguir no encalço de Lúcifer. As formas que se desenvolveram no decorrer da evolução também voltarão a perecer por meio de Lúcifer devido à intromissão de Ármã. Só se salvará a corrente contínua da evolução da humanidade.
Remontemos, portanto, a uma fase evolutiva passada, quando certos seres ficaram para trás, sacrificando-se por nós! Sabemos, agora, que esses seres precisam realizar seu carma por nossa causa, para que possamos concretizar normalmente o que eles podem infundir em nós. Sim, de fato, originalmente Javé infundiu no homem a aptidão para o eu, mediante o sopro divino; mas caso houvesse advindo apenas o sopro divino, que pulsa no sangue humano, não acompanhado do elemento capaz de desviar-se daquilo que o sopro de Javé pode dar, caso não trabalhassem em seu interior tanto impulsos luciféricos como arimânicos, o homem poderia alcançar o ‘o quê’ [o conteúdo] da dádiva de Javé, mas não o ‘como’ [o modo], percebendo-a com seu eu livre e

Acervo Virtual Espírita

autoconsciente. Assim, de fato coincide com o sentido da evolução universal o fato de certas entidades terem ficado para trás, na Antiga Lua.
Vivemos hoje numa época que, de fato, nos permite olhar retrospectivamente para muitas desilusões de Lúcifer; mas ela também nos possibilita olhar para um futuro no qual aprenderemos a compreender, cada vez mais, em quê consiste a corrente contínua da evolução, para podermos postar-nos sempre mais conscientemente perante as influências luciféricas — tornando-nos progressivamente aptos a reconhecer impulsos luciféricos em nós mesmos e aproveitá-los conscientemente, de maneira correta e proveitosa, para o desenvolvimento da humanidade, ao passo que anteriormente esses impulsos atuaram nela como uma pressão obscura da qual o homem não tinha consciência. E o mesmo ocorre em relação às influências arimânicas.
Eis aqui uma das áreas onde se pode chamar a atenção para a circunstância de justamente na atualidade termos, por assim dizer, uma importante época evolutiva da humanidade, isto é, a época em que, em certo sentido, as forças se invertem. Já foi explicado a muitos dentre os Senhores o fato de estarmos diante de uma época em que certos indivíduos irão desenvolver capacidades anímicas diferentes daquelas válidas hoje. O que hoje, por exemplo, a Antroposofia revela a partir dos acontecimentos da pesquisa espiritual — que o homem possui um corpo etérico além do corpo físico — é coisa sabida apenas, mediante observação, por quem fez um treino metódico. Mas ainda antes de decorrida metade do século XX — conforme sabemos pela leitura da Crônica do Akasha — haverá indivíduos com um desenvolvimento natural para uma clarividência etérica; estes perceberão o corpo etérico permeando o corpo físico e ultrapassando-o no contorno, pelo fato de humanidade ter chegado ao momento em que essas coisas se desenvolverão como dom natural. Assim como o homem, em seu desenvolvimento, desceu de uma visão do mundo espiritual para a atual percepção apenas exterior e física, bem como para a compreensão racional do mundo, agora ele começa pouco a pouco a desenvolver capacidades novas, porém conscientes. Essas novas capacidades se juntarão às antigas, e uma capacidade especial será a seguinte, que posso caracterizar do seguinte modo:
Haverá pessoas — inicialmente umas poucas, pois esta capacidade só se desenvolverá para um número maior no decurso dos próximos dois ou três milênios, sendo que os primeiros precursores existirão antes de decorrida a primeira metade do século XX — para as quais surgirá algo como o seguinte: elas terão vivenciado um ato qualquer e serão tentadas a recuar, um tanto, do ato. Em seguida terão diante de si uma imagem do referido ato. De início elas não a reconhecerão, não encontrando relação alguma com o que fizeram; mas depois, já tendo ouvido falar da Ciência Espiritual, chegarão a saber que a imagem, manifestando-se a elas como uma espécie de imagem onírica,

Acervo Virtual Espírita

consciente, é a contra-imagem de sua própria ação, ou seja, a imagem do ato que deve acontecer para o ato recém-realizado encontrar sua realização cármica. A humanidade encontra-se, efetivamente, diante de uma época em que começará não só a compreender o carma de acordo com os ensinamentos e explicações da Ciência Espiritual, mas a ter, aos poucos, uma visão dele. Enquanto até agora o carma tem sido, para os homens, um impulso obscuro que só podia realizarse na vida seguinte, que só na vida entre a morte e o novo nascimento podia ser transformado em intenção, os homens estão desenvolvendo-se gradualmente rumo à capacidade de perceber conscientemente as criações de Lúcifer e o modo como se apresentarão em seus efeitos. É verdade que só saberão lidar com essa clarividência etérica os indivíduos que se tiverem esforçado para ter o conhecimento e o autoconhecimento. Cada vez mais os homens terão diante de si, em estado normal, as imagens cármicas de seus atos. Isso lhes será benéfico, pois assim eles saberão o quando ainda devem ao mundo, qual é a dívida em sua conta corrente cármica. É justamente a ignorância do quanto ainda está devendo ao mundo o que torna o homem não-livre. Sendo assim, não se pode falar algo de vontade livre ao discorrer sobre o carma. O termo 'vontade livre' já é, por si, falso — pois o homem só se torna livre por seu conhecimento cada vez mais abrangente e ao elevar-se e integrar-se cada vez mais ao mundo espiritual. Com isto se preenche sempre mais com o conteúdo desse mundo espiritual, tornando-se progressivamente um ser que determina sua vontade. Não é a vontade que pode tornar-se livre, e sim o homem como tal, ao permear-se com o que pode conhecer no âmbito espiritualizado da existência universal.

Considerando as desilusões de Lúcifer e seus atos, podemos dizer que há milênios está assentada a base sobre a qual nos postamos — pois caso não nos situássemos onde estamos, não poderíamos desenvolver-nos no sentido da liberdade. Porém, tendo conseguido esclarecer-nos acerca de Lúcifer e Arimã, poderemos adquirir uma outra relação para com essas forças; poderemos colher frutos do que foi feito e assumir, por assim dizer, o trabalho de Lúcifer e Arimã. É verdade que as ações de Lúcifer, efetuadas por ele e tendo continuamente levado a desilusões, têm de inverter-se para seu oposto ao serem realizadas por nós. As ações de Lúcifer tinham de despertar cobiças, tinham de conduzir o homem a situações que pudessem desembocar no mal. Já vimos qual tipo de força oposta é necessária para atuar contra Lúcifer: se formos nós mesmos quem deve opor-se a Lúcifer, se tivermos de encarregar-nos futuramente de seus encargos, só o amor poderá, em nós, tomar o lugar das ações luciféricas' mas ao amor isso será possível. Entretanto, poderá igualmente tomar esse lugar aquilo que também nos aflui do mundo externo, à medida que removermos a escuridão entretecida por nós à matéria exterior. Se removermos cada vez mais essa escuridão, quando ela desaparecer e, assim, conseguirmos superar completamente a influência arimânica, estaremos em condições de conhecer o

Acervo Virtual Espírita

mundo tal como este realmente é, qual mundo terreno. Então, paulatinamente nos aproximaremos de um conhecimento que ainda hoje está reservado à Ciência Espiritual: penetraremos até ao que é verdadeiramente matéria, até à natureza da luz. Hoje em dia, a própria ciência ainda se entrega à maior variedade de ilusões acerca da natureza da luz. Há quem acredite que se veja a luz com olhos físicos. Isto não é correto. Com olhos físicos não vemos luz, mas apenas objetos iluminados; vemos cores nos corpos. Não se vê luz; vê-se por meio da luz. Todos os enganos desse tipo serão removidos. Graças a isso, a imagem do mundo, necessariamente entretecida de erros sob a influência de Ármã, se transformará e se impregnará com o conteúdo da sabedoria. Achegando-se à luz, o homem desenvolverá por si a contra-imagem anímica da luz. E a contra-imagem anímica da luz é a sabedoria.

Com isso, amor e sabedoria penetrarão na alma humana. Amor e sabedoria serão a força prática, o autêntico impulso de vida que deverá resultar da cosmovisão antroposófica. A sabedoria, que é a contra-imagem interior da luz e pode unir-se ao amor, e o amor, que se impregna com sabedoria, encontrarão o caminho direto para atuar, por sua vez, sobre o que está imerso na sabedoria do mundo exterior. Se quisermos tornar-nos gradualmente partícipes da outra metade da evolução, para voltar a superar Lúcifer e Arimã, teremos de permear-nos com sabedoria e amor. Desenvolvendo sabedoria e amor estaremos desenvolvendo os elementos que, por sua vez, fluirão de nossas próprias almas como dádivas para os que, na primeira metade da evolução terrestre, sacrificaram-se como poderes luciféricos e arimânicos para proporcionar-nos o que necessitamos para a conquista de nossa liberdade. Teremos de doar a esses poderes a sabedoria e o amor que assim iremos desenvolver. Todavia, teremos de ter consciência de que, por precisar existir vida no mundo, devemos adotar culturas que sejam meios de expressão para essa vida. Queremos dedicar-nos com alegria e amor a uma cultura antroposófica que não será eterna, mas queremos acolhê-la com entusiasmo e criar, com amor, aquilo a que anteriormente fomos impelidos pela influência de Lúcifer. Pelo fato de agora reconhecermos que por amor teremos de criar aquilo a que, anteriormente, tivemos de ser impelidos tanto pela influência luciférica como por cobiças e paixões, desenvolveremos agora, depois de tudo isso, um excedente tanto maior de amor. Se apenas desenvolvêssemos o amor necessário, não chegaríamos a desenvolver uma cultura após a outra. A Antroposofia há de ser algo que satisfará, com dedicação e amor, qualquer exigência de sua época; e o fará com entusiasmo igual àquele que fez agir os homens, em épocas anteriores, sob a influência de Lúcifer. Não mais teremos a ilusão de duração eterna daquilo que fazemos; mas ao criar, com amor cada vez mais intenso, uma cultura após a outra, criaremos um excedente de amor. Este beneficiará Lúcifer, e com isto serão também reparadas suas desilusões. Dependerá de nós o fato de poderem

Acervo Virtual Espírita

ser reparadas, em Lúcifer, as desilusões que ele teve de sofrer; para isso teremos de devolver o que foi empreendido a nosso favor.
A outra parte do carma das entidades superiores consiste no fato de desenvolvermos um amor que não permaneça apenas no âmbito da humanidade, mas que seja chamado a penetrar no Cosmo. Seremos capazes de fazer afluir o amor para entidades superiores a nós, e estas irão senti-lo como sacrifício — um sacrifício anímico. O sacrifício anímico ascenderá aos que outrora derramaram suas dádivas da mesma maneira como outrora a fumaça dos sacrifícios se elevava aos espíritos, em épocas em que os homens ainda possuíam os bens espirituais. Naquele tempo, os homens só podiam enviar aos deuses os sacrifícios simbólicos. No futuro eles enviarão aos espíritos correntes de amor, e desses sacrifícios de amor, por sua vez, fluirá algo para os homens: forças superiores que, dirigidas pelo espiritual, interferirão em nosso mundo físico com poder cada vez maior. Serão, no verdadeiro sentido da palavra, forças mágicas.
Vemos, dessa forma, o carma da humanidade e dos seres superiores realizar-se no decorrer da evolução humana. Compreendemos também, nesta altura, como o plano da evolução se posiciona em relação ao carma humano individual. Suponhamos que uma individualidade supra-humana houvesse exercido, em 1910, uma atuação qualquer que, depois, tenha sido realizada no plano físico por um ser humano; teria havido, assim, um contato entre aquela individualidade supra-humana e o homem. O homem teria sido então entretecido ao carma das entidades superiores. Trata-se de uma correspondência perfeita. Mas então lhe aflui, dos mundos superiores, uma corrente que introduz algo em sua vida; ele tem um novo encargo, que é acrescentado ao seu carma e confere a inclinação para um ou outro lado. Desse modo o carma humano é fecundado pelo carma geral que flui através do mundo.
Consideremos, por exemplo, Miltíades ou qualquer outra personalidade: eles tinham de ocupar seu lugar no grande plano da história de seu povo; certas coisas eram determinadas pelo carma dos poderes superiores — e ei-los colocados em seu posto! Para a conta de seu carma individual fluiu algo que deveria caber à humanidade inteira. E na medida em que eles o realizavam, juntando-lhe atos e realizações, esse se tornou seu carma individual. Dessa forma, nós também vivemos no macrocosmo com nosso carma individual qual um mundo pequeno, um microcosmo.
Com isto estamos no fim do curso, embora não no fim do assunto. Contudo, não pode ser de outra maneira. Desejo apenas acrescentar que proferi esta série de conferências do fundo de minha alma, por me ter sido possível tratar das questões humanas que tão profundamente comovem o coração e que, por outro lado, relacionam-se com o destino, mesmo de entidades superiores; estou contente pela possibilidade de ter falado sobre essas coisas num ramo[33]

[33] Grupo de leitura e estudo das Sociedades Antroposóficas locais. (N.E.)

Acervo Virtual Espírita

antroposófico, entre amigos antropósofos que acorreram de todos os lados para dedicar-se a considerações sobre tais questões. Os que vierem a ter oportunidade de assistir a outros cursos verão serem respondidas muitas das perguntas que alguns ainda carregarão consigo ao término deste ciclo. Mas também os que não puderem vir assistir aos cursos de verão terão, mais tarde, o ensejo de conversar comigo sobre o assunto. E nesta oportunidade eu gostaria de voltar a dizer que os pontos tratados não devem ser considerados meros conhecimentos abstratos; devem transpor-se a todo o nosso pensar, sentir e querer, para toda a nossa vida — de modo a se poder ver, nos antropósofos do mundo todo, exemplos e imagens daquilo que se pode denominar como as mais profundas verdades antroposóficas. Procuremos fazer de nós tais exemplos e imagens; só então teremos, neste mundo, uma corrente espiritual antroposófica. Em nosso círculo restrito, esta corrente espiritual antroposófica precisa consistir, de início, em observação do conhecimento espiritual. Mas depois — inicialmente, só em nossos círculos de membros — esses conhecimentos precisam tornar-se disposição anímica e, como tal, defrontar-se com o mundo. E aos poucos o mundo compreenderá não ter sido em vão que na virada do século XX tenham existido antropósofos retos e honestos, pessoas que reta e honestamente acreditaram no poder dos seres espirituais. E por terem acreditado, foram, elas próprias, permeadas por aquele poder para atuar em seu sentido. A cultura entrará cada vez mais depressa em nossa vida se os Senhores mesmos transformarem o que ouvem em convicção, atuação e atos. Não, porém, convencendo as pessoas! Para isto a cultura contemporânea é pouco adequada. Só serão verdadeiramente convencidos os que se acercarem da Antroposofia a partir de um profundo impulso do coração; os outros não ficarão convencídos. Temos também esse carma, em círculos espirituais, como algo que o materialismo teve de provocar, e precisamos considerar esse prejuízo como algo perante o quê a Ciência Espiritual deverá comprovar-se como um poder espiritual.

Deste modo, o que pudermos dar ao mundo deveremos dá-lo com disposição anímica. Todo aquele que tiver feito da Antroposofia a vida íntima de sua alma será uma fonte espiritual de forças. E quem acredita no supra-sensorial pode estar convencido de que nossos conhecimentos e sentimentos antroposóficos atuam espiritualmente, ou seja, expandem-se sobre o mundo de modo invisível, desde que realmente façamos de nós um instrumento consciente, permeado pela vida antroposófica.

Fim.

Acervo Virtual Espírita